



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

JARLEANE DO SOCORRO BARBOSA DE MELO DOS SANTOS

**FESTIVAL DAS TRIBOS INDÍGENAS (FESTRIBAL):
saberes e vivências da criança jurutiense**



**Belém-Pará
2023**

Jarleane do Socorro Barbosa de Melo dos Santos

FESTIVAL DAS TRIBOS INDÍGENAS (FESTRIBAL):
saberes e vivências da criança jurutiense

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós- Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Pará. Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Orientadora: Profa. Dra. Nazaré Cristina Carvalho.

BELÉM-PA
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém - PA

Santos, Jarleane do Socorro Barbosa de Melo dos

Festival das tribos indígenas (Festribal): saberes e vivências da criança jurutiense / Jarleane do Socorro Barbosa de Melo dos Santos; orientadora Nazaré Cristina Carvalho. - Belém, 2023.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará.
Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2023.

1.Crianças indígenas-Juruti-PA.2.Saberes.3. Cultura-Juruti-PA.I.Carvalho, Nazaré Cristina (orient.). II. Título.

CDD 305.8

Regina Coeli A. Ribeiro - CRB-2/739

Jarleane do Socorro Barbosa de Melo dos Santos

FESTIVAL DAS TRIBOS INDÍGENAS (FESTRIBAL):
Saberes e vivências da criança jurutiense

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós- Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Pará. Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Orientadora: Profa. Dra. Nazaré Cristina Carvalho.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Nazaré Cristina Carvalho - Orientadora
Doutora em Educação Física e Cultura – (UGF/RJ)
Universidade do Estado do Pará- UEPA

Prof. Dr.^a Ivone Maria Xavier Amorim Almeida – Membro Externo
Doutora em História Social – (PUC/SP)
Universidade Federal do Estado do Pará- (ICA/UFPA)

Profa. Dr.^a Tânia Regina Lobato dos Santos – Membro Interno
Doutora em Educação – (PUC/SP)
Universidade do Estado do Pará – UEPA

AGRADECIMENTOS

Aproveito esse espaço para agradecer a Deus, a todos e todas que de alguma forma contribuíram para meu crescimento pessoal e acadêmico, sem o incentivo de vocês eu não teria conseguido chegar até aqui. Com todo afeto e amizade, gostaria de agradecer:

Ao dador da vida, aquele que sabe o momento de tudo e que me proporcionou estar aqui nesse momento e, por ter me concedido saúde, força e persistência nessa caminhada.

À minha amada Naza, pelas orações e amparo materno em todos os momentos da minha existência e ao meu pai João Melo por me incentivar a buscar mais e mais conhecimento, sei que tudo foi com luta, mas principalmente com muita dedicação e amor, vocês me deram a educação sem a qual eu não teria chegado a lugar algum. Vocês dois são o meu grande orgulho e eu quero que tudo o que eu faça em toda minha vida sejam provas de que o pouco que vocês acham que fizeram por mim, na verdade foi muito mais do que qualquer filha no mundo poderia querer. Vocês me deram simplesmente tudo e vão estar eternamente em tudo que eu fizer.

Aos meus “passarinhos”, Mauro Filho e João Murilo, meus filhos amados, esse sonho é nosso, obrigada por entenderem que por muitas vezes não consegui estar por perto, mas vocês estavam ali do meu lado, mostrando que se precisasse eu tinha com quem contar. Meu amor por vocês vai além do infinito e muito mais. Conseguimos filhos!

Ao meu amado companheiro de vida e de lutas, meu amor Mauro Santos, obrigada por estar comigo em todo o processo do mestrado, por acreditar em mim, quando muitas vezes duvidei, por me incentivar todos os dias, por ler meus textos e dar sua opinião ou simplesmente ouvir minhas leituras, pelas muitas xicaras de leite e pelas orações, saiba que seu incentivo, críticas e sugestões foram muito importantes para que eu encontrasse ânimo em todos os momentos da escrita. O esforço é meu, amor, mas o mérito é nosso. Te amo em toda forma de amor.

Aos meus irmãos Janilson e Jailson gratidão a Deus por vocês existirem na minha vida e pelo apoio incondicional, seja técnico ou pedagógico. Dedico a vocês esse título, conseguimos meus amores!

À minha “mana” querida Tatiane Cunha, que conheci no início da caminhada do mestrado e que não imaginava que nossa amizade seria tão forte, nesse percurso

compartilhamos nossas casas, nosso dia a dia. Sorrimos e nos angustiamos inúmeras vezes, mas nos mantivemos firmes uma apoiando a outra. Vivemos a pesquisa uma da outra, sei falar sobre a comunidade quilombola e ela sabe falar sobre o Festrival, vivemos literalmente nossas pesquisas como se fossem uma só. E hoje encerramos mais um ciclo de nossas vidas e certas de que o doutorado nos espera. Amiga não tens ideia de como você foi e é importante nesse caminhar acadêmico e na minha vida. Obrigada por tanto mana.

À minha amiga de alma Hércia que estava ali a todo momento torcendo por mim, se alegrava com minhas conquistas. Dedico a você também esse título amiga. Gratidão por todas as orações.

À minha tia querida Bella que foi amparo nos dias da pesquisa de campo, esteve comigo em todos os momentos, me apoiando tecnicamente (ela era a fotógrafa) me incentivando a continuar mesmo vendo as dificuldades que encontrei, choramos e rimos juntas, obrigada tia, essa vitória é nossa.

À minha amada sogra Nazaré pelas orações e pelo incentivo na minha busca por mais conhecimento. Mesmo nesse momento difícil pelo qual está passando, mas sempre se alegrou com minhas conquistas. Te amo vovó.

À nossa Rosa que há quinze anos me acompanha nessa caminhada (pessoal, profissional e acadêmica). Obrigada por cuidar dos meus filhos, obrigada por cuidar de nós, com todo amor e carinho. Gratidão, você é muito especial!

À minha estimada orientadora Prof.^a DR^a. Nazaré Cristina Carvalho, pela oportunidade de realizar esta pesquisa, por acolher minhas inseguranças e respeitar meu tempo de escrita, lembro de como foi difícil pensar além do contexto educativo formal e você me impulsionou a entender um pouco mais o contexto das manifestações culturais, pelo olhar e inocência da criança. Agradeço por todo ensinamento compartilhado de forma sensível e por me guiar nos primeiros passos da pós-graduação. Obrigada pelo respeito, afeto e amizade.

Ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo apoio financeiro ao longo destes dois anos de pesquisa.

Às professoras examinadoras DR^a. Prof.^a Ivone Xavier Amorim Almeida e a Prof.^a DR^a Tânia Regina Lobato dos Santos pelas ricas contribuições e por ampliarem meu olhar sobre a pesquisa.

À professora Simei Andrade meu agradecimento especial pela partilha de conhecimento, experiência e aprendizado, você foi muito importante para meu

crescimento acadêmico. Você me inspira a falar mais sobre a “espetacularidade” da criança amazônida. Gratidão!

À Associação Folclórica Tribo Munduruku (AFTM), na pessoa do Senhor Alex Guedes e do coordenador da tribo Munduruku mirim Thiago Silva. A Associação Folclórica Cultural e Recreativa Tribo Muirapinima (AFCRTM), na pessoa do senhor Sandro Silva e da coordenadora da tribo Muirapinima mirim Fernanda Kobayshi, assim como a toda a comunidade tribal das respectivas tribos, a pesquisa só se tornou realidade porque vocês permitiram entender os muitos saberes advindos do Festribal. Minha gratidão a todos vocês!

Ao amigo professor Jorge Carvalho que me recebeu com muito afeto em sua casa e me contou com brilho nos olhos toda a magia e beleza existentes no espetáculo tribal, as informações repassadas por ele foram muito importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Ressalto mais uma vez minha admiração e afeto.

A turma 17 minha gratidão a todos e todas pelas trocas de experiências e aprendizado compartilhado. Evidencio aqui meu afeto e amizade.

Ao programa de Pós-graduação em Educação – PPGED pelo acolhimento nesses dois anos. Em especial aos professores por contribuírem com meu crescimento acadêmico a partir de olhares outros sobre a educação em contexto escolar e não escolar.

Às crianças-brincantes do Festribal participantes da pesquisa que narraram de forma alegre e descontraída os saberes advindos da festa das tribos, dando sentido ao objetivo da pesquisa. Saibam que suas vozes me permitiram entender o processo educativo que existe no interior do Festribal. Minha eterna gratidão!

Às famílias das crianças-brincantes por permitirem a participação dos pequenos e pela confiança na pesquisa. Obrigada!

Às crianças-brincantes do Festibal, obrigada por partilharem comigo todo saber adquirido na festa que exalta a cultura ancestral. Descobri com vocês a importância de vivenciar e valorizar os saberes dos povos da terra-floresta. Gratidão!!!(Jarleane Santos)

As crianças produzem culturas, elas inventam, criam, recriam, reproduzem suas histórias de vida com narrativas do seu lugar – a Amazônia. Compreender as crianças produzindo culturas é percebê-las na sua cotidianidade, na sua interação com o mundo, com os saberes, o que dá sentido de alguma forma aos seus aprendizados. (ANDRADE, 2022).

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivos identificar e analisar os saberes vivenciados e compartilhados pelas crianças que dançam no Festival das Tribos Indígenas da cidade de Juruti/PA, assim como os possíveis processos educativos no compartilhar desses saberes. Como método de estudo optamos pela Etnometodologia com o intuito de pormenorizar a descrição dos objetos que se está investigando, estes associados a elementos etnográficos, assim, buscamos princípios teórico-metodológicos que orientassem o trabalho de campo e ajudassem na escrita e reflexão desta investigação, por meio do olhar e do escutar o outro. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois, o maior interesse nesse estudo é capturar a perspectiva do participante nas situações cotidianas, assim, utilizei como técnicas para a coleta de dados a observação participante, a roda de conversa, entrevista individual, diário de campo, registro fotográfico e filmagem que ajudaram a dialogar com os sujeitos envolvidos na investigação e a compreender os objetivos do estudo. Para analisar esses dados fiz uso da análise de conteúdo com o objetivo de ultrapassar as incertezas da pesquisa e enriquecer a leitura dos dados coletados. Ao final do estudo realizado com doze (12) crianças, seis (6) de cada tribo, identifiquei cinco (5) saberes e práticas educativas compartilhados e vivenciados nesse contexto tribal: da ludicidade, do compartilhar, da afetividade, da espetacularidade, da ancestralidade. Nesse entendimento, concluí que diante das narrativas feitas e da compreensão dos saberes identificados no contexto do Festribal e da relação entre saberes e educação, entendemos que os processos educativos também são evidenciados em espaços culturais e que as crianças-brincantes, intérpretes desse estudo, vivenciam, partilham e perpetuam esses saberes com seus pares por meio da sua representatividade na dança.

Palavras-chave: Cultura; Saberes; Vivência; Criança-brincante; Festribal.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivos identificar y analizar los saberes vividos y compartidos por los niños que bailan en la Fiesta de las Tribus Indígenas en la ciudad de Juruti/PA, así como los posibles procesos educativos en la compartición de esos saberes. Como método de estudio optamos por la Etnometodología con el fin de detallar la descripción de los objetos investigados, estos asociados a elementos etnográficos, a través de mirar y escuchar al otro. Esta es una investigación cualitativa, ya que el principal interés de este estudio es captar la perspectiva del participante en situaciones cotidianas, por lo que utilicé como técnicas de recolección de datos la observación participante, círculo de conversación, entrevista individual, diario de campo, registro fotográfico y filmación que ayudó a dialogar con los sujetos involucrados en la investigación y a comprender los objetivos del estudio. Para analizar estos datos, utilicé el análisis de contenido con el fin de superar las incertidumbres de la investigación y enriquecer la lectura de los datos recopilados. Al final del estudio realizado con doce (12) niños, seis (6) de cada tribu, identifiqué cinco (5) saberes y prácticas educativas compartidas y vivenciadas en este contexto tribal: lúdica, compartir, afectividad, espectacularidad, ancestralidad. En ese entendimiento concluí que ante las narrativas realizadas y la comprensión de los saberes identificados en el contexto de Festrival y la relación entre saber y educación, entendemos que los procesos educativos también se evidencian en los espacios culturales y que los niños-jugadores, intérpretes de este estudio, experimentan, comparten y perpetúan este conocimiento con sus pares a través de su representación en la danza.

Palabras llave: Cultura; Conocimiento; Experiencia; Niño-jugador; Festrival.

LISTA DE FOTOS E FIGURAS

IMAGEM 1	Espaço dos ensaios da tribo Munduruku.....	19
IMAGEM 2	Tribo Munduruku mirim/apresentação no tribódromo.....	48
IMAGEM 3	Explicando para a comunidade tribal sobre o objetivo da pesquisa, TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido)	56
IMAGEM 4	Lanche organizado antes da roda de conversa.....	58
IMAGEM 5	Momento das entrevistas individuais.....	60
IMAGEM 6	Centro da Cidade de Juruti.....	63
IMAGEM 7	Mapa da localização do Município de Juruti/ PA.....	65
IMAGEM 8	Pontos turísticos e paradisíacos da cidade de Juruti.....	67
IMAGEM 9	Círio fluvial da Padroeira de Juruti/Nossa Senhora da Saúde....	69
IMAGEM 10	Antes e depois da arena tribódromo.....	83
IMAGEM 11	Alegorias confeccionadas por artesãos da região.....	84
IMAGEM 12	Cartaz da tribo Munduruku.....	86
IMAGEM 13	Cartaz da tribo Muirapinima.....	87
IMAGEM 14	Tribo mirim, preparação para a apresentação no tribódromo....	90
IMAGEM 15	Professor Jorge Carvalho e seu quadro de recordações do Festribal.....	91
IMAGEM 16	Criança PcD visual, inclusão no contexto tribal.....	94
IMAGEM 17	Ensaio geral para o dia das apresentações no tribódromo.....	97
IMAGEM 18	Crianças brincando e se divertindo no intervalo dos ensaios....	102
IMAGEM 19	Crianças nos ensaios, o ensinar e o aprender no contexto das tribos.....	106
IMAGEM 20	Criança na noite do Festribal, representando a tribo.....	109
IMAGEM 21	Crianças no ensaio geral, tribo coreografada.....	112
IMAGEM 22	Ritual do pajé, encenando a ancestralidade dos povos indígenas.....	115

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Síntese do levantamento das produções acadêmicas com descritores relacionados a “festas e festivais da cultura popular” no período de 1999 a 2021.....	28/29
QUADRO 2	Síntese do levantamento das produções acadêmicas com descritores relacionados a “crianças, crianças na cultura Amazônica e crianças em manifestações culturais” no período de 1999 a 2021.....	31
QUADRO 3	Síntese do levantamento das produções acadêmicas com descritores relacionados a “saberes “no período de 1999 a 2021.....	33/34
QUADRO 4	Perfil sócio-histórico e cultural dos intérpretes: tribo Munduruku.....	51
QUADRO 5	Perfil sócio-histórico e cultural dos intérpretes: tribo Muirapinima.....	51
QUADRO 6	Sistematização dos saberes identificados no Festival das Tribos indígenas de Juruti/PA.....	116/117

LISTA DE SIGLAS

UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFPA	Universidade do Federal do Pará
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFF	Universidade Federal Fluminense
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UFRGN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
CCSE	Centro de Ciências Sociais e Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
AFTM	Associação Folclórica Tribo Munduruku
AFCRTM	Associação Folclórica, Cultural e Recreativa Tribo Muirapinima
PME	Plano Municipal de Educação
ALCOA	Atribuível, Legível, Contemporâneo, Original e Acurado.
PCD	Pessoa Com Deficiência

SUMÁRIO

SEÇÃO I	O COMEÇO DA FESTA: da idealização à pesquisa.....	16
1.1	A festa das tribos: espaço de manifestação de saberes.....	19
1.2	Na elaboração dos objetos, objetivos e estado do conhecimento.....	26
SEÇÃO II	NO RITMO METODOLÓGICO	38
2.1	Movimento da pesquisa: a metodologia	38
2.2	Crianças jurutienses: os intérpretes	47
2.2.1	<i>Perfil sócio-histórico e cultural das crianças-brincantes</i>	50
2.3	Procedimentos para análise dos dados.....	54
2.3.1	<i>Na produção dos dados</i>	56
2.3.2	<i>Encontro com os intérpretes: o início da conversa</i>	58
2.3.3	<i>Seguimos para o próximo passo: entrevistas individuais</i>	60
2.4	Jurutí: o locus	63
2.5	Ética na pesquisa com as crianças: um olhar atento.....	69
SEÇÃO III	POR ENTRE SABERES, CULTURA E EDUCAÇÃO COM OS POVOS ORIGINÁRIOS.....	72
3.1	Educação no contexto não escolar.....	72
3.2	A cultura e seu emaranhado de significados.....	75
3.3	Saberes compartilhados.....	76
SEÇÃO IV	FESTIVAL DAS TRIBOS INDÍGENAS: SABERES E VIVÊNCIAS QUE EMERGEM DA/NA CULTURA AMAZÔNICA.....	79
4.1	Na festa das tribos: celebrando as origens.....	82
4.2	O contexto tribal: Munduruku e Muirapinima.....	85
4.2.1	<i>Tribo Munduruku</i>	88
4.2.2	<i>Tribo Muirapinima</i>	91
4.3	A espetacularidade da criança no contexto das tribos.....	94
SEÇÃO V	PROCESSOS EDUCATIVOS E OS SABERES IDENTIFICADOS NA FESTA DAS TRIBOS	99
5.1	Da Ludicidade.....	101
5.2.	Do Compartilhar.....	104
5.3.	Da Afetividade.....	107
5.4	Da Espetacularidade.....	110
5.5.	Da Ancestralidade.....	113
	SEGUIMOS COM A FESTA (CONSIDERAÇÕES).....	118

REFERÊNCIAS.....	123
-------------------------	------------

APÊNDICES.....	134
-----------------------	------------

A	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	135
B	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	138
C	Perfil sócio-histórico e cultural da criança-brincante.....	141
D	Roteiro de perguntas para roda de conversa e entrevista.....	142

ANEXOS.....	143
--------------------	------------

A	Plataforma Brasil.....	144
B	Termo de autorização da Tribo Munduruku.....	145
C	Termo de autorização da Tribo Muirapinima.....	146

SEÇÃO I

O COMEÇO DA FESTA

Da idealização à pesquisa...

“Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos” (FREIRE, 1991, p. 126)

Meu caminhar acadêmico está voltado para a educação no contexto infantil, nesses 23 anos como educadora, cursei magistério e em seguida pedagogia, a partir daí minhas pesquisas se voltaram para a criança e seu ambiente educativo formal escolar e não formal, o que está explícito no trabalho de conclusão de curso da graduação sob o título “Os métodos de alfabetização na educação infantil”, trabalho que tinha por objetivo descrever os métodos adequados para faixa etária da criança, dando autonomia e liberdade para realizarem suas atividades cotidianas.

Posteriormente, em estudos de especialização, escrevi o artigo intitulado: “Ansiedade infantil em tempo de pandemia: uma abordagem psicopedagógica”, destaquei a importância de se olhar com atenção para a criança frente aos transtornos causados pela pandemia da Covid-19¹, em destaque a ansiedade; assim, elaborei trabalhos que reafirmam o interesse pela criança.

O processo de seleção do Mestrado em Educação da Universidade Estado do Pará – UEPA em 2020, me possibilitou “sonhar a educação” e a continuar a busca por novos aprendizados inerentes ao contexto infantil. Para continuar esse processo em que a criança é destaque, sinto a necessidade de compreender a participação delas em uma manifestação cultural chamada Festrival (Festival das Tribos Indígenas) que acontece na cidade de Juruti/PA, considerando seus saberes, por meio de seu olhar e de sua voz. Pois, não se pode falar de uma educação, que não considere os saberes e a cultura na qual a criança está inserida.

Nesse contexto, quando adolescente quis participar do Festival das Tribos, mas não tive oportunidade. Nasci em uma família cristã, católica, mas com o tempo meus

¹ COVID-19- Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARSCOV-2.

pais mudaram de religião e passaram a se congregarem em uma igreja evangélica e, conseqüentemente, os filhos também (eu e meus dois irmãos). Por conta dos princípios pregados pela igreja evangélica que frequentávamos, festas como o Festibal eram consideradas “profanas e contra os princípios de Deus”. Era difícil na fase da adolescência entender por que não podia participar dessa festa popular.

Assim, por muito tempo desejei viver o Festibal, mas foi somente na fase adulta que consegui vivenciar esta festa através dos meus alunos, com eles consegui experimentar o entusiasmo em participar dessa manifestação cultural, quando os via se preparando o ano todo, nos ensaios e nas escolhas das fantasias, esperando o dia da festa. Os pais incentivam os filhos a participarem dos ensaios e a dançarem no Festibal desde pequenos, pois estes também se preparam para o dia da apresentação. Manifestações culturais como o festival tem seus valores circunscritos nas experiências dos mais velhos, valores que são “constituídos nas relações sociais, são difundidos e perduram até hoje, apesar de reatualizados” (LIMA, 2020, p.12).

Escrever sobre o Festibal e viver experiências culturais com a criança nessa festa, me remetem a desejos passados que convivem comigo no presente e agregam lembranças de que um dia presenciei o festival pelo olhar dos meus alunos. Como afirma Nora (1993), lugares de memória são “sinais de reconhecimento e de pertencimento de um grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos idênticos” (NORA, 1993, p. 13).

Sinto-me pertencente a esse grupo, a esse lugar, a suas memórias, como sintetiza Pollak (1992), a memória, seja ela individual ou coletiva, tem como elementos constitutivos acontecimentos, pessoas e lugares. As experiências são as vividas pessoalmente e ainda aquelas que, não vivenciadas particularmente por nós, foram pelo grupo a que se pertence: assim, foram “vividos por tabela”, resultando numa memória “herdada”.

Para Zumthor (2010) a memória coletiva recupera ou determina o que, do vivido, foi, é, e tem chances de permanecer funcional, afinal, ela é responsável por criar histórias, atar o liame social e, por conseguinte, conferir sua continuidade aos comportamentos que constituem uma cultura.

Assim, o eixo motivacional para pesquisar o tema se deu não só por estar inserida nesse processo cultural desde a adolescência, mas também por querer recuperar o desejo de infância de participar dessa manifestação cultural como “criança-brincante” (ANDRADE, 2020, p. 17).

Dentro e fora da escola se fala no Festribal, a cidade vivencia o ano inteiro a festa em todos seus aspectos, turístico, econômico, cultural. São três dias de festa, e no segundo dia de espetáculo são as “tribos mirins” que fazem as apresentações, é o momento em que a arena tribal² se transforma em um mundo infanto-juvenil voltado para a representatividade dos povos Munduruku e Muirapinima. Um espetáculo que tem como propósito sensibilizar a população jurutiense a conhecer de forma lúdica (através das apresentações das crianças) a cultura local e contribuir para o fortalecimento da identidade histórica e cultural do lugar.

Lembro-me que em 2009 foi a primeira vez que entrei no tribódromo como espectadora, foi emocionante ver meus alunos naqueles passos sincronizados, com roupas coloridas e atentos aos comandos repassados pelo coreógrafo, percebi que não era só uma apresentação, mas eles também se divertiam em todo o processo, nos bastidores do espetáculo, as crianças que esperavam sua vez para entrar na arena, conversavam, brincavam, riam bastante, estavam felizes, notei que as crianças vivenciavam a cultura, ensinavam e aprendiam “eram parte do todo, e não sujeitos a parte” (VENAS, 2019, p. 2).

Observei que naquele lugar as crianças manifestavam seus saberes, e que o Festribal não era apenas o espaço onde se apresentavam a índia guerreira, o tuxaua, o pajé ou a porta estandarte³, mas que ia além, pois essa manifestação cultural é formada por vários elementos e aspectos que merecem ser estudados. Assim, em estudos e discussões das disciplinas do mestrado e nos grupos de pesquisas meu olhar pedagógico foi provocado a ir além dos espaços “autorizados” às crianças, as reflexões me possibilitaram ver que manifestações culturais como o Festribal estão repletas de saberes a serem desvelados. Busco com essa pesquisa compreender os saberes evidenciados nessa manifestação, voltando o olhar para a criança e sua vivência com a festa.

Manifestações como o Festribal fortalecem "a relação das pessoas com suas heranças culturais, estabelecendo melhores relacionamentos destas com estes bens e com a necessidade de preservação e valorização das manifestações" (SILVA, 2017, p. 19). Contudo, este estudo foi desafiador, pois por dois anos não aconteceu o Festribal, por conta da pandemia da Covid-19, mas, também, foi gratificante para

² Nome dado ao tribódromo, lugar onde acontece as apresentações das tribos.

³ Itens (personagens) apresentados no Festribal.

quem viveu em Juruti e viu essa manifestação cultural crescer com o passar dos anos e ganhar notoriedade, são quase 30 anos em que a cultura jurutiense é divulgada para várias partes do Brasil.

1.1- A festa das tribos: espaço de manifestação de saberes

IMAGEM 1- Ensaio na quadra da tribo Munduruku



FONTE: Foto da pesquisa/2022.

As manifestações culturais contribuem para o desenvolvimento social de cada indivíduo, influenciam a visão que se tem do mundo e dão importância à relação das pessoas com suas heranças culturais, heranças que caracterizam a ligação entre costumes, identidades e educação. Falar de cultura é elevar o entendimento “em torno dos saberes que estão além das diferentes manifestações culturais” (SILVA, 2017, p. 20).

Saberes com muitos significados que podem ser representados de diversas maneiras, pois a relação do homem com o saber e a cultura começa na infância e se estende por toda sua vida. Charlot (2000) afirma que o ser humano ao nascer se depara com uma sociedade constituída, na qual, ele aprende com as relações já estabelecidas e com as experiências vividas, nela ele estabelece vínculos, conexões, compartilha e recebe conhecimento, tomando assim seu lugar no mundo. Para o autor a relação que o ser humano tem com o saber é entendida como uma “relação singular de um sujeito com o mundo, consigo e com os outros” (CHARLOT, 2000, p. 78).

Nos reportamos as ideias de Bernard Charlot (2000) para entendermos o sentido e o significado dos saberes para a criança, para o autor “tem significado o que tem sentido”, pois “significar é sempre significar algo a respeito do mundo para alguém ou com alguém” (ibid. p. 56-57), assim, o sentido é produzido nas relações com o mundo e com os outros.

Podemos dizer então que toda situação ou acontecimento que o sujeito já pensou ou questões que ele se propôs a fazer representam algo para ele, ou seja, tem sentido, tem significado, tem importância para sua vida. Para Charlot, faz:

Sentido para um indivíduo algo que lhe acontece e que tem relações com outras coisas de sua vida [...]. é significante (ou por ampliação tem sentido) o que é comunicável e pode ser entendido em uma troca com os outros. Em suma, o sentido é produzido por estabelecimento de relações, dentro de um sistema, ou nas relações com o mundo ou com os outros (CHARLOT, 2000, p. 56).

Assim, quando o autor discorre sobre o que tem sentido e significado para o sujeito, ele retrata também a diversidade social e cultural do indivíduo “com o mundo ou com os outros” (CHARLOT, 2000, p. 56). São saberes adquiridos nessa relação de troca e evidenciados em manifestações culturais, a exemplo, citamos o Festival das Tribos da cidade de Juruti/PA, pois essa manifestação é constituída de símbolos, sentidos, significados e relações de afeto. Contudo, para que se dê sentido a esses saberes e sejam entendidos epistemologicamente, é necessário reforçar a compreensão desses significados para o meio social.

Aqueles que vivenciam as práticas culturais junto ao seu grupo, conseguem fazer a interpretação dessa cultura de maneira “socialmente estabelecidos”, Geertz (2008) enfatiza que para compreender a cultura de um lugar é preciso entender os significados particulares das ações de determinados grupos, e é por meio das práticas sociais que as formas culturais encontram conexão, assim, podemos dizer que a cultura é apresentada e representada no âmbito das relações sociais.

Para Brandão (2008, p. 67), cultura é o entrelaçamento de experiências vividas com o outro no meio em que se vive, para ele tudo “aquilo em que nós nos transformamos ao criarmos as nossas formas próprias – simbólicas e reflexivas” está dentro de “esferas de algum domínio social”, o sujeito que aprende os “saberes” necessários para sua existência, também internaliza valores e conceitos através da experiência com o outro; a socialização ou o aprendizado deste se dará de acordo com os padrões sociais de um dado grupo cultural e do lugar que ele está inserido.

Nessa visão cultural o círculo de ensinar e aprender nasce da interdependência humana e se eterniza nas relações e experiências culturais.

Nesse sentido, as manifestações culturais nos ajudam a compreender outras maneiras de viver, seja no plano concreto ou imaterial, a cultura é intrínseca ao ser humano, e pode ser representada de diversas maneiras, de forma coletiva ou individual ela possibilita ao homem construir um mundo histórico com significações de valores, produzindo sua identidade cultural. A exemplo disso temos as “festas”, nelas se vivencia de forma coletiva, a subjetividade dos grupos culturais. Por séculos, festas como o Festibal são importantes para o entendimento da cultura como intermediação de transformações.

Desse modo, quando nos referimos a festas estamos traduzindo o cotidiano de um povo que através de sua herança marca sua trajetória e sua história, e com isso, muitas mudanças acontecem, pois as festas também auxiliam na compreensão das transformações por meio de uma reorganização social. Como afirma Santos, as festas:

Permitem observar transformações profundas ocorridas na sociedade, no âmbito da cultura, ou compreender complexas relações sociais, tentativas de disciplinas ou controle de educação do povo. Elas se constituem, portanto, em palco das transformações culturais e cenários importantes da vida social; lugar dos conflitos, das exclusões, de controle, de disciplina, da educação e da reforma do povo, assim como de resistência a todos esses processos (SANTOS 2001, p. 96).

Nessa continuidade, festas constituem uma linguagem simbólica que evidenciam valores, afetivos, de resistência, culturais ou econômicos, elas são capazes de mediar diferenças sociais e culturais. Através das festas se expressam costumes, se desvendam disputas em torno de seus limites e legitimidade de forma lúdica. Pensa-se em festa não apenas como um ritual ou como contextualização histórica, mas como entrelaçamento histórico e cultural. Ikeda; Pellegrini afirmam que as festas representam:

Momentos da maior importância social. São instantes especiais, cíclicos, da vida coletiva, em que as atividades comuns do dia a dia dão lugar às práticas diferenciadas que as transcendem, com múltiplas funções e significados sempre atualizados. As diversas espécies de práticas culturais populares podem ser a ocasião da afirmação ou da crítica de valores e normas sociais; o espaço da diversão coletiva; do repasto integrador; do exercício da religiosidade; da confirmação ou da conformação dos laços de identidade e solidariedade grupal (IKEDA; PELLEGRINI, 2008, p. 207).

Para Da Mata (1984), festas são uma realidade paralela e efêmera, onde criam-se sujeitos ou grupos imaginários que podem ser seres míticos ou mesmo de grandes personalidades. Nelas se produzem identidades, através da diversão, do vestuário, da vivência, da alegria, de forma coletiva ou individual.

Nesse entendimento, a obra de Brandão (2010) sobre festas nos leva a reflexão sobre as mensagens e os muitos significados que as festas transmitem. O autor reforça a ordem das relações de um cotidiano onde as pessoas compartilham valores, símbolos, fé e reproduzem saberes, histórias que dão sentido as trocas sociais desses indivíduos e que desenvolvem saberes numa perspectiva de educação, com trocas mais amplas e que conferem sentido e significado a essas relações. Segundo o autor as pessoas

[...] fazem festa porque ela responde alguma necessidade individual ou coletiva, ou cumpre alguma função social que a torna, por outros caminhos, necessária? Ou as pessoas vivem a festa porque ela é um entre outros meios simbólicos através dos quais os significados da vida social são ditos, com dança e canto, mito e memória, entre seus participantes? (BRANDÃO, 2010, p. 25).

O canto, a dança, a memória são meios simbólicos com muitos significados para a vida social. E o simbolismo e o imaginário são predominantes na cultura Amazônica, pois, nela se preserva a memória coletiva de um povo, de uma região, de homens, mulheres e crianças que têm o seu lugar como referência de saberes. Se preserva a identidade cabocla “como produto da acumulação de experiências sociais e da criatividade de seus habitantes” (LOUREIRO, 1995, p.55).

Na época do Brasil Colonial as festas de caráter coletivo eram inconcebíveis, não se faziam festas para a “fruição do impulso individual para o lúdico” como menciona Tinhorão (2000) eram acontecimentos sempre ligados ao poder do Estado ou pelo calendário religioso. Na carta de Pero Vaz de Caminha escrita do Porto Seguro de Vera Cruz com data de 1º de maio de 1500 a El-Rei D. Manuel”, ele descreve de maneira categórica a verdadeira encenação simbólica das festas com os primeiros habitantes, chamadas por ele de “aglomeração carnavalesca” uma mistura de europeus e dos “galantes pintados de preto e vermelho” (TINHORÃO, 2000, p. 13). E foi nesse cenário religioso e elitizado que aconteceu a primeira missa e a primeira festa.

É nesse contexto sobre festas e sua linguagem simbólica, que apresentamos o Festival das Tribos Indígenas de Juruti/PA como um elemento significativo que retrata

as práticas sociais e seus saberes por meio de suas histórias de vida e que as experiências se materializam em forma de apresentação nas noites do Festribal “é um elemento da identidade; uma expressão que destaca os seus saberes e práticas que contribuem para as diferentes visões de mundo” (LOBATO, 2013, p.16).

O Festival das tribos indígenas é uma manifestação cultural que acontece há quase 30 anos. Essa festa ocorre em um período de três dias, no tribódromo, uma arena em forma de canoa, a céu aberto, de três mil metros quadrados, com capacidade para receber de 7 a 10 mil pessoas, local onde as tribos mostram suas músicas, alegorias e rituais que retratam a culturas das tribos, o espetáculo dura três dias e:

Nele apresentam-se grupos folclóricos diversos, com danças e cantos típicos da região e na apoteose, no último dia, as tribos Mundurucus e Muirapinima, disputam o título. O material utilizado nas fantasias e carros alegóricos é todo da própria região e os enredos de cada tribo são pesquisados na cultura indígena (ESTATÍSTICA MUNICIPAL – JURUTI, 2011, p.6).

A festa das tribos é hoje destaque por sua importância na região como manifestação cultural. Todos os anos é escolhido um tema para o espetáculo com o objetivo de manter viva na memória dos jurutienses, o simbolismo, o imaginário, a história e a cultura dos povos ancestrais que habitavam a região.

Para Lima (2020) o Festribal estabeleceu um modo de recuperar a história de seus antepassados, através das músicas, danças e alegorias, a cultura indígena é apresentada e representada, e por meio dela se compreende “as relações sociais que se estabelecem na comunidade e nos espaços de produção da cultura regional” (LIMA (2020, p.4, 5).

Nessa perspectiva, se pretende por intermédio do Festribal compreender os saberes advindos da representatividade da criança antes e durante os dias de festival, como produtoras de cultura elas se tornam nossos atores principais nessa compreensão, pois revelam conhecimento “na sua relação de saber consigo e com o outro” (SILVA, 2017, p. 26).

Carvalho (2010, p. 34) em seu artigo “Saberes do Cotidiano da Criança Ribeirinha”, afirma que a criança não fica de fora de aspectos que envolvem a cultura, pois está inserida em um tempo e espaço que influenciam o meio em que vivem, em um processo de constante interação.

E é nesse pensar sobre a criança em espaços culturais que Andrade (2020) considera a infância como categoria legítima e as crianças como sujeitos participativos

que são, tornando-se, necessário, o respeito às suas dimensões sociais, cognitivas e afetivas, além do que produzem culturas e partilham no coletivo suas experiências. O desenvolvimento sociocultural da criança é repleto de significados, por isso, seus saberes e sua vivência ressignificam o meio em que vivem; a criança é um ser dotado de imaginação, o que é de fundamental importância para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Assim, podemos dizer que a criança nasce em um meio cultural repleto de significações social e historicamente produzidas, definidas e codificadas, que são constantemente ressignificadas e apropriadas pelos sujeitos em relação, constituindo-se, assim, em motores do desenvolvimento como considera Vygotsky (2007). A vivência da criança está relacionada a seu ato criativo. E é nesse entendimento que consideramos a importância de se compreender os saberes adquiridos pela criança, nesse espaço de manifestação cultural que é o Festibal, pois, devemos considerar o processo criativo de suas ações, como ressalta Silva (2017, p. 25) “sem negar os conhecimentos presentes nesses atos no contexto cultural, o qual se realiza a partir das próprias crianças, permitindo-os a escuta de seus diálogos durante as suas experiências na festa”.

Juruti com seu ritmo próprio tem sua história contada nas três noites de apresentação que acontecem no centro cultural (tribódromo), um anfiteatro com sua arquitetura em forma de canoa, aludindo a história do povo que por ali vivia. Duas tribos se apresentam nas noites de Festibal: Munduruku: cores vermelho e amarela; e Muirapinima: cores vermelho e azul, reunindo aspectos tradicionais dos povos originários da região. Suas indumentárias, adereços, rituais e alegorias, procuram transmitir com fidelidade os costumes, crenças e lendas dos ancestrais amazônicos, com o objetivo de valorizar as raízes indígenas e defender suas vozes e seus direitos atualmente.

No batuque do tambor eles entoam suas canções que remetem a suas histórias de luta, de resistência, de educação. Conhecimento adquirido na continuidade da vida, no entrelaçamento de saberes. Contudo, essa continuidade se dá de maneira social e coletiva, e a educação é o meio pelo qual isto ocorre, pois “onde e quando a vida estiver acontecendo, assim também está a educação” (INGOLD, 2020, p. 18).

Brandão (2007) reafirma a educação como processo de construção, transmissão e comunicação de saberes, que ocorre em diversos ambientes como em

Festas de Culturas Populares, neste caso, o Festribal, uma manifestação onde acontecem trocas de experiências, ensinamentos e nos direciona a práticas educativas. Como Frisa Brandão ninguém

[...] escapa da educação. [...] de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender – e – ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO 2007, p. 03).

Nesse entrelaçar de cultura e saberes os sujeitos constroem suas manifestações e interações necessárias para a vida, “nas quais a educação se realiza na medida em que o desejo é manifestado, possibilitando que novas relações sejam construídas” (SILVA, 2017, p. 24).

Assim, a história desse espetáculo começa a ser contada, para apresentarmos de maneira simples e lúdica os saberes e vivências desse povo amazônica em que nossos atores principais são as **crianças**. Corsaro (2011, p.31) destaca a “[...] ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudança culturais. [...]”. E é com esse olhar que ressaltamos as crianças-brincantes do Festribal, como agentes sociais, competentes e culturalmente criativos, evidenciando por meio de sua interpretação a existência de práticas educativas que manifestam a construção de saberes relacionados a processos educacionais no festival das tribos.

Nesse contexto consideramos a importância de se conhecer os saberes advindos do Festribal, pois, entendemos que é imprescindível analisar o saber da criança através do seu olhar, como considera Bernard Charlot (2000, p. 163) para “entender como se constrói a experiência dos outros, como se estrutura o mundo dos outros”.

A construção da experiência com o outro pode ser encontrada no Festribal, a festa agrega grupos, histórias, saberes, vivências, tradições, contribuindo para a caracterização da identidade local, trazendo para o presente o que o passado registrou como fundamental. Juruti sedia esse evento na busca de reviver as tradições, presente em todos os aspectos do Festribal, inclusive nas torcidas que também fazem parte das apresentações. E é nesse “território de significações”, como considera Andrade (2020) que se pretende entender o que significa o Festribal para a criança, pois, “entender sua relação com o saber é uma forma da relação com seu mundo” (CHARLOT, 2000, p. 77).

Os sujeitos desta investigação têm muito a nos dizer sobre seus modos de ser e de estar no mundo, são atores principais nessa representatividade de saberes. E é com esse olhar que acreditamos que as crianças-brincantes do Festribal devem ser os intérpretes dessa pesquisa para compreendermos que saberes percorrem essa manifestação cultural. Incluí-las nesse processo de produção de saberes é “compreender que assim como aprendem, elas também ensinam a fazer” (SILVA, 2017, p.26). E esse aprendizado pode ser encontrado em suas experiências vividas no Festribal.

1.2- Na elaboração dos objetos, objetivos e estado do conhecimento

O Festribal é um espaço cultural de vivências e saberes, como considera Lima (2020) a Festa das Tribos:

É uma reunião de fatos, vivências, experiências, as mais variadas, e que na preparação do Festribal esse conjunto de saberes, de modos de vida são também partilhados, além de nivelados, a fim de que haja organização nesse ajuntamento de cultura (LIMA, 2020, p.11).

Nesse processo de partilha de experiências, vivências e cultura, a educação também faz parte desse ajuntamento de saberes que estão associados ao Festribal. Como destaca Brandão (2007, p. 22) “tudo que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber existe também como algum modo de ensinar”. Dessa maneira, levando em consideração que o Festival das Tribos é uma manifestação cultural, educativa e social, em que se vivenciam inúmeros aprendizados, delimitei a seguinte questão problema: Como os saberes são vivenciados e compartilhados pelas crianças que dançam no Festival das Tribos Indígenas em Juruti/PA?

Com o propósito de direcionar este estudo algumas questões se tornaram necessárias para nortear esta investigação:

1. Quais saberes são compartilhados pelas crianças-brincantes no Festribal?
2. Como acontece a participação das crianças no Festribal na cidade de Juruti?
3. Quais aspectos do imaginário envolvem a participação da criança no festival das tribos de Juruti?

Assim, para respondermos as questões norteadoras estabelecemos como objetivo geral: Analisar os saberes vivenciados e compartilhados pelas crianças que dançam no Festival das Tribos Indígenas da cidade de Juruti/PA.

Propondo de maneira mais específica contribuir com a reflexão acerca do Festribal, apresentamos os seguintes objetivos específicos:

1. Descrever os fatores que estimulam a participação da criança no Festribal;
2. Compreender quais significados têm o Festribal para a criança;
3. Identificar os saberes vivenciados e compartilhados pela criança em sua participação na festa das tribos.

Nesse sentido, é importante aprofundarmos o entendimento sobre conhecimentos científicos produzidos na área que pretendemos pesquisar e para isso o **estado do conhecimento** vai nos permitir identificar, registrar, categorizar estudos que levem a reflexão e síntese das produções acadêmicas. Trata-se de um instrumento imprescindível para estabelecer relações que possibilitem uma análise de produções anteriores de uma determinada área do conhecimento, uma vez que todo “conhecimento científico ancora-se em produções anteriormente realizadas, quer para reafirmar ou aprofundar abordagens, quer para lançar novos questionamentos sobre uma realidade parcialmente conhecida” (FERREIRA, 2002, p. 258).

O estado do conhecimento não se restringe a apenas identificar produções acadêmicas, mas ajuda a analisá-las e a examinar as contribuições das pesquisas, na perspectiva da definição da área do campo e das disciplinas que o constituem, apontando a necessidade de melhoria do estatuto teórico metodológico, e mesmo das tendências de investigação (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014).

Desse modo, buscou-se estudos que ajudaram a estabelecer critérios e desvelar aspectos relevantes, na área da educação e da cultura amazônica, em especial sobre manifestações culturais e que reafirmaram a importância desse estudo desta investigação, sobre os saberes que perpassam o Festribal, intentando contribuir para além da dimensão acadêmica.

Assim, após delimitar as questões que norteiam esta pesquisa e buscando retratar a necessidade de evidenciar os saberes que perpassam a apresentação do Festribal, iniciou-se a busca por elementos presentes em meu objeto de estudo, para assim delinear o estado do conhecimento dessa investigação. Realizei a priori um levantamento a partir dos descritores: “Festas”, “Festival da cultura popular”, “Festribal”, “Festival das tribos”, “Criança na cultura amazônica”, “Criança”, “Criança em manifestações culturais” “Saberes”, fazendo um mapeamento das produções no Portal de Teses e Dissertações da CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), bem como, nos Repositórios de Dissertações e Teses do PPGED-

UEPA (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará), do PPGED-UFPA (Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade Federal do Pará), UFAM (Universidade Federal do Amazonas) e no Google acadêmico, tendo como recorte temporal o período de 1999 a 2021.

Considerei diversas combinações com palavras-chave que tivessem similitudes com minha intensão de pesquisa, assim, foram encontrados: três mil cento e trinta pesquisas relacionadas a crianças em manifestações culturais e na cultura amazônica; trezentos e treze trabalhos voltados para saberes; e seiscentos e vinte e quatro trabalhos direcionados a festas e festival da cultura popular, pesquisas desenvolvidas em programas de Mestrado e Doutorado.

Posto isto, o quadro abaixo apresenta pesquisas em várias áreas do conhecimento, no portal da CAPES alguns trabalhos sobre festivais, saberes e criança, apontam o tema abordado sob diferentes olhares, tendo a criança como objeto de estudo. Sobre “**festas e festivais**” da cultura popular selecionamos oito trabalhos, destes, sete estão voltados para educação, cultura e identidade dos povos indígenas da Amazônia; um artigo foi selecionado, pois este considera aspectos sociais, econômico e turístico da cidade, *locus* da pesquisa, trabalho que possibilitará mais entendimento sobre o lugar.

QUADRO 01- Síntese do levantamento das produções acadêmicas com descritores relacionados a “festas e festivais da cultura popular” no período de 1999 a 2021.

Título da Pesquisa	Autor(a)	IES	Área	Nível	Ano	Origem
Festival da canção de Itacoatiara (FECANI): o local e o regional na perspectiva de um evento musical na Amazônia.	GAMA, Eder de Castro	UFAM/PPGS CA	Sociedade e Cultura	M	2009	Portal de Teses e Dissertações CAPES
Festival folclórico de Parintins: Um olhar sociocultural e educacional	SOUZA, Inéia Simas de	UFAM/PPGE	Educação	M	2011	Portal de Teses e Dissertações CAPES
A festa do jacaré na aldeia indígena assurini trocará: espaço educativo e de manifestação de saberes	PROCÓPIO, Maria Gorete Cruz	UEPA	Educação	M	2015	Portal de Repositório Institucional UEPA

O ritual da festa do Moqueado: educação, cultura e identidade na sociedade indígena Temb�-Tenethara	MIRANDA, Júlia Cleide Teixeira de	UEPA	Educa�o	M	2015	Portal de Repositório Institucional UEPA
A festa do Çairé e a resistência indígena: uma experiência ancestral dos Borari em Alter do Chão, Santarém, Pará	DIAS, João Alu�zio Piranha	UFAM/PPGS CA	Sociedade e Cultura	D	2019	Portal de Repositório Institucional UFAM
“Uma festa de Pretos”: ecos de resistências e poder no culto a são benedito em Carapajó/Cametá-pará	VARELA, Fernanda N�lvea Pompeu	UFPA/PPGE D	Educa�o	M	2020	Portal de Repositório Institucional UFPA
A Festa das Tribos: Perspectivas folkcomunicativas em um cenário de resistência	LIMA, Nair Santos	UFPA/PPGC OM	Comunica�o	D	2020	Google Acadêmico

FONTE: Elabora o da autora/2022.

Em busca por literatura que subsidiasse o desenvolvimento da pesquisa, encontramos o trabalho de Gama (2009), pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, pelo Programa de P s-Gradua o em Sociedade e Cultura na Amaz nia - PPGSCA, com o tema: **Festival da can o de Itacoatiara (FECANI): o local e o regional na perspectiva de um evento musical na Amaz nia**, nele o autor objetiva fazer a compara o entre os festivais que acontecem anualmente na cidade e de como esse evento agrega diferentes saberes e segmentos sociais, voltadas para manifesta es art sticas, culturais e desportivas. Esse estudo possibilitou um di logo inicial acerca do entendimento sobre os diferentes segmentos sociais que durante o festival se manifestam, agregando artistas, visitantes vindos das cidades vizinhas, de outros Estados e at  mesmo de fora do Pa s.

Souza (2011), em sua pesquisa de mestrado, pelo Programa de P s-Gradua o em Educa o (PPGE), pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, intitulada **Festival folcl rico de Parintins: Um olhar sociocultural e educacional**, prop e um novo olhar sobre os aspectos socioculturais e educacionais do festival de Parintins, descrevendo-o como uma “voz social”, pois, atrav s dele o povo expressa sua cultura, sua maneira de pensar e agir, a autora analisa de maneira contundente as contribui es do festival para a melhoria das condi es socioculturais e educacionais do munic pio. A pesquisa aproxima-se de um dos objetivos desta investiga o: propiciar a troca de experi ncias nesse contexto sociocultural.

Procópio (2015) em seu trabalho dissertativo apresentado a Universidade do Estado do Pará (UEPA), do Programa de Pós-Graduação em Educação, com o tema: **“A FESTA DO JACARÉ NA ALDEIA INDÍGENA ASSURINI TROCARÁ: Espaço Educativo e de Manifestação de saberes”**, objetivou compreender a Festa do Jacaré na Aldeia indígena “Trocará” como um espaço educativo e de manifestação de saberes.

Miranda (2015) em sua dissertação de mestrado intitulada: **“O Ritual da Festa do Moqueado: Educação, Cultura e Identidade na sociedade indígena Tembétenehara”**, estudo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, da Universidade do Estado do Pará - UEPA, da linha de pesquisa “Saberes Culturais e Educação na Amazônia”, analisou e discutiu como o ritual da Festa do Moqueado configura-se em um processo educativo no qual circulam e são apropriados múltiplos saberes, assim como sua contribuição para a cultura e a identidade indígena da região.

A tese de doutorado de Dias (2019), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, com o título: **“A festa do Çairé e a resistência indígena: uma experiência ancestral dos Borari em Alter do Chão, Santarém, Pará”**, o estudo de Dias, analisa elementos indígenas manifestados por meio de rituais, crenças e mitos que se entrelaçam com vários elementos artísticos e culturais na Festa do Çairé, com uma perspectiva interdisciplinar a pesquisa identificou elementos artísticos e culturais, presentes na festa, por meio de ritos, danças, musicalidade, comidas, ladainhas etc.

Varela (2020), em sua pesquisa de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), pela Universidade do Federal do Pará – UFPA, intitulada **“UMA FESTA DE PRETOS”: ecos de resistências e poder no culto a são benedito em Carapajó/Cametá-Pará**, buscou compreender como a festa, sobretudo para o preto, transformou-se num espaço discursivo, de sociabilidade, lazer, autoafirmação identitária e de resistência. A autora fala da “festa do santo”, não como uma forma linear de cultura, mas como uma prática que se dá através do movimento, percorrendo sua historicidade e resignificando-se ao longo dos tempos.

Em referência aos descritores **“crianças”**, **“crianças na cultura Amazônica”** e **crianças em manifestações culturais**, seis trabalhos foram selecionados, pesquisas que reportam ao olhar da criança em vários contextos pesquisados, no

carnaval, em roda de samba, em terreiros, no circo e em festividades religiosas. Pesquisas que subsidiaram essa investigação para ampliarmos o entendimento ao contexto infantil.

QUADRO 2- Síntese do levantamento das produções acadêmicas com descritores relacionados a “crianças, crianças na cultura amazônica e crianças em manifestações culturais” no período de 1999 a 2021.

Título da Pesquisa	Autor(a)	IES	Área	Nível	Ano	Origem
Carnaval das crias do Curro Velho: espaço educativo de produção de saberes	AIRES NETO, Francisco	UEPA	Educação	M	2016	Portal de Repositório Institucional UEPA
A Criança na fronteira Amazônica: O viver no fio da navalha e o imaginário da infância	MOTA, Marinete Lourenço	UFAM/PPGSCA	Sociedade e Cultura	D	2016	Portal de Repositório Institucional UFAM
Infância e Terreiro: um estudo de vivências de crianças que frequentam o espaço de uma religião de matriz africana	RIBEIRO, Jaqueline de Fátima	UFF/PPGED	Linguagem, Cultura e Processos Formativos	M	2016	Portal de Teses e Dissertações CAPES
“Faz assim Ó”: como as crianças ensinam e o que as escolas podem aprender com elas	MARCHI, João Alfredo Martins	UEM/PPED	Educação	M	2017	Portal de Teses e Dissertações CAPES
Crianças que Dançam, Crianças que louvam. Saberes presentes na Marujada de Tracuateua/PA: o olhar da criança sobre a festa	SILVA, Dilma Oliveira	UEPA	Educação	M	2017	Portal de Repositório Institucional UEPA
Tem criança na roda! Percepções da infância nas rodas de samba	VENAS, Raíza Moreira Martins	UERJ/PPGED	Infância, Juventude e Educação	M	2019	Portal de Teses e Dissertações CAPES

FONTE: Elaboração da autora/2022.

Aires Neto (2016) em sua dissertação de mestrado do Centro de Ciências Sociais e Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará (UEPA) com o título: “**CARNAVAL DAS CRIAS DO CURRO VELHO: Espaço educativo de produção de saberes**”, tem como objetivo a identificação e a análise dos saberes que circulam durante o carnaval na escola de samba Crias do Curro Velho, buscando perceber os possíveis processos educativos presentes no

compartilhamento de saberes encontrados na festividade carnavalesca. A pesquisa pode ser considerada importante nesse contexto relacionado a educação não escolar.

A pesquisa de Silva (2016), defendida no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará (UEPA), intitulada: “**CRIANÇAS QUE DANÇAM, CRIANÇAS QUE LOUVAM. Saberes presentes na Marujada de Tracuateua/PA: o olhar da criança sobre a festa**”, aproxima-se de um dos objetivos desta investigação, pois, centra-se nos saberes de outra manifestação cultural: a Marujada, com o objetivo de compreender como os saberes são vivenciados pela criança naquela festividade. Destacamos que a investigação nos dará subsídios pontuais para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

E para ritmar a pesquisa ao entendimento do imaginário e o protagonismo da criança na Amazônia, nos reportamos a tese de Mota (2016), defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, intitulada “**A Criança na fronteira Amazônica: O viver no fio da navalha e o imaginário da infância**”, propõe averiguar a forma pela qual ocorre o processo de construção do pensamento sofre infância, busca compreender a criança como um sujeito de ação e as infâncias como um fenômeno socialmente construído, enfatizando suas diferenças conforme seu contexto sócio-histórico, político, econômico e cultural. Discutindo a sociologia da infância e a interdisciplinaridade.

Ribeiro (2016) nos leva aos caminhos da encantaria através de sua dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) por título: **INFÂNCIA E TERREIRO: um estudo de vivências de crianças que frequentam o espaço de uma religião de matriz africana**, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que teve como objetivo discutir a vivência das crianças que frequentam um terreiro, tendo por base algumas referências bibliográficas que trataram do tema, numa interlocução com o conceito de vivência, da teoria histórico-cultural de Vygotsky e os referenciais teórico-metodológicos do campo das religiões de matriz africana.

O trabalho de Marchi (2017)) por tema: “**FAZ ASSIM Ó**”: **como as crianças ensinam e o que as escolas podem aprender com elas**, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) estudou os modos de ensinamentos de crianças em diferentes contextos, a fim de propor princípios metodológicos que podem ser apreendidos por espaços educativos

escolares; observou-se aspectos da linguagem corporal, a relação horizontal, o tempo não linear, a exploração do espaço e a política coletiva presentes nas práticas de ensino entre as crianças, no contexto de crianças de circo, defendendo que as escolas têm muito a aprender com o circo e que a cultura lúdica é necessária aos que se aventuram a lidar com a educação.

Venas (2019) em sua dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por título: **TEM CRIANÇA NA RODA! Percepções da infância nas rodas de samba**, buscou compreender a presença e participação de crianças em rodas de samba no Rio de Janeiro, atentando para as formas como a infância se expressa nas celebrações, e como esta fase da vida dialoga com os demais sujeitos atuantes na manifestação cultural em questão. Atravessada por diversas ressignificações metodológicas, a pesquisa buscou conhecer as formas e fisionomias com que a infância se mostra no contexto da cultura do samba.

Com base no descritor “**Saberes**”, quatro pesquisas foram encontradas, relacionadas a saberes culturais e educativos partilhados pelas crianças em contextos religiosos e indígenas. Destaco que essas produções não são as únicas que tratam dos saberes infantis em manifestações culturais, como a do Festrival. Contudo, foram as que apresentaram em seus títulos alguma aproximação com a temática deste estudo.

QUADRO 3- Síntese do levantamento das produções acadêmicas com descritores relacionados a “saberes” no período de 1999 a 2021.

Título da Pesquisa	Autor(a)	IES	Área	Nível	Ano	Origem
Cultura, Saberes e Educação: a festividade de São Tiago, na voz das crianças de Mazação Velho no Amapá	PASTANA, Marlon Assis	UEPA/PPGED	Educação	M	2017	Portal de Repositório Institucional UEPA
Saberes e Processos Educativos em experiências de trabalho no contexto rural - Ribeirinho Amazônico	ALEIXO, Sônia Maria do Rosário	UEPA/PPGED	Educação	M	2017	Portal de Repositório Institucional UEPA
Caminhos do Círio: saberes, culturas e vivências infantis no Círio de Nazaré	BAKER, Patrícia André Godinho	UEPA	Educação	M	2019	Portal de Repositório Institucional UEPA

Saberes Indígenas, Cultura de Movimento e Interculturalidade: cenários na comunidade do Catu/RN	MEDEIRO S NETO, Carlos Gomes de	UFRN/PPGED	Educação, Comunicação, Linguagens e Movimento	M	2019	Portal de Teses e Dissertações CAPES
---	---------------------------------	------------	---	---	------	--------------------------------------

FONTE: Elaboração da autora/2022.

Pastana (2017), em sua pesquisa de mestrado por título “**CULTURA, SABERES E EDUCAÇÃO: a festividade de São Tiago, na voz das crianças de Mazagão Velho no Amapá**”, apresentada ao programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará (UEPA) analisou e discutiu os saberes das crianças em contexto de festividade religiosa, relacionando-os com processos educativos vinculados ao conceito de educação não escolar.

Já Aleixo (2017) em sua dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará (UEPA), sob o tema: **Saberes e processos educativos em experiências de trabalho no contexto rural - Ribeirinho Amazônico**, analisou os saberes e processos educativos em experiências de trabalho em uma comunidade rural-ribeirinha no município de Santarém Novo no Pará. Em suas análises a pesquisadora apontou para processos educativos que têm como foco central a aprendizagem de práticas de trabalho, seja através do ensino de uma pessoa mais velha, seja aprendendo com outros seres ou outras pessoas. Os saberes que emergem do contexto das experiências de trabalho constituem, segundo a autora, uma cartografia de saberes: do cultivo da maniva, da extração de caranguejo e da pesca. São saberes e processos educativos que sustentam relações com a natureza e conformam modos de vida.

Baker (2019) em sua dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do estado do Pará – UEPA, intitulada “**CAMINHOS DO CÍRIO: saberes, culturas e vivências infantis no Círio de Nazaré**”, realizou uma análise sobre os saberes culturais e as práticas educativas das crianças que participam do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, tendo como foco o projeto Caminhos do Círio. A pesquisa nos subsidiará porque detém sua análise em práticas educativas vinculadas a manifestações culturais na busca por entendimento sobre as práticas educativas no contexto cultural.

Pesquisadores como Medeiros Neto (2019) em sua pesquisa: **Saberes indígenas, cultura de movimento e interculturalidade: cenários na comunidade**

do **Catu/RN**, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRGN), analisou a cultura de movimento escolar e os saberes indígenas na comunidade do Catu/RN, na pesquisa o autor identificou brincadeiras, danças, jogos indígenas; espaços e equipamentos na comunidade pesquisada que fomentam a realização de diversas práticas corporais. Na comunidade pesquisada observou-se saberes, vivências e práticas culturais tradicionais que resistem e são ressignificadas pelos povos potiguaras desse lugar, como também, outras práticas consubstanciam o dia a dia dessa população, formando parte da cultura de movimento dos indígenas do Catu.

As dissertações de Souza (2011), Silva (2017) e o artigo de Lima (2020) se aproximam do tema desta pesquisa, foram importantes para o aprofundamento dos estudos desta investigação, Souza e Silva, retratam os saberes e a vivência das crianças em manifestações culturais.

Quanto a pesquisa com descritores **“Festribal ou festival das tribos”**, realizada em diversos repositórios federais e estaduais, assim como no portal da CAPES, apenas um artigo e duas teses foram encontrados, mas se referem ao *locus* da pesquisa, e são direcionadas a saúde, comunicação e educação ambiental, contudo, nenhuma delas tem como referência a criança e seus saberes. Apenas o artigo de Lima (2020) será utilizado, pois este faz considerações sobre o Festribal e seu contexto histórico, econômico e social.

Após selecionar e analisar os trabalhos acima mencionados, considero a importância destes para o entendimento do tema pesquisado. Foi explorado o período de 1999 a 2021, para verificar o modo como essas produções acadêmicas abordavam os temas pesquisados relacionados à “criança” e, em que áreas do conhecimento estavam inseridas. Observou-se assim, estudos e pesquisas que nos instigaram e que contribuíram para o aprofundamento do objeto de estudo.

Chamou atenção nessa busca, a ausência de pesquisas, nas diversas áreas do conhecimento, com temas voltados a saberes e vivências culturais constituídos em espaços não escolares, em que a protagonista é a criança, estudos que as “considere não como meros objetos de pesquisa, mas sujeitos com legitimidade que fala das suas vivências com propriedade” (ANDRADE, 2019, p.68).

Assim, estudar a importância desses saberes advindos da criança reafirma as palavras de Sarmiento (2008), que retrata a mesma como seres protagonistas na construção das relações sociais e um agente ativo no processo de produção cultural.

Frente a esse contexto, destaco a relevância desta pesquisa em legitimar a criança enquanto sujeito criativo, com voz e vez, pois, elas preservam e ressignificam a cultura popular e suas raízes históricas. Manifestações culturais como o Festribal são importantes para o processo de construção de novos saberes enquanto produção social, cultural e identitária.

O que se observou nas pesquisas encontradas é que nenhuma retrata o Festribal em sua essência cultural ou mesmo registrem em linha temporal a cultura de Juruti. Quando direcionamos nosso olhar às manifestações culturais vividas por crianças no Festival das Tribos, não foi encontrada nenhuma publicação. O que me instigou a entender epistemologicamente como é a vivência da criança que participa do Festribal e como os saberes dos povos ancestrais são representados, vivenciados e compartilhados por elas. Pensar a criança nesse contexto cultural é reconhecê-la como um componente estrutural e cultural de muitas sociedades (PASTANA, 2017).

Desse modo, ao participar da Festa das Tribos, a criança valoriza as crenças, os rituais, as memórias e a força de um povo ancestral que deixou seu legado. Hoje por meio do espetáculo “tribal”, as crianças-brincantes experienciam suas identidades e saberes. Sem nenhuma pesquisa voltada especificamente para as vivências da criança no Festribal, destaco que precisamos de pesquisadores com um olhar culturalmente atento a essas manifestações que contam a história do povo dessa região, que enveredam por esses caminhos.

Diante disso, pretendo que esta pesquisa acresça referências sobre o Festival das Tribos Indígenas de Juruti (FESTRIBAL), mediante a produção de dados empíricos e a discussão teórica que será realizada. Acredito que esta pesquisa possa subsidiar novos estudos que busquem discutir o papel da criança em diferentes questões que envolvam manifestações culturais.

Para entendermos o papel da criança nesse contexto cultural e elaborarmos uma análise de maneira organizada e consistente, organizamos esta dissertação em cinco seções.

A primeira seção, intitulada: **“O começo da festa: da idealização a pesquisa...”**, introduz nosso estudo pautando o percurso que nos fez chegar à idealização da pesquisa: questões norteadoras, a problematização do objeto de estudo, definindo os objetivos, indicando o estado do conhecimento, a aproximação a outras pesquisas e a relevância delas para esta investigação.

Na segunda seção, **“Ritmo metodológico, movimento da pesquisa: a metodologia”**, trataremos do caminho metodológico desta investigação, nele delimitamos os passos da pesquisa, descrevendo o método, o *locus*, os intérpretes, os procedimentos e a análise dos dados coletados, bem como, a importância de um olhar atento quanto a ética de pesquisas com crianças.

A terceira seção, **“Por entre saberes, cultura e educação com os povos originários”**, refletimos sobre a educação em contexto não escolar, a cultura e seu emaranhado de significados, assim como, sobre os saberes compartilhados, reflexões teóricas que nos proporcionaram entender a vivência das crianças-brincantes na festa e, como estas compartilham os saberes adquiridos com a comunidade tribal.

A quarta seção: **“Festival das tribos indígenas: saberes e vivências que emergem da/na cultura amazônica”**, adentro nos saberes que emergem da/na Amazônia, como começou o festival das tribos e a participação da criança nessa manifestação cultural.

A quinta seção, intitulada **“Processos educativos e o saberes na Festa das Tribos”** discorreremos sobre os saberes identificados no Festival.

Por fim, registro as contribuições que este estudo pode trazer para a comunidade jurutiense e a possibilidade de estudos posteriores que possam dar continuidade ao que aqui iniciei. Nesse entrelaçamento de saberes e vivências considero que o entendimento sobre o tema não se esgota neste trabalho.

SEÇÃO II

NO RITMO METODOLÓGICO

Movimento da pesquisa: **a metodologia**

“A metodologia é muito mais que técnicas, mas é a articulação da teoria, da realidade dos pensamentos sobre a realidade” (MINAYO, 2008, p. 15).

Nesta seção abordamos o passo a passo de como desenvolvemos a metodologia que usamos para encontrar respostas aos questionamentos e atingir os objetivos delimitados por este estudo.

Porém, antes de descrevermos o movimento metodológico desta pesquisa, é importante ressaltar que a iniciamos em meio a uma situação atípica, que a humanidade tem vivenciado há mais de dois anos, a pandemia da Covid-19. Momentos de incertezas e angústias nos levaram a alguns questionamentos sobre como direcionaríamos as técnicas das coletas de dados deste estudo, dessa forma, se fez necessário compreender os diferentes elementos e as situações que poderiam interferir no processo de investigação, buscando criar alternativas preventivas perante o contexto pandêmico vivenciado, de modo a manter a harmonia durante o percurso metodológico, sem desviar do propósito do estudo.

Nessa perspectiva, pensamos nas dificuldades que poderiam ser encontradas por esta investigação, visto que nossos intérpretes são crianças e isso requer um olhar mais atento e cuidadoso. Assim, para que pudéssemos seguir o movimento da pesquisa, alguns métodos foram importantes para entendermos como direcionar nosso olhar de maneira simples, lúdica e cuidadosa a criança que participa no Festribal.

A escolha do método de uma pesquisa é importante, é através dele que o pesquisador vai organizar sua investigação para fazer escolhas dos caminhos que serão percorridos durante o estudo. Minayo (2007), afirma que a metodologia se configura como uma forma abrangente e concomitante a uma discussão epistemológica sobre o caminho do pensamento que o tema e o objeto de investigação requer; a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; e a criatividade do pesquisador, ou seja, sua marca

peçoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo de resposta às indagações específicas.

O método é a “alma da teoria”, dizia Lênin (1965), nesse sentido, faz-se necessário compreender que o método usado na investigação consiste em perspectivas teóricas, com uma abordagem qualitativa para que se possa realizar um planejamento investigativo conciso e que atenda ao objetivo do estudo. Esta pesquisa buscou se aproximar o máximo possível do objeto de estudo, mesmo entendendo que não podemos dominá-lo em sua totalidade, visto que toda realidade é dinâmica e suscetível a mudanças.

Assim, com o objetivo de desenvolver nesse processo a reflexão entre as bases teóricas e a realidade empírica, com a preocupação de seguir os princípios da abordagem qualitativa, considerando que ela se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, pois esta trabalha questões inerentes ao universo dos múltiplos significados, “dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO 2015, p.21).

Na pesquisa qualitativa existe uma relação dinâmica entre o real e o sujeito, Chizzotti (2009), ressalta que essa interdependência é constante do sujeito com o objeto, criando assim, um vínculo inseparável do mundo objetivo com a subjetividade do sujeito. Como parte integrante do processo de conhecimento, o pesquisador quando trabalha com estratégias qualitativas parte da ideia de que, o sujeito e o objeto são inseparáveis, como salienta Minayo (2009) a pesquisa qualitativa incorpora as realidades e as estruturas sociais.

Desse modo, teríamos metodologicamente, o “olhar mais adequado” para compreender as atividades presentes no Festribal, pois, segundo Ludke e André (2013, p. 13) a abordagem qualitativa tem maior preocupação com o processo, do que com o produto, uma vez que, o interesse do pesquisador, ao estudar o problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas, como as que ocorrem no Festival das Tribos. Nesse tipo de estudo o maior interesse é capturar a perspectiva do participante nas situações cotidianas.

As características da pesquisa encaminham às teóricas e metodológicas que se adequem àquilo que se está investigando. Dessa maneira, neste estudo optamos pela **Etnometodologia** com o intuito de pormenorizar a descrição dos objetos que se está investigando. Os etnometodólogos procuram descobrir no senso comum os

verdadeiros sentidos que os atores dão às suas ações e esperam desvendar o raciocínio prático que orientam as ações sociais. Para Gil, os etnometodólogos:

Têm a pretensão de estar mais perto das realidades correntes da vida social que os outros cientistas sociais. Eles admitem que é necessária uma volta à experiência, o que exige uma modificação dos métodos e técnicas de coleta de dados, bem como de reconstrução teórica, rejeitando as hipóteses tradicionais sobre a realidade social (GIL, 2008, p. 23).

Coulon (1995, p.30), define a etnometodologia como uma “pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias”. Nela se analisa as crenças e os comportamentos de senso comum como elementos necessários de “todo comportamento socialmente organizado”. Ela é o método que indica o campo que será investigado, assim como as atividades do cotidiano desenvolvidas pelos atores da pesquisa.

Elaborando uma definição mais detalhada sobre etnometodologia Psathas (2004), esclarece que uma abordagem etnometodológica estuda os métodos de maneira séria e cuidadosa, para ele, ela não é apenas um método, mas uma abordagem teórico-metodológica de pesquisa que tem como proposta organizar as definições das atividades práticas do dia a dia, uma vez que se trata de:

Um estudo sério e cuidadoso dos métodos usados pelos membros para alcançar ações práticas no mundo da vida cotidiana resulta em descrições e análises da metodologia de todo dia ou da etno (membro de um grupo ou do próprio grupo em si) metodologia, ou dos métodos dos membros. A parte referente à metodologia do termo etnometodologia deve ser entendida como se referindo ao "como" as efetivas práticas situadas, os métodos pelos quais as atividades de todo dia são alcançadas (PSATHAS, 2004, p. 32).

Complementamos nosso entendimento etnometodológico com as palavras de Mello (2007) quando afirma que a etnometodologia analisa o “raciocínio prático baseado nos traços culturais, as normas, o sistema de crenças, os costumes, as tradições, os hábitos e os padrões culturais dos grupos, dos quais participam os sujeitos estudados”, para tanto, se fundamenta em procedimentos que buscam “conhecer e produzir continuamente processos sociais significativos e ordenados segundo suas concepções de mundo e valores sociais e culturais” (MELLO 2007, p. 07)

Nessa concepção, os autores nos levam a entender que quando adotamos uma postura etnometodológica estamos procurando compreender que o saber não se constrói fora do contexto do objeto de estudo, mas que este é desenvolvido na interação com o meio, nas práticas cotidianas, seja ela em grupo ou individual. Sendo

assim, a etnometodologia será o caminho para analisarmos os saberes que se apresentam no Festrival, saberes vivenciados pelas crianças. **Elementos etnográficos**, direcionaram a investigação, pois, nesse estudo buscamos princípios teórico-metodológicos que nos orientaram nos trabalhos de campo, com os desafios e as possibilidades que foram construídas na relação com o sujeito, em especial com os intérpretes da pesquisa, **as crianças**.

Elementos que evidenciaram a sua relação particular com cada contexto estudado, e que a etnografia nos ajudará a relatar e refletir sobre esse processo de construção. Entendemos, então, a etnografia como a pesquisa que se constitui no exercício do olhar e da escuta do outro, impondo ao pesquisador o desprendimento de sua cultura para se situar no centro do fenômeno por ele observado. É uma relação dialética que vai implicar ao pesquisador e ao sujeito “uma sistemática reciprocidade cognitiva” (ROCHA E ECKERT, 2008, p.04).

E foi nesse contexto que os métodos começaram a ser definidos, assim, segui entendendo a necessidade de não apenas observar e escrever o contexto do sujeito que foi investigado, mas compreender que os saberes construídos desse lugar, dessa região, dessa criança, são prenes de símbolos e significados, e que através do ato de se apresentar no Festrival, a criança valoriza suas crenças, os rituais, seus costumes e desenvolve sua identidade. Assim, para compreendermos esses múltiplos significados algumas técnicas foram utilizadas para darmos dinamismo à coleta de dados.

Por entender que pesquisas com crianças requerem atenção especial, preparo e habilidade por parte do pesquisador para se construir uma relação de confiança, a escolha da dinâmica certa para coleta de dados nos ajudou nessa tarefa, para estabelecer o diálogo com os intérpretes da pesquisa, uma vez que, através da fala deles foi possível conhecer seu modo de ser, as formas de se expressar, suas ideias, suas histórias, seus saberes.

Nessa perspectiva, procuramos não definir uma única técnica de coleta de dados, mas delimitamos algumas que direcionaram nosso olhar ao mundo da criança. Nesse intentar, listamos alguns procedimentos que permitiram alcançar o objetivo proposto neste estudo.

1. **Levantamento bibliográfico** referente ao estudo proposto, se fez necessário para desenvolver a escrita e garantir suporte teórico e científico, importantes à pesquisa. Tornou-se fundamental para conduzir a temática a qual se desafiou a estudar, através dele foi feito o planejamento da investigação, elaborando hipóteses, para que pudessemos definir a metodologia que posteriormente foi utilizada, embasando, assim, as discussões e as conclusões dos resultados encontrados durante a pesquisa. Como pondera Marconi e Lakatos (1992), a finalidade do levantamento bibliográfico é fazer com que o pesquisador tenha contato direto com todo o material escrito sobre um determinado objeto, auxiliando nas análises de sua pesquisa. É o primeiro passo de todo estudo científico. E esse levantamento me auxiliou em todo o processo da pesquisa, me levando ao entendimento, após muitas leituras, sobre o *locus* da investigação, sobre os intérpretes e todas as técnicas que foram utilizadas no decorrer desta escrita.
2. Após harmonizar as técnicas e direcionar meu planejamento, me desafiei quanto a **aproximação do campo de pesquisa**, esse processo de observar o outro em seu contexto muitas vezes constitui um desafio, pois, investigar pessoas é mergulhar no desconhecido. Uma vez que estamos nos deparando com um novo olhar, com a inocência da criança e para a criança que dança no Festibal essa aproximação foi uma novidade, visto que nenhuma pesquisa tinha sido feita nesse contexto cultural, onde sua realidade foi interpretada a partir de um embasamento teórico. Contudo, sem a pretensão de desvendar integralmente o real, “lembrando que se tem um caminho metodológico a percorrer com instrumentos cientificamente apropriados para esse caminhar “(JOSÉ FILHO, 2006, p.65). A aproximação do campo de pesquisa tornou-se importante para esclarecer as “associações folclóricas”⁴ e aos pais das crianças o propósito do estudo, assim como foi o momento para solicitar a autorização dos pais das crianças e das associações para o desenvolvimento da pesquisa.

⁴Como os grupos se denominam.

3. A criança tem sua particularidade e não se pode defini-la em uma simples conversa, para isso escolhi a **observação participante**, como técnica de produção de dados, visto que se fez necessário a convivência com os sujeitos pesquisados e com os elementos oriundos de sua cultura, que se mostraram presentes no decorrer das observações das práticas sociais e culturais contidas no Festribal. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 74) a observação em uma pesquisa é a técnica: “[...] que faz uso dos sentidos para apreensão de determinado aspecto da realidade. Ela consiste em ver, ouvir e examinar os fatos, os fenômenos que se pretende investigar. A técnica da observação desempenha importante papel no contexto da descoberta e obriga o investigador a ter um contato mais próximo com o objeto de estudo”. Para o autor a observação participante é o momento de descoberta, em que o pesquisador vivencia o contexto de sua análise, se tornando parte de tal contexto para melhor entender as ações daqueles que produzem suas culturas, suas vivências. Trabalhar a técnica de observação participante com crianças foi importante, pois meu olhar foi direcionado ao interior da comunidade tribal, procurei estar mais próxima possível da comunidade, ajudei nos ensaios e na distribuição de lanches e na preparação das crianças no dia do Festribal (com a permissão dos coordenadores das tribos), me envolvi nos ensaios nos três turnos manhã, tarde e noite, para assim entender suas particularidades, seu universo, tendo como embasamento palavras de Gil (2008, p. 103) que define a observação participante como “a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo”, daí a importância de o pesquisador ter a sensibilidade de perceber e agir diligentemente de acordo com as interpretações do contexto em que a criança está inserida.
4. A **roda de conversa** foi utilizada com o intuito de favorecer um diálogo natural e descontraído com nossos intérpretes, com temas não propriamente sugeridos por nós, mas com assuntos do entendimento das nossas crianças-brincantes. Segundo Moura e Lima (2014, p. 101),

a roda de conversa “consiste em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam, escutam seus pares e a si mesmos pelo exercício reflexivo”. É nesse momento que o pesquisador “se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa” (Ibid, p.99), na roda de conversa se produz dados para discussões, reflexões, partilha de experiências, é um processo mediado em conjunto entre o pesquisador e os intérpretes da pesquisa. A roda de conversa foi importante para a pesquisa, pois ela me direcionou para outros procedimentos posteriormente. Realizada em um ambiente aberto onde tinha a circulação de muita gente (não consegui um espaço adequado para reunir as crianças), os áudios ficaram comprometidos, me levando a buscar outra técnica que ajudasse no desenvolvimento da pesquisa, assim, utilizei a entrevista individual como instrumento para elaborar os dados com mais solidez.

5. **Entrevista Individual:** foi a técnica que trouxe mais clareza ao que se propôs no estudo, foi o momento que consegui perceber as particularidades dos entrevistados, levando sempre em consideração seus valores, suas falas, além de respeitar seu contexto cultural, me mostrei atenta às informações e tentei desenvolver a capacidade de ouvir e estimular o fluxo natural das informações recebidas naquele momento. Como informa Gaskell (2002, p. 72) “o entrevistador não deve aceitar nada como se fosse pacífico, [...] deve sondar cuidadosamente mais detalhes do que aquele que o entrevistado pode oferecer em uma primeira pergunta,” para que esse tenha uma melhor compreensão das relações entre os entrevistados.
6. O **diário de campo** foi o nosso grande companheiro nesse caminhar da investigação, nele detalhamos as relações entre as vivências da pesquisa e o aporte teórico adquirido durante a investigação, por meio dele fizemos registros ricos em detalhes, pois essas informações, sobretudo, potencializaram nossa compreensão dos movimentos observados no cotidiano dos nossos intérpretes, detalhes que de acordo

com Minayo (1993, p.100) devem constar: “[...]. observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Falas, comportamentos, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais”. Nesse momento o pesquisador deve ter sensibilidade em suas anotações e observações, as informações escritas e descritas por ele possibilitarão uma circularidade entre o campo teórico e o empírico, em suas anotações ele organiza suas ideias e as transforma em relatos significativos para sua pesquisa. Geertz (2008, p.18) nos diz que: “O etnógrafo inscreve o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo ele o transforma de acontecimentos passados, que existem apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente”. O diário de campo me proporcionou mais segurança, pois, recorri a ele quando não conseguia lembrar de alguma informação relevante para a pesquisa. Nele escrevi de forma detalhada os passos importantes para o desenrolar deste estudo, assim como todo o processo de observação dos intérpretes no contexto tribal.

- 7. O registro fotográfico** foi fundamental nesse caminho investigativo, pois em se tratando de um espetáculo cultural o registro das expressões lúdicas das crianças e das suas vivências contribuíram de sobremaneira para explicitar aspectos de seu cotidiano. Ressalto que as imagens não foram apenas ilustrativas, mas serviram para mostrar no decorrer da investigação o envolvimento e a participação das crianças antes e durante os dias de festival, esses registros também compuseram as análises deste estudo. Para Martins (2008, p. 22), “a fotografia não é apenas um documento para ilustrar nem apenas para confirmar. Não é nem mesmo e tão somente instrumento para pesquisar. Ela é constitutiva de realidade contemporânea”. E em todo o processo da pesquisa de campo os registros fotográficos me auxiliaram na captura dos gestos e expressões corporais para uma análise posterior.

8. A **filmagem**: foi outro instrumento importante para a coleta de dados, o registro em vídeo é necessário “sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descrito compreensivamente por um único observador, enquanto este se desenrola” (PETER LOIZOS, 2008, p.149). A captação de imagens em vídeo é importante, especialmente, em pesquisas com crianças, afinal, como registrar tantos detalhes de forma escrita? O pesquisador precisa utilizar técnicas que vão o auxiliar na coleta de dados para que estes se tornem consistentes. Como pondera Aurélia Honorato *et al* (2006, p. 06), “como registrar tantos meandros, tantos detalhes, tantas relações para depois debruçar-se sobre? Há ditos que não são pronunciados oralmente; ditos que não são captados por um gravador e acabam perdidos sem um registro”. Segundo as autoras, o som e as imagens quando integradas podem ajudar a desvendar a complexa rede de produção de significados e sentidos manifestados em palavras, gestos e relações, levando a compreender as culturas infantis e a captar a essência de seu cotidiano. As filmagens foram muito importantes para o desenvolvimento da pesquisa, pois, elas reproduziram com exatidão a representação do cotidiano dos pequenos intérpretes, além de preservar as memórias construídas durante a pesquisa de campo.

Dessa forma, busquei abordagens e técnicas que me auxiliaram no cumprimento dos objetivos da pesquisa e, igualmente, ajudassem a definir diálogos com os sujeitos envolvidos na investigação. Vale ressaltar, que as técnicas aqui propostas foram alinhadas de acordo com a necessidade da pesquisa, levando em conta o contexto pandêmico que vivenciamos.

2.2- Crianças jurutienses: os intérpretes

“As crianças devem ser compreendidas a partir do que revelam, ou seja, de suas relações sociais e suas culturas, pois, consideradas sujeitos-atores, há verdades nas suas vozes” (ANDRADE, 2018, p.117).

Observar a criança em um contexto cultural e destacá-las como intérpretes desta investigação se deu por entender que ela “tem seu mundo cultural, e que reconstrói o mundo que a cerca, atribuindo-lhe significado próprio, criando um mundo propriamente humano, que é o mundo da cultura” (BRANDÃO, 2002, p. 40). Esse mundo da cultura a qual pertencem “abarca o conjunto de processos sociais de significação, ou melhor, o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social” (CANCLINI, 2003, p. 35). Que são adquiridos ao longo de sua vida e sistematizados pela forma de agir e de ser.

Nesse entendimento, como intérpretes desta investigação destacamos as crianças que dançam no Festival das Tribos Indígenas na cidade de Juruti/PA, pois, através de sua “performance, sua voz e seu gesto” expressam seus saberes. Nesse sentido, Paul Zumthor (2010, p. 239), esclarece que intérprete é o sujeito “que se percebe na performance, na voz, no gesto, pelo ouvido e pela vista. Podendo ser compositor de tudo ou parte daquilo que ele diz ou canta”.

E é nessa performance de saberes que se objetiva com esta pesquisa valorizar a voz da criança, pois, se assim o fizermos como ressalta Quinteiro (2002, p. 21), perceberemos a importância de estudar esses sujeitos nas suas dinâmicas de relações sociais e nas suas relações com o mundo sociocultural. Aprender com elas “pode ajudar a compreender o valor da imaginação, da arte, da dimensão lúdica, da poesia, de pensar adiante” (KRAMER, 2011, p. 117).

Contudo, vale ressaltar que os critérios utilizados a princípio para escolha dos intérpretes desta investigação se deram especialmente por considerar a faixa etária prevista no início do projeto; ser participante ativo, dançar no Festival e ainda ter o consentimento da criança e autorização dos pais e/ou responsáveis.

Nesse sentido, a pesquisa se propôs olhar seus intérpretes enquanto sujeitos sociais, que “têm a capacidade de dizer do seu lugar de maneira simples, concreta e sensível” (ANDRADE, 2019, p. 59) a partir de suas vivências, assumindo, assim, o papel de protagonistas no contexto desta investigação. Desse modo, adotamos nesta pesquisa a amostragem por acessibilidade ou não probabilística, que segundo Gil

(2008, p. 94), é o tipo de amostragem que “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo”, de acordo com o autor é “o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem”.

IMAGEM 2- Tribo Munduruku Mirim/Apresentação no tribódromo



FONTE: Wigder Frota/2022.

Nessa perspectiva, a pesquisa contou com 12 (doze) crianças (seis de cada tribo), que vivem na cidade de Juruti e que participam ativamente do Festribal. Esse número de crianças se deu de acordo com a acessibilidade e aceitação dos sujeitos selecionados pelo pesquisador, como frisa Gil (2008), essa acessibilidade ocorre pelo consentimento da criança e seus pais e/ou responsáveis.

Olhar a criança em manifestações culturais, como a do Festribal, é reconhecê-las como produtoras de saberes, como afirma Corsaro (2011, p.15) “são agentes sociais, ativos e criativos”. A escolha de crianças como intérpretes desta pesquisa, possui relação de respeito e curiosidade, respeito por toda história mística e lendária do povo jurutiense que é transmitida através de um espetáculo cênico a céu aberto, curiosidade para entender como os saberes que perpassam o Festribal são propagados pelo olhar e pela voz da criança, e como elas produzem saberes no ato de representar.

Contudo, pesquisas em que a criança produz sua “própria história”, ainda são relativamente recentes. Cruz (2008, p. 12) relata, que um “estudo realizado por Rocha

(1999) mostrava o quanto as crianças eram pouco ouvidas, predominando a voz dos adultos”, pois segundo a autora “em geral são realizadas pesquisas sobre crianças e não com crianças”.

Ainda sobre estudo com crianças, Cruz (2008, p.13) afirma que poucas pesquisas levam em conta “os julgamentos, os desejos, os receios, as preferências” delas e quando o fazem “a prática comum, ainda, é recorrer aos adultos para obter informações”, manifestando desconfiança quanto a competência da criança em se comunicar e apresentar seu ponto de vista. A autora, assim, nos ajuda a entender que estudos com crianças são significativos, pois se buscarmos formas de ouvi-las estaremos ressignificando seus saberes.

Segundo Marcílio (2010), até pouco tempo a criança era considerada inábil, sem condição de construir sua identidade, sempre desvalorizada e olhada com descaso, sem voz e sem direitos, a criança só passou a ser “sujeito de direitos” após 1950 com a Declaração dos Direitos das Crianças. Hoje como sujeito de direito esta precisa ser reconhecida com suas particularidades, aquela que ocupa seu lugar social, pois “não podemos continuar a olhar as crianças como aquelas que não são sujeitos de direito” (KRAMER, 2011, p. 91).

Igualmente, como sujeito de direito e ser ativo na sociedade, a criança deve ser considerada como ser histórico, social e cultural, aquele que constrói sua relação com o mundo.

Desde que nascem as crianças aprendem com os adultos, os jovens e as outras crianças a ouvir, perceber e sentir o mundo e, vão se expressando, criando e reinventando a cultura ao mesmo em que a cultura as produz. O social e cultural escreve em nós seus sentidos, nos marca e, nesse processo, os sentidos que vão sendo impressos nas práticas e interações formam a consciência, a mente e a visão que temos de mundo (KRAMER; SANTOS, 2001, p. 22).

Nesse entendimento, me remeto a criança jurutiense como ser criativo, portadora de saberes e possuidora de um papel importante nas relações sociais, e na construção desta pesquisa, pois por meio do seu olhar e da sua voz, contribuem para alcançarmos o objetivo desta investigação. Que possamos percebê-las “a partir de muitos ângulos, que nos fazem aprender a aprender, que nos mostram que a Amazônia é um espaço seu e do outro, um lugar ímpar com culturas singulares” (ANDRADE, 2019, p. 59).

No início deste estudo, relatamos que este foi idealizado em meio a pandemia da Covid-19, o número de infectados e mortes na cidade de Juruti, foi

consideravelmente alto, para uma população de 59 mil habitantes. Por ser uma cidade fronteiriça com o estado do Amazonas, onde o número de mortes por Covid-19 foi alarmante, as autoridades estaduais e municipais fecharam as fronteiras dos Estados Pará e Amazonas, por conta disso, a entrada de pessoas de outras cidades não era permitida, o que impossibilitou o trabalho de campo e o contato com nossos intérpretes, visto que durante dois anos o Festrival não aconteceu de forma presencial por conta da pandemia.

Assim, somente com o avanço da vacina da Covid-19 em nosso Estado e o número de mortes e infectados ter diminuído, a pesquisa conseguiu avançar e teve o direcionamento ao que se propôs. Confiamos no propósito da pesquisa e com ela pretendemos divulgar a cultura do povo amazônica narrada e encenada pela criança. Um festival que a cada ano, contribui para a formação cultural do povo jurutiense, com suas lendas, ritos e histórias sendo contadas no batuque do tambor e nos “cantos tribais” escritos e ritmados para lembrar o povo indígena que ali habitavam.

O próximo passo nesse dançar de saberes é conhecermos essa criança que dança, que se diverte, que vive o Festrival em sua inocência, que se empenha com afinco nos ensaios que antecedem as noites de apresentações. Então, seguimos na magia e no encanto desse espetáculo, desta vez identificando por meio do perfil sócio-histórico e cultural nossos “pequenos dançarinos”.

2.2.1- Perfil sócio-histórico e cultural das crianças-brincantes

A coleta dos dados para a construção da pesquisa nos possibilitou aprofundar o olhar nesse contexto cultural da criança que dança na Festa das Tribos na cidade de Juruti e, se fez necessário delinear um perfil sócio-histórico e cultural das crianças-brincantes, intérpretes da pesquisa. O perfil vai salientar informações individuais dos intérpretes, assim como, aspectos da vida dos brincantes que ampliaram nossa visão quanto a realidade de cada participante da pesquisa, descrevendo as relações que elas adquiriram com o espetáculo tribal.

O quadro a seguir mostra o perfil dessas crianças, identificados pelas tribos a qual a criança-brincante participa.

Quadro 4- Perfil sócio-histórico e cultural dos intérpretes. Tribo Munduruku.

Nomes dos intérpretes	Idade	Sexo	Série	Organização familiar	Nº de anos que participa do Festibal
Brenda Vitória	11 anos	F	6 ^a	Pai, mãe e irmão	2 anos
Joyce Victória	11 anos	F	6 ^a	Mãe e irmãs	6 anos
Wesley Vox	8 anos	M	3 ^a	Pai, mãe e irmã	3 anos
Evelin Victoria	11 anos	F	6 ^a	Avó	7 anos
Ana Bella	11 anos	F	6 ^a	Pai, mãe, irmão e avó	10 anos
Hilary	13 anos	F	9 ^a	Tem guarda compartilhada (Pai e mãe)	4 anos

FONTE: Elaboração da autora/2022

Quadro 5- Perfil sócio-histórico e cultural dos intérpretes. Tribo Muirapinima.

Nomes dos intérpretes	Idade	Sexo	Série	Organização familiar	Nº de anos que participa do Festibal
Ana Carine	8 anos	F	3 ^a	Pai, mãe e irmão	Primeiro ano
Sofia	9 anos	F	4 ^a	Pai e mãe	5 anos
Luíde	10 anos	M	4 ^a	Pai, mãe e irmãos	Primeiro ano
Diego	9 anos	M	3 ^a	Avó	Primeiro ano
Edmar	7 anos	M	1 ^a	Pai e tia	Primeiro ano
Cristielem	12 anos	F	7 ^a	Pai e mãe	5 anos

FONTE: Elaboração da autora/2022

Incluimos outros elementos no perfil dos intérpretes, os quais foram significativos para a construção e complementação do perfil sócio-histórico e cultural das crianças, ampliando assim, nosso conhecimento a respeito de como vivem e como se relacionam com a cultura local.

Brenda Vitória, 11 anos de idade, estuda na escola Zelinda de Souza Guimarães e cursa o 6º ano do Ensino Fundamental II. Mora com os pais e com o irmão de 15 anos, frequenta a igreja Católica e mora no centro da cidade, sua mãe é professora e o pai trabalha como operador de guindaste. Dança no Festribal há dois anos, representando a tribo Munduruku. Segundo suas palavras *“o Festribal significa uma brincadeira superlegal”* e que desde pequena sempre teve o sonho de ser um “item” da tribo Munduruku e para ela é uma honra ser item da tribo *“é ter realizado meu sonho”*.

Joyce Victória estuda na escola Zelinda de Souza Guimarães, cursa a 6º ano do Ensino Fundamental II, tem 11 anos, mora com a mãe e as irmãs. Frequenta a Igreja Católica. Mora no centro da cidade. A profissão da mãe é costureira. Dança no Festribal há seis anos. Para ela, a festa das tribos significa uma *“coisa bem divertida”*, o que ela mais gosta no Festribal é de dançar e estar com seus colegas de dança.

Wesley Vox de 8 anos. Estuda na escola Zelinda de Souza Guimarães, e está cursando o 3º ano do Ensino Fundamental I. Mora com o pai, a mãe e a irmã de 11 anos. Frequenta a Igreja Católica. Mora do bairro do São Marcos. O pai trabalha como motorista de trator e a mãe resgata animais. Faz 3 anos que dança no Festribal. Segundo o intérprete, para ele o Festribal *“significa alegria”*, pois ele gosta de dançar e de cantar músicas.

Evellyn Vitória, 11 anos. Cursa o 6º ano na escola Zelinda de Souza Guimarães. Mora com a avó. Frequenta a Igreja Católica, tem dois irmãos, 7 e 9 anos. Mora no centro da cidade. Os pais trabalham com artesanato. Dança desde 2015 na festa das tribos. Gosta muito do Festribal, para ela *“é um evento que eles esperam por muito tempo”*, gosta muito de dançar, é a coisa que mais gosta de fazer e também de participar do Festribal. Para ela o espetáculo significa felicidade, a tribo pode ganhar ou pode perder, não importa, o importante é que vão se divertir.

Ana Bella de 11 anos. Estuda na escola Zelinda de Souza Guimarães, cursa o 6º ano do Ensino Fundamental II. Mora com os pais, irmão e avó. Participa da Igreja Católica. Os pais são professores. Ela dança no Festribal há dez anos. Para ela a festa significa *“muita coisa de bom”*; gosta de dançar, de cantar, gosta muito da arte

presente na Festa das Tribos, gosta das coreografias, considera os ensaios divertidos. Os pais já dançaram na tribo Munduruku e, ela afirma que vai continuar dançando porque é uma forma de expressar seu gosto pela arte, e que vai seguir dançando na *“tribo do coração”*.

Hilary tem 13 anos. Cursa o 9º ano do Ensino Fundamental II na Escola Zelinda de Souza Guimarães. Mora com os pais, tem guarda compartilhada. Mora no bairro do Maracanã. A mãe é professora e o pai funcionário público. Dança na Festa das Tribos desde 2018. O Festibal significa para ela *“uma tradição cultural, bem especial porque toda a família é da tribo vermelha e amarela”*. O que ela mais gosta no Festibal é quando a *“cidade fica movimentada, a sensação é boa”*. Gosta dos ensaios em especial nas noites dos itens (noites em que as tribos apresentam os itens principais do Festibal), *“é divertido, dá muita gente”*, apesar dos ensaios serem cansativos, ela se diverte muito.

A intérprete Ana Carine, 8 anos. Cursa o 3º ano do Ensino Fundamental I na escola Zelinda de Souza Guimarães. Mora com o pai, a mãe e o irmão. É o primeiro ano que dança na festa. Diz que o Festibal *“é uma comemoração das tribos”*. Gosta quando as pessoas ficam olhando ela dançar e gosta de tudo na festa. Quer continuar na tribo porque ama dançar, ensaiar com os amigos. Segundo a intérprete, os ensaios são um pouco cansativos, mas vale a pena estar lá.

Sofia, 9 anos. Cursa o 4º ano do Ensino fundamental I na Escola Zelinda de Souza Guimarães. Mora com os pais. Frequenta a Igreja Católica. Começou a dançar desde os *“bombonzinhos”* (nome dado às crianças que começam a dançar a partir de 2 anos nas tribos) e dança até os dias atuais na tribo coreografada. O Festibal significa para ela *“liberdade indígena”*. Gosta de tudo na festa, acha os ensaios um pouco cansativos, mas gosta assim mesmo. Segundo a intérprete o Festibal é importante porque *“representa muita coisa da cultura de Juruti”*.

Luíde, 10 anos. Cursa o 4º ano do Fundamental I, estuda na Escola Elza Albuquerque de Lima. Tem dois irmãos. Mora no bairro do São Marcos. Mora com o pai, a mãe e os irmãos. É a primeira vez que dança no festival. Para ele o Festibal é uma coisa muito boa, o lugar que ele pode dançar, *“é uma coisa muito alegre”*, o que mais gosta é ver o pajé se apresentar. O Festival para ele é importante porque *“é algo legal para a cidade”*, visto que a cidade é pequena e ter algo que alegra as pessoas como o Festibal é importante.

Diego, 9 anos. Cursa o 3º ano do Ensino Fundamental I na escola Maria Lúcia Pinheiro. Mora com a avó. Reside no bairro do Palmeiras. É o primeiro ano que dança na festa. Afirma que gosta de dançar, fica alegre de estar participando da festa. Gosta de ensaiar e assistir os ensaios, também gosta muito do pajé, *“porque ele dança e faz os rituais que aconteciam antigamente”*, diz que vai continuar dançando na tribo.

Edmar, 7 anos. Cursa o 1º ano do Ensino Fundamental I na escola Maria da Saúde. Mora com o pai e a tia. Reside no bairro do Palmeiras. É a primeira vez que dança. O que ele mais gosta no Festribal é a apresentação da índia guerreira e do pajé, mas o pajé ele gosta mais *“porque ele faz os rituais que as tribos antigas faziam”*. O que não gosta no Festribal é da tribo Munduruku e gosta muito dos ensaios.

Cristielem, 12 anos. Cursa o 7º ano do Ensino Fundamental II na escola Zelinda de Souza Guimarães. Mora com os pais. Frequenta a Igreja Católica. Mora no bairro de Santa Rita. O Festribal significa para ela *“a cultura da cidade”*. E o que mais gosta na festa é a dança. Gosta dos ensaios, mas acha eles cansativos. Participa do Festribal porque acha divertido e os pais incentivam a ensaiar e dançar na festa, o item que mais gosta é a índia guerreira. A mãe já dançou no festival e, por isso, ela dança também. A intérprete participa da festa há cinco anos.

A criança como ator social, segundo Andrade (2018), constrói e reconstrói suas histórias dando novos e outros sentidos a elas e fazem isso por meio da “forma de ser, de se comportar, de se movimentar, de agir no espaço, de se emocionar, de falar, de cantar e de se enfeitar” (PRADIER 1998, p. 24).

A criança nessas manifestações representa papéis sociais, principalmente aqueles que fazem parte de suas vivências, do seu cotidiano. As informações mencionadas mostram elementos importantes do perfil dos nossos intérpretes, dessa maneira, foi possível perceber alguns aspectos da relação das crianças-brincantes com a festa das tribos.

2.3- Procedimentos para a análise dos dados

Para interpretação dos dados coletados, usamos a técnica de Análise de Conteúdo, segundo Godoy (1995b), essa técnica consiste em um instrumento metodológico que se pode aplicar em discursos diversos e a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza da pesquisa. Para o autor, o pesquisador precisa buscar compreender “as características por trás dos fragmentos de

mensagens tornados em consideração”, ou seja, essa técnica ajudará o pesquisador a descrever, analisar e interpretar todas as formas de narrativa.

Igualmente, enquanto o instrumento metodológico, a Análise de Conteúdo, desempenha um papel importante em pesquisas sociais, visto que, ela analisa com detalhes questões da subjetividade, pois esta reconhece que o pesquisador, o objeto de pesquisa e seu contexto estão entrelaçados.

Nesse sentido, Franco (2008, p. 10) pondera que a Análise de Conteúdo tem como ponto de partida a “mensagem”, podendo ser gestual, documental, figurativa, corporal, escrita ou oral, essas mensagens estão vinculadas às condições contextuais de quem as produz. Partindo desse olhar da autora, procuramos analisar o entendimento das crianças sobre o Festrival, tentando mostrar que através de sua apresentação cênica, seus saberes são ressignificados.

Bardin (2011), afirma que os elementos que constituem a Análise de Conteúdo, provém da comunicação verbal e não verbal. No caso de manifestações culturais como a Festa das Tribos, os códigos semióticos, os que não são linguísticos, vem ser o portador de muitas significações como: música, dança, vestuário, posturas, gestos, signos e comportamentos diversos, como ritos, a arte, mitos. Como esses códigos não são explícitos, cabe ao pesquisador extrair deles seus significados, que por hora estavam ocultos, nesse processo o contexto da pesquisa deve ser considerado.

Na visão de Chizzotti (2006, p. 98), a Análise de Conteúdo tem por objetivo “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. Em vista disso, para o autor a Análise de Conteúdo é um conjunto de informações de análise de comunicações, que tem como objetivo ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados.

Nesse entendimento, a pesquisa buscou analisar toda forma de mensagem manifestada na comunicação dos intérpretes, corporal e oral, nos levando ao registro e compreensão dos saberes e da vivência da criança que participa do Festrival.

2.3.1- Na produção dos dados

IMAGEM 3- Explicando para a comunidade tribal sobre o objetivo da pesquisa, TCLE e TALE



FONTE: Foto da pesquisa/2022

Minha busca pelos dados desta investigação foi desafiadora. O desafio começou para chegar ao *locus* da pesquisa, Juruti é a última cidade do Oeste do Pará pelo rio Amazonas, são cinco dias de viagem de barco/navio da capital Belém, porém, dias antes de ir para a pesquisa de campo consegui passagens de avião de Belém/Santarém e Santarém/Juruti, o trajeto percorrido teve duração de nove horas. Ao chegar ao município procurei a Associação Folclórica da Tribo Munduruku (AFTM), assim como a Associação Folclórica Cultural e Recreativa Tribo Muirapinima (AFCRTM), para me apresentar como pesquisadora, levando em mãos a Carta de Apresentação do CCSE/PPGED-UEPA e, posteriormente, explicar para pais, crianças e/ou comunidade tribal sobre o objetivo da pesquisa e os termos de consentimento e assentimento livre e esclarecido (TCLE e TALE)

Percebi no primeiro encontro com os presidentes e coordenadores das respectivas tribos, que seria desafiador começar a busca pelos dados, pois isso dependeria da aceitação da comunidade tribal. Os presidentes me apresentaram nos ensaios e assim tive a oportunidade de falar para mais de cinquenta pessoas qual era o propósito de nossa pesquisa. Mesmo com todo suporte das associações tive bastante dificuldade em contactar os intérpretes e seus responsáveis.

Passei dias tentando contato com os responsáveis, contudo, sem sucesso, então decidi acompanhar os ensaios das crianças todos os dias pela manhã e tarde, não só a noite como estava fazendo. Ao chegar nos ensaios percebi que as crianças

não queriam se aproximar de mim, fiquei algum tempo tentando aproximação com os pais e com as crianças. Comportamentos compreensíveis, pois nos quase trinta anos de festival, nunca houve uma pesquisa científica em que o pesquisador se fizesse presente junto aos brincantes, menos ainda voltada para as crianças e seu contexto na festa – ratifico que sobre o Festribal existe apenas um artigo produzido a partir do que seu autor coletou no *You Tube*.

Depois de tentar por algumas vezes aproximação com os intérpretes, sem sucesso, mudei mais uma vez de estratégia e resolvi me aproximar dos pais que levavam os filhos para os ensaios e fui explicando de forma individual o propósito do estudo, pedi ajuda desses pais para que auxiliassem na distribuição dos lanches organizados por mim, dessa forma fui ganhando a confiança deles e me familiarizando profundamente com o contexto da festa, visto que participava dos ensaios todos os dias e nos três turnos, manhã, tarde e noite.

Os espaços onde aconteciam os ensaios eram abertos e um deles sem cobertura, o que dificultava a concentração das crianças, por duas vezes o local dos ensaios foram mudados (de uma tribo). Por conta desses imprevistos observei que as crianças ficavam ansiosas e desestimuladas.

Os treinos eram intensos, cansativos como muitas crianças relataram “os ensaios são cansativos, mas eu gosto, não quero que mude nada. Gosto muito de ensaiar com meus colegas, para mim, é tipo, estar com muitas pessoas ao mesmo tempo para mim é uma alegria” (Joyce Victória, 11 anos), apesar disso, lá elas também se divertiam. Os desafios foram sendo contornados, contudo, precisava da aceitação dos nossos pequenos intérpretes.

2.3.2 - Encontro com os intérpretes: o início da roda de conversa

IMAGEM 4- Lanche organizado antes da roda de conversa



FONTE: Fotos da pesquisa/2022

O encontro com os intérpretes aconteceu em um momento singular, comecei servindo lanches para eles e contando como começou o Festival das Tribos em Juruti, nesse processo as falas foram acontecendo, mesmo que timidamente, e muitas vezes com respostas bem diretas, as crianças foram falando sobre a festa e da sua vivência nesse contexto.

Assim, adotamos a roda de conversa como técnica, pois para Moura e Lima (2014, p. 101), ela produz dados para discussões, reflexões, partilha de experiências, é um processo mediado em conjunto, entre o pesquisador e os intérpretes da pesquisa. Vale ressaltar que a roda de conversa foi aplicada nas duas tribos e em ambas empreguei o mesmo processo para estabelecer com as crianças um ambiente de descontração.

Nesse processo as narrativas foram ficando interessantes e mais descontraídas, pois muitas crianças começaram a contar as experiências da festa relatadas pelos pais e elas por sua vez gostariam de reproduzir esses saberes advindos de seus familiares.

A escolha da tribo do “coração” (como elas se referem) é de sobremaneira influenciada pelos pais e avós. E essa fruição de narrativas transformou nossa técnica em momentos bem significativos para a produção dos dados da pesquisa e nos

mostrou que as crianças são notáveis produtoras de culturas, “são atores sociais, aquelas que sabem, com propriedade, dizer de si e do mundo que os cerca” (ANDRADE, 2022, p. 10).

Buscou-se nessa escuta dos pequenos brincantes ter um olhar diferente daquele que nós adultos temos em relação ao mundo social e cultural e que a criança por sua vez é capaz de ter outro entendimento, são produtoras de significações e construtoras de sua existência. Cruz (2008) ressalta que:

As crianças fazem, sentem e pensam sobre a vida e o mundo, ou seja, as culturas infantis, não têm sentido absoluto e autônomo ou independentes em relação às configurações estruturais e simbólicas do mundo adulto e tampouco são mera reprodução. As crianças não só reproduzem, mas produzem significações acerca de sua própria vida e das possibilidades de construção de sua existência (CRUZ, 2008, p.46).

Nesse entendimento, procurei ficar mais próxima das crianças, me envolvendo nos ensaios, nas reuniões, participando com elas nos eventos externos que antecedem as apresentações do Festribal. Como as duas tribos são convidadas para eventos importantes na cidade, comecei a organizar minha ida nesses encontros com os coordenadores das tribos.

Em muitos momentos dos ensaios me aproximava e conversava com algumas crianças que já tinham sinalizado de forma positiva participar da pesquisa. Observá-las nesses espaços me levou a compreensão de como “significam as coisas, objetos, palavras, e como criam simbologias que estão inseridas nos seus mundos sociais e culturais” (ANDRADE, 2019, p.128).

Outra técnica que seria realizada para a busca dos dados seria o *desenho*, no entanto, por não ter um espaço que possibilitasse um trabalho adequado com as crianças, não foi possível realizar, tentei algumas vezes aplicar a técnica, sem sucesso, pois, como os ensaios eram intensos, as crianças queriam ir embora do espaço assim que acabava. Em alguns momentos tentei o contato com essas crianças em suas residências, contudo, como a maioria dos pais trabalhavam no interior, não achei prudente esse contato com os intérpretes sem a presença dos pais e/ou responsáveis.

Os encontros foram acontecendo, começamos com um determinado número de crianças, entretanto, algumas desistiram de participar da pesquisa, umas pelo cansaço dos ensaios, pois, estes terminavam muito tarde, outras porque os responsáveis optaram pela não participação de seus filhos, mesmo as crianças

querendo participar. As que seguiram na pesquisa trouxeram saberes e vivências afetivas, lúdicas, do compartilhar, da ancestralidade e da espetacularidade que nos levaram a uma melhor compreensão sobre os questionamentos da pesquisa.

2.3.3- Seguimos para o próximo encontro: entrevistas individuais

IMAGEM 5- Momento das entrevistas individuais



FONTE: Fotos da pesquisa/2022.

Os espaços dos ensaios eram abertos e com um número grande de brincantes, assim, em muitos momentos das rodas de conversa os áudios ficaram comprometidos, dificultando o entendimento das falas dos intérpretes. Frente a essa dificuldade, vi a necessidade de dispor de momentos específicos com as crianças para melhor compreensão de suas individualidades, ouvi-las separadamente me levou a coletar mais dados a partir de seus olhares, gestos e atitudes no momento da entrevista.

Alguns questionamentos foram surgindo nesse momento, dessa maneira, vi a necessidade de ter embasamento teórico para melhor conduzir o diálogo com os

pequenos, recorri às bases teóricas para verificar a eficácia e uso da entrevista, nesse sentido, compreendemos que:

O pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva. Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos (MINAYO, 2008, p. 57).

Nesse propósito, precisei estar atenta a condução das entrevistas individuais. E para que tivéssemos êxito nessas conversas, preparei um roteiro pré-elaborado (tópico guia) de entrevistas, contudo, aos poucos, e levando em conta as narrativas dos pequenos intérpretes esse roteiro foi sendo alterado de acordo com a necessidade do momento. O tópico guia é importante para que o entrevistador seja bem-sucedido em seu objetivo na pesquisa, entretanto, segundo Gaskell (2002), o pesquisador não deve se tornar escravo dele, acreditando que o sucesso da pesquisa depende totalmente disso.

Nesse entendimento, ao longo das entrevistas, procuramos não interromper nossos pequenos entrevistados, de forma a deixá-los à vontade, no intuito de obter uma descrição detalhada de suas falas.

A sensibilidade do pesquisador é importante nesse momento em que as crianças estão em um ambiente diferente do que elas estão acostumadas, observei que elas ficaram um pouco ansiosas no dia da entrevista, mesmo criando um ambiente descontraído, elas iam a mim e perguntavam *“tia e se eu não conseguir responder, você vai ficar chateada comigo?”* Me mostrei sensível aos questionamentos delas e acolhi as suas inseguranças, dando ênfase e importância para cada fala naquele momento.

Uma das tribos disponibilizou uma sala para que eu pudesse realizar as entrevistas individuais, porém, nesse momento todos (os pequenos intérpretes) se reuniram e foram dar apoio ao colega que estava sendo entrevistado, elas se divertiam, começaram a cantar e diziam que estavam felizes de participarem da pesquisa, porque elas seriam as primeiras crianças a falarem como é *“dançar e se divertir no Festibal”*. Após cada entrevista, que estavam sendo gravadas, eu mostrava um trecho de suas falas, elas sorriam e diziam que suas vozes eram bonitas.

Em uma das tribos não consegui um espaço adequado para receber as crianças e por conta do barulho e muita gente circulando tive que fazer as entrevistas dentro do carro, sob a supervisão dos pais, no primeiro momento as crianças ficaram bem tímidas, para descontraí-las ofereci guloseimas e conversas aleatórias aconteceram (pesquisadora, pais e crianças), fui aos poucos conduzindo a conversa e as narrativas dos pequenos brincantes foram acontecendo, me propus a estar sempre vigilante para não interferir (assim como os pais) e nem descaracterizar as falas dos nossos intérpretes.

Acompanhei e me aproximei das crianças no período de trinta dias do mês de julho de 2022, durante esse tempo, pude entender melhor os projetos das tribos e organizar o roteiro das entrevistas, atentando para que esse fosse direcionado para os saberes vivenciados e compartilhados pelas crianças que participam do Festribal.

Como os ensaios eram intensos, optei por fazer as entrevistas após os lanches organizados por mim em que muitas vezes contei com a ajuda de alguns pais para a distribuição, lanches compartilhados com as 50 crianças (de cada tribo) que estavam nos ensaios, não só com os nossos intérpretes.

Assim, as entrevistas individuais trouxeram para nosso estudo uma dimensão dos saberes advindos da manifestação cultural, o Festribal, nossos encontros foram produtivos e cheios de significados, em especial para mim como pesquisadora, por que comecei a compreender que lugar a criança tem nessa cultura, a sua relevância e as práticas culturais desenvolvidas por elas nesse contexto tribal.

Destaco que no dia do Festribal não tive a oportunidade de vivenciar com as crianças a apresentação delas na arena tribódromo, visto que, uma das tribos não autorizou minha entrada com os pequenos brincantes (autorizando horas depois que a primeira tribo já estava no final da apresentação), por respeito às crianças intérpretes desta pesquisa, decidi não entrar no tribódromo (com nenhuma das tribos), fiquei observando de longe e encantada com tudo que elas apresentaram, pois, vivem o Festribal, compartilham seus saberes e fazem bonito na arena. Assim, recorri ao entendimento de Hegenberg (1976) ao salientar que o pesquisador é responsável por suas escolhas.

[...] Assim, enquanto as técnicas utilizadas por um cientista são fruto de suas *decisões*, o modo pelo qual tais decisões são tomadas depende de suas *regras* de decisão. Métodos são regras de escolha; técnicas são as próprias escolhas' [...] procedimento que permite seleção do melhor dentre vários possíveis procedimentos (HEGENBERG, 1976. p. 114, grifo da autora).

Naquele momento me fiz responsável pela decisão que tomei de não prestigiar nenhuma das tribos no anfiteatro, momento que gostaria de ter vivenciado, pois, ainda vive em mim, a criança-brincante que quer viver o Festrival.

2.4- Juruti: o locus

IMAGEM 6- Centro da cidade de Juruti



FONTE: Foto da Pesquisa/2022

[...] ⁵

Quando a lua por sobre o Amazonas
 Iluminar minha cidade
 Eu entendo a minha paixão
 Se estou longe me dá saudade
 Caminhando pelas tuas ruas
 Eu relembro o teu passado
 Vou sonhando nas esquinas,
 Com teu futuro iluminado.

Quando as luzes brilharem na noite
 Iluminando a cidade
 Nossas tribos dançando a história
 A raiz da nossa verdade
 Somos Mundurucu, Muirapinima (Tupinambá)
 Canto de liberdade
 Nosso orgulho de sangue guerreiro,
 Faz a festa e o sonho invade.

É aqui que eu quero viver,
 É assim que me sinto feliz
 Minha tribo é aqui,
 Meu amor é assim, JURUTI.

(Composição: Nilson Chaves – Juruti Amar)

⁵ Música composta em 2008 em homenagem a cidade de Juruti

A letra da música que apresenta este tópico, foi escrita para homenagear a cidade de Juruti e cantada em 2008 nas vozes de Nilson Chaves, Lucinha Bastos e Mahrco Monteiro⁶, os versos escritos retratam em forma de canção a história desse lugar, a referência indígena dos jurutienses e a paixão pela “cidade das tribos”⁷. Lugar com tantas narrativas e que sedia uma manifestação cultural como o Festribal, tem muitos saberes a serem desvelados.

Assim, escolhi Juruti como **locus** desta investigação, com intuito de analisar os saberes vivenciados e compartilhados pelas crianças que participam na Festa das Tribos, para compreender este fenômeno em sua dimensão, social, educativa, cultural, e, nesse contexto me entender pertencente ao lugar que escolhi viver a pesquisa.

A palavra Juruti ou Yuru-ty é um topônimo (nome geográfico próprio da região) palavra de origem tupi que significa “colo firme” em alusão a aparência das aves *columbiformes* (aves que ficam com o pescoço teso no momento de seu canto triste), espécie encontrada em grande quantidade na época de formação do município.

A cidade foi fundada em 1818 por Missionários Capuchinhos e pertence a mesorregião do baixo Amazonas, está localizada em um local privilegiado, a margem direita do rio Amazonas, fazendo limite ao Norte com os municípios de Óbidos e Oriximiná; a Leste: Santarém; Sul: Aveiro; e a Oeste com os municípios de Terra Santa e Parintins no Amazonas.

Juruti é a última cidade do Oeste do Pará pelo rio Amazonas. Passou por várias mudanças ao longo de sua história, inclusive, mudança de território, mas foi em dezembro de 1859, que Miguel de Frias e Vasconcelos, presidente da província do Pará, emitiu um relatório feito pelo engenheiro e 1º tenente Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim com instruções de como escolher o ponto mais adequado para que pudesse ser feito o assentamento da nova povoação da então freguesia de Nossa Senhora da Saúde.

E assim, foi escolhido o lugar na margem direita do rio Amazonas entre a ponta do Maracá-Açú e a boca do igarapé do Balaio, justificando que essa região teria condições favoráveis e adequadas para assentar a nova povoação, outro fator interessante para a escolha do assentamento, era que estava a disposição a mão-de-

⁶ CD Juruti Amar. Prefeitura Municipal de Juruti. Secretaria de Cultura. 2008

⁷ Como Juruti é conhecida.

obra escrava dos indígenas Munduruku que foram utilizadas para a construção da freguesia, infelizmente, esse fato histórico contribuiu para a extinção dos povos indígenas da região (LOPES 2012, p.141). Os moradores de Juruti eram conhecidos “como jurutinos” antes da transferência da freguesia para as margens do rio Amazonas, após firmarem a cidade às margens do rio os moradores passaram a ser chamados “de jurutienses” (PME,⁸2015, p. 16).

Para chegar à cidade os principais meios de transportes são barcos, lanchas, balsas e aviões de pequeno porte. A cidade tem um porto que é utilizado para o transporte de pessoas e para o escoamento da produção de minério (bauxita). Segundo dados do IBGE (2021), possui uma população de pouco mais de 59 mil habitantes, fica distante da capital Belém aproximadamente 847 km, levando cinco dias de viagem de barco ou balsa pelo rio Amazonas e quatorze horas da cidade de Santarém (a cidade onde as maiores aeronaves pousam por conta da estrutura do aeroporto).

IMAGENS 7- Mapas da localização do município de Juruti



FONTE: Cidades do meu Brasil/2022.

Territorialmente tem uma área de 8,3 mil km e abriga mais de 200 comunidades rurais, entre ilhas, comunidades de várzea e planalto. Segundo a lei Municipal nº 941 de 31 de outubro de 2006 (PME 2015) administrativamente o município está dividido

⁸ Plano Municipal de Educação 2015-2025

em quatro distritos: a sede (sendo a cidade de Juruti) e as vila de Tabatinga, Castanhal e Muirapinima (região do Juruti Velho).

A principal fonte de subsistência dos jurutienses é a agricultura familiar, a farinha de mandioca é o produto de maior produção dessas comunidades, cujo excedente é enviado para a cidade de Manaus/AM, as atividades complementares incluem a criação de pequenos animais, pesca artesanal e o extrativismo de frutas, como castanhas, bacaba, açaí e, a produção de banana que também gera renda para esses comunitários. Já na região urbana, os empregos giram em torno da Alcoa (nome da empresa que explora bauxita na região) e da prefeitura.

Em decorrência da chegada da mineradora (ALCOA) na região, a oferta em educação, saúde e infraestrutura, não conseguiu atender a demanda da população local e nem dos que migraram para Juruti, ocasionando problemas, principalmente, nas áreas da educação e da saúde. Hoje o município possui um campus da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, que oferta em período regular, cursos de Agronomia e Engenharia de Minas.

Conforme o Censo Escolar (2021), Juruti conta com 100 (cem) escolas na zona rural e 17 (dezessete) na zona urbana em período regular. Em termos de saúde Juruti também teve um grande avanço, na sede do município existem 2 (dois) hospitais, 11 (onze) unidades de saúde da família, 4 (quatro) postos de saúde básica, 1 (um) posto móvel (que atende principalmente os moradores das ilhas) e uma unidade odontológica móvel que atende a população da zona urbana e da zona rural.

Outro fator a ser mencionado são os muitos atrativos turísticos e uma diversidade de paisagens paradisíacas que Juruti oferece. Cidade de clima de monções (fenômeno climático que provoca fortes chuvas e longas secas durante diferentes períodos do ano) na maior parte do ano. Juruti detém uma grande área de floresta ainda preservada, em que predomina o bioma de floresta tropical amazônica, com muitos igarapés de águas geladas e escuras, praias, lagos e cachoeiras.

IMAGENS 8- Pontos turísticos e paradisíacos da cidade de Juruti

Lago do Jará.



FONTE: Frank Wallace/2020

Cachoeira do Aruã



FONTE: MTB Juruti/Pá/2022

O município passou por inúmeros ciclos econômicos, dentre eles está o “Ciclo da Juta”, item bastante produzido no século XX em diversas regiões do rio Amazonas e considerado “ouro” na época, “influenciando consideravelmente o modo de vida das pessoas que trabalhavam em sua cadeia produtiva durante o auge de sua produção” (SANTOS, 2018, p. 53). Outro ciclo que influenciou a economia de Juruti foi o pau rosa, árvore nativa da floresta Amazônica, e que foi descoberta no Brasil, especificamente, na vila de Juruti Velho (hoje vila Muirapinima) em 1925, e a extração se deu no início em 1926.

Devida a exploração predatória na Guiana Francesa (o pau rosa era comercializado dessa região), a espécie praticamente foi extinta e, por conta disso, teve a expansão da produção brasileira de óleos essenciais da espécie (o óleo essencial extraído a partir da madeira e das folhas do pau rosa é muito rico em linalol, um princípio ativo utilizado em perfumes finos, sendo o mais conhecido o Chanel n.º 5.), na vila Muirapinima ainda se fala do auge da exploração do pau rosa na região.

Outro fator importante para a economia do município foi a entrada da mineradora ALCOA em 2006 na região. Segundo Coelho (2009, p. 60), a mineradora “atua como um agente modelador de espaço, modificando não apenas o espaço local, mas também outras atividades, outros espaços, classes e grupos sociais e étnicas com os quais mantém relações de diversas naturezas”.

Em 13 de agosto de 1985 Juruti teve em sua história momentos desafiadores com o fenômeno das “terras caídas”, a frente da cidade caiu totalmente, destruindo toda a estrutura urbana da época, assim como as melhores casas, os roçados, comércios e embarcações, com a destruição do porto que servia de embarque e

desembarque da Juta muitos fardos foram perdidos, acabando assim com a economia “juteira”⁹ da cidade que na época era expressiva.

A “cidade das tribos” tem sua história e tradições ligadas ao rio e à floresta, um misto de magias que somente a floresta amazônica detém, com paisagens exuberantes, mitos e lendas que são contados e representados por esse povo jurutiense. Contar a história desse lugar é reportar nossas memórias aos povos indígenas que habitaram a região, que começou com uma aldeia de indígenas (os Mundurukus), e em períodos distintos teve seu território habitado por etnias como os *Pocós e Condurís*, povos nativos do baixo Amazonas (Oeste do Pará). Segundo registros históricos, o local onde a missão Jesuíta Nossa Senhora da Saúde se estabeleceu era uma aldeia onde habitavam os indígenas Mundurukus que era localizada sobre as praias de areia brancas do lago Juruti.

Os indígenas Mundurukus, também conhecidos como Mundurukânia eram um povo de tradição guerreira que habitavam a região dos rios Madeira e Tapajós, devido a várias lutas travadas com outros povos a tribo foi se deslocando chegando às terras jurutienses por volta de 1818, acontecendo assim a fundação do município. Desta forma, Juruti é considerada o berço dos indígenas Mundurukus.

O município também é rico em manifestações religiosas. Segundo os Indicadores de Juruti (2011), de janeiro a dezembro acontecem festividades religiosas, na zona urbana e na zona rural. Contudo, a festividade de maior visibilidade na região é o Círio da padroeira da cidade “Nossa Senhora da Saúde”, que começa em 23 de junho e termina em 02 de julho. As homenagens a padroeira começam na Vila Muirapinima (região de Juruti Velho, lugar onde foi estabelecida a cidade de Juruti) e percorrem durante 5 horas de barco às margens do rio Amazonas; demonstrações de fé são observadas e vivenciadas em toda procissão fluvial, assim como as inúmeras embarcações que fazem o percurso até a igreja matriz em Juruti.

⁹ Nome dado para o ciclo da juta

IMAGEM 9- Círio fluvial da Padroeira de Juruti Nossa Senhora da Saúde.



FONTE: G1 e Regiões/2018.

E foi nesse espetáculo de saberes, histórias e cultura que aportei meu olhar a essa cidade, a seu povo, a manifestação cultural que é o Festribal, com o intuito de viver e escrever com “eles” mais um passo da história desse lugar, registrar esse espetáculo pelo olhar e voz da criança jurutiense, em especial aquela que participa nas noites do Festribal. Assim, tendo em seu representar cênico, saberes e vivências da criança que se transformam em transmissão de cultura.

2.5- Ética com crianças na pesquisa: um olhar atento

É de suma importância lembrar que pesquisas com crianças requerem um olhar atento e cuidadoso. Teixeira e Oliveira (2010, p. 13), ponderam que ao assumirmos responsabilidades éticas em uma pesquisa, assumimos “a presença do outro, respeitando-o como cidadão”.

Dessa maneira, para este estudo, procuramos respeitar a criança e a legalidade da legislação federal a respeito de pesquisas com seres humanos menores de idade, de acordo com Resolução 466/12 do Ministério da Saúde e a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que a ética em pesquisa implica no respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes de pesquisas científicas.

Pesquisas como esta, em que o pesquisador está sempre por perto, fazendo perguntas, fazendo filmagens e muitas anotações, devem se preocupar com a livre

escolha da criança em participar da investigação, além de resguardar sua privacidade. Para isso, utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE, com os pais e/ou responsáveis pela criança e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE assinado pelos intérpretes dessa investigação. Uma vez que:

Termos de consentimento livre e esclarecido garantem a decisão de participação e devem ser assinados pelos pais ou responsáveis e pelas crianças, que definem em comum acordo com o pesquisador, os nomes fictícios ou não, a fim de resguardar a privacidade/identificação (KRAMER E SANTOS, 2011, p. 32).

A pesquisa com crianças exige cuidados éticos que assegurem a identidade dos intérpretes em todo o processo da pesquisa, desse modo, nos preocupamos em submeter ao Comitê de Ética o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido), que foi devidamente aprovado pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) sob o **Número de Parecer: 5.760.866**, como forma de assegurar as identidades e os cuidados éticos com os pequenos intérpretes. Vale ressaltar, que os pais e/ou responsáveis e as crianças optaram por usar seus nomes de nascimento no estudo.

Assim, desde o início da pesquisa de campo foi explicado para a criança e para seus responsáveis a importância de preservar suas identidades e de legitimar a voz da criança em uma pesquisa científica da qual estavam participando.

Foi explicado também que elas seriam contatadas no contexto dos ensaios, no local onde acontecia a preparação para a apresentação do Festival e, que se assim optassem, a pesquisadora se deslocaria às suas residências para obter as informações necessárias para a pesquisa, sem interferir na sua rotina diária.

E ressaltado que em qualquer momento elas teriam a liberdade de retirar seu consentimento e deixar de participar do estudo, sem nenhum prejuízo. Em nossas conversas garantimos a privacidade e a confidencialidade dos dados. E que a participação das crianças na investigação não estava condicionada a qualquer retorno de caráter financeiro ou compensatório pessoal relacionado à autorização concedida aos pais e/ou responsáveis, bem como às próprias crianças envolvidas na pesquisa, mas, se ocorresse alguma situação em que houvesse a necessidade de cobrir despesas decorrentes da pesquisa ou danos causados pela mesma, os gastos seriam de responsabilidade da pesquisadora.

Assim, os dados só foram coletados após todos estarem cientes dos cuidados com as informações coletadas e os trâmites legais necessários para se trabalhar com

crianças em pesquisa científica. Dessa maneira, os termos citados nos deram respaldo ao longo deste estudo e nos ajudaram a manter o foco da investigação com nossos intérpretes.

SEÇÃO III

POR ENTRE SABERES, CULTURA E EDUCAÇÃO COM OS POVOS ORIGINÁRIOS

“As culturas vivenciadas pelas crianças das “Amazônias” [...], são peculiares, marcadas por uma identidade própria, construídas nos diferentes espaços e na interação com a natureza, com suas histórias e seus modos de vida” (ANDRADE, 2022, p. 13, grifo da autora).

Sentir-se representado pelas tradições e valores de uma comunidade é importante para reforçar o sentido de pertencimento sociocultural do sujeito com seu lugar. E as manifestações culturais são formas significativas para aprender, representar e valorizar as relações das pessoas com suas heranças culturais e sociais.

Quando me propus a vivenciar os inúmeros saberes encontrados em um espetáculo cultural, procurei olhar o objeto deste estudo por diferentes ângulos, contudo, entendo que isso não me garante a percepção e definição exata do objeto investigado, visto que, nesse processo há uma diversidade de percepções, algumas vivenciadas por mim, entretanto, compreendo que nunca será possível conhecê-las por completo.

Nesse pensar os saberes e a vivência adquirida nessa cultura, por muitas vezes se fez necessário a reorganização das ideias quanto ao aprender sobre as categorias trabalhadas nesse estudo. Busquei diferenciar o olhar, no intuito de me aproximar das categorias observadas nesta investigação. Assim, nesse intentar, a referida seção discorre sobre a representatividade da criança na cultura amazônica, sobre seus saberes e o processo educativo que ocorre em contextos não escolares. Como aporte teórico recorri a Brandão (2003, 2007), Charlot (2000) Geertz (1989, 2008) e Tim Ingold (2020).

3.1- Educação em contexto não escolar

O aprendizado pode emergir em todos os “espaços e tempo social” como pondera Aires Neto (2016, p. 96), e os espaços das manifestações culturais propiciam o trânsito de inúmeros saberes, neles se “compartilham afetos, emoções, frustrações, desejos, saberes” (Idem, p.20). Nesse contexto as crianças aprendem, se divertem,

dançando e interagindo com seus pares, como descrito nas narrativas das pequenas intérpretes *Brenda e Joyce* ao dialogarem sobre suas emoções e afetos compartilhados nos ensaios que antecedem a apresentação no Festribal.

⇒ *Gosto de ensaiar com meus colegas porque eu aprendo, acho assim um incentivo, porque se não tivesse meus colegas acho que não seria aquela coisa emocionante, eu me sinto muito feliz e acolhida dançando com meus colegas (**Brenda, 11 anos, roda de conversa**).*

⇒ *Gosto muito de ensaiar com meus colegas, eu aprendo com eles e eles comigo eu já aprendi muita coisa dançando no Festribal, pra mim estar com muitas pessoas ao mesmo tempo é uma alegria, fiz muitas amizades (**Joyce Victória, 11 anos, entrevista individual**).*

Observamos na fala das intérpretes que o aprendizado acontece no compartilhar com o outro, nesse sentido me remeto a Brandão (2003) cujo entendimento está voltado para o campo da educação, que tem como pressupostos a ideia de que as mudanças na realidade se constroem por meio do saber da ciência em interação com outros âmbitos de conhecimento. Na concepção do autor a aprendizagem acontece por meio da experiência e da vivência com o outro, a qual gera saberes diversos, capazes de comportar as várias demandas de indivíduos e grupos.

Segundo Brandão (2007) em todo lugar onde exista saber existe também formas diferenciadas de ensinar e para que isso aconteça é necessário a transmissão desses saberes. Para ele, "tudo que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar" (BRANDÃO, 2007, p. 22-23).

No contexto das manifestações culturais como a Festa das Tribos, o aprender e o ensinar pode ser evidenciado na vivência e na fala dos intérpretes, nesse sentido, me aproprio das palavras Tim Ingold (2020) quando este afirma que a educação acontece em todos os momentos da vida do ser humano.

Entendo que processos educativos acontecem em paralelo a educação escolar, pois a escola não é o único lugar para coletivizar saberes. O processo educativo está em todo lugar. Ingold (2020) em sua obra *Antropologia e como educação* procura descaracterizar a noção de uma pedagogia "tradicional-ocidental-colonizadora" a qual entende a educação como "um processo de transmissão intergeracional, em vez de adquirir conhecimento que nos absolve da necessidade de fazê-lo (...) [educação] (...)

é sobre exposição em vez de imunização” (Ingold, 2020, p. 10). A educação não deve ser configurada como algo pronto e acabado, ou influir algo as pessoas, mas essa deve ser libertadora, que abre caminhos de crescimento e de descobertas, levando em conta os saberes adquiridos também em espaços não escolares.

A educação deve ser entendida como a continuidade da vida, como uma prática de atenção e não de transmissão como revela Ingold (2020), e esse processo nunca é individual, mas social e coletivo, ou seja, a educação constitui o meio onde o processo de continuidade social da vida acontece:

[...] através da participação recíproca na vida de cada um – através dos esforços contínuos e implacáveis de jovens e velhos, imaturos e maduros, para chegar a uma espécie de concordância – que a educação e os conhecimentos, valores, crenças e práticas de uma sociedade são perpetuados (INGOLD, 2020, p. 19-20).

É por essa concordância de saberes que, provavelmente, a educação aconteça fora da escola, através da transmissão e da comunicação com o outro. A comunicação para Ingold (2020), assume o sentido de compartilhar, comungar, é a comunhão da vida; e a transmissão seria a perpetuação desse compartilhar, aspectos fundamentais para a continuidade da vida, onde acontece também a educação.

Para Tim Ingold (2020, p. 30) “todo conhecimento é fundado na habilidade”, sendo assim, não se trata de um conhecimento transmitido, mas sim de um conhecimento que cresce no sujeito enquanto ele segue os caminhos de seus ancestrais. Essa habilidade adquirida pode ser observada na fala da pequena intérprete *Ana Bella (11 anos)* quando diz sobre as crenças, valores e conhecimentos perpetuados: “*Participo do Festribal há muito tempo, minha família está aqui desde que foi fundada a tribo, nasci na Mundurukânia, gosto de estar aqui, gosto muito da tribo, aqui também aprendo sobre meus antepassados*”.

Assim, as vidas se sobrepõem e continuam sendo compartilhadas e se transformando ao longo do caminho. Nesse entendimento, considero que a educação se faz em diferentes espaços e a forma como ela é transmitida conduz os sujeitos a inúmeros saberes, responsáveis pela formação humana.

Diante disso, pondero que a educação em contexto não formal é verdadeira e coletiva, pois esta também pode ser vivenciada em manifestações culturais, como o Festribal, onde transitam saberes culturais que educam as pessoas, conhecimentos que servem para a vida em sociedade.

3.2- A cultura e seu emaranhado de significados

Destaco o Festival das Tribos indígenas como processo social e cultural que as crianças-brincantes vivenciam, pois estas se relacionam e participam de algumas fases e atividades relacionadas ao contexto tribal. No dizer de Brandão (2002) sobre a relação entre educação e cultura, este ressalta esses elementos como resultado de vivências sociais e culturais:

(...) a educação é, também, uma dimensão ao mesmo tempo comum e especial de tessituras de processos e de produtos, de poderes, e de sentidos, de regras e de alternativas de transgressão de regras, de formação de pessoas como sujeitos de ação e de identidade e de crises de identificados, de invenção de reiterações de palavras, valores, ideias e de imaginários com que nos ensinamos e aprendemos a sermos quem somos e a sabermos viver com a maior e mais autêntica liberdade pessoal possível os gestos de reciprocidade a que a vida social (cultural) nos obriga (BRANDÃO, 2002, p. 25, grifo da autora).

A reciprocidade desses gestos ocorre na mediação das relações dos indivíduos entre si, na produção de sentidos e significados. Sendo a cultura a própria condição de existência dos seres humanos, ela vem a ser um produto das ações a qual o indivíduo dá sentido, através de um processo contínuo, em uma relação de significados a qual o ser humano tece, destece e decifra todos os dias. Para Geertz (1989, p. 68) “o homem é um animal amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu”, ou seja, está envolto em um emaranhado de signos criados por ele.

Dessa maneira, quando nos remetemos a manifestações culturais como a Festa das Tribos, em que apresentam em forma de espetáculo características dos povos indígenas, reunindo aspectos tradicionais da cultura local, encontramos neste espetáculo um emaranhado de particularidades e significados que foram construídos em grupo, sem perder o reconhecimento coletivo dos padrões de comportamento e costumes. No dizer de Geertz (1989, p. 68) compreender a “cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade”.

Nesse contexto, é imperativo pensar que a cultura está relacionada fortemente a uma memória coletiva-social, que funciona como um texto no qual o ser humano está imerso. Nela a aprendizagem constitui uma construção do homem como um ser pensante, aquele que formula ideias, concepções, que adquiriu hábitos ao longo do tempo, costumes, vivências. A memória social é, pois, uma construção coletiva, de aprendizado e transformadora, que fortalece os indivíduos graças às suas vivências socioculturais.

Nesse ínterim, Geertz (2008), nos faz refletir sobre a profundidade e a contribuição da cultura no processo educativo. Para ele a cultura resulta em um panorama de aprendizagem onde, o homem é sujeito ao aprender, pois existe uma relação do homem como ser/sujeito social dentro de uma sociedade da qual faz parte, com suas particularidades, se permitindo construir sua identidade, entendendo sua função como sujeito e, como um ser de construções contínuas e coletivas, não desassociado do contexto histórico social a qual pertence.

No entendimento de Geertz (2008), a cultura é uma das dimensões que compõem a sociedade, que o ser humano não é um dado, mas um ser em construção contínua com suas particularidades e singularidades e, que tem qualidades afins, vivências, hábitos, memórias, saberes. O que nos leva a entender que todas as características humanas ultrapassam a dimensão social da vida e que suas manifestações sociais, como seus rituais, costumes, suas narrativas, são traços de sua identidade as quais definem seu tempo, sua história, seu espaço de convivência. Nesse sentido, vejamos como os intérpretes falam de suas vivências no contexto da festa:

⇒ *Eu participo do Festribal porque desde bem criancinha eu venho ensaiar, aí desde lá eu gosto de dançar e isso significa muito pra mim, lembro quando meus pais me traziam, meus pais me incentivam estar aqui (Ana Carine, 8 anos).*

⇒ *Eu gosto dos ensaios, gosto da tribo e conviver com meus colegas. Eu participo do Festribal porque acho divertido, e meus pais me incentivam a ensaiar e dançar na festa (Cristielem, 12 anos).*

Assim, consideramos o Festival das Tribos como um espaço social, onde acontecem partilhas, vivências e circulação de saberes, espaço que dá sentido às relações sociais vivenciadas pelas crianças que ali participam, em meio a uma diversidade educacional tornada possível por meio daquelas relações, atribuindo significado ao grupo e a vida das crianças-brincantes.

3.3- Saberes compartilhados

A cultura diz respeito às nossas vivências nos grupos sociais aos quais pertencemos e todo aprendizado adquirido nesses contextos, assim, se realizam os saberes que reafirmam e fortalecem nossas experiências sociais e que se entrelaçam às nossas existências em múltiplos aspectos que compartilharemos por toda a vida.

Bernad Charlot (2000), considera que essa relação que temos com o saber é fruto desses múltiplos aspectos interpretados e vivenciados, ao afirmar que todo ser humano é pertencente a um grupo. Contudo, seu pensamento não deve ser moldado a partir da posição e do espaço social desse grupo, mas esse deve ser capaz de interpretá-lo e atuar nesse espaço dando sentido ao mundo, que segundo o autor: depara-se nele “com a necessidade de aprender e com formas variadas de saber; e sua relação com o saber é fruto desses múltiplos processos” (CHARLOT, 2000, p. 38).

Sendo assim, a necessidade de aprender com formas variadas está intrínseca no cotidiano das crianças-brincantes do Festribal, mesmo com ensaios cansativos e diários que começam meses antes do festival, a troca de aprendizado e experiências desenvolvidas no espaço do Festribal, leva a criança a apropriar-se do mundo, a conhecer melhor o contexto em que está inserida, que para Charlot (2000, p. 78, grifo da autora) “é a construção de si mesma, é a inscrição de uma rede de relações com os outros (*o aprender e o ensinar*) (...) é ritmado por momentos significativos”, momentos narrados pelas crianças intérpretes que vivenciam esses saberes na troca com o outro, no contexto tribal.

⇒ *Na hora do intervalo a gente brinca muito, de várias brincadeiras, a gente gosta também de dançar e conversar sobre o Festribal (Joyce, 11 anos)*

⇒ *Brincamos de muitas coisas na hora do intervalo dos ensaios, de mãe, pega pega e de pedra papel e tesoura, dançamos e conversamos também, é muito legal (Wesley, 8 anos)*

Relaciono os relatos dos intérpretes com as assertivas de Charlot (2000) sobre o saber, pois observo que os saberes lúdicos são inerentes às vivências das crianças e que se estabelecem na convivência com o outro e com o meio. Ao brincarem nos intervalos dos ensaios, mesmo que por pouco tempo, as crianças estabelecem trocas essenciais para o seu desenvolvimento.

Podemos, então, inferir que o saber é um modo de se apropriar do mundo e que isso se dá de diversas formas e em vários contextos, seja ele escolar ou não escolar, pois “adquirir saber permite assegurar-se um certo domínio do mundo em que se vive” (CHARLOT, 2000, p. 60).

Entende-se que o saber é produzido e sistematizado com outras culturas, vivenciadas e fortalecidas com o outro e, os espaços das manifestações culturais propiciam a produção e a reinvenção do ser e das experiências adquiridas e

compartilhadas, são lugares onde existe uma circulação de culturas que se relacionam, problematizam e apreendem diversos saberes, onde o ser humano tem a oportunidade de estabelecer relações entre as diversas culturas que são produzidas em diferentes espaços sociais.

Reconhecer e valorizar as diferentes manifestações culturais (que são cada vez mais desconsideradas) que resistem à "era digital", significa considerar a diversidade de costumes, valores, saberes, crenças e etnias que marcam o cotidiano do ser humano em cada contexto.

Os intérpretes deste estudo são crianças que interagem com a sua realidade, são sujeitos que nas relações de comunicação com seus pares, desenvolvem suas identidades e por conseguinte sua subjetividade. Almejamos perceber a criança participante do Festibal de muitos ângulos, pois, estas nos fazem aprender a aprender e nos mostram que esse espaço da festa é um lugar ímpar, repleto de significados, saberes e contradições vivenciados por quem faz parte da festa.

Assim, ressaltamos nessa pesquisa a importância das falas das crianças na formação de suas identidades, pois, foi por meio destas que se buscou analisar os processos educativos e os saberes vivenciados e partilhados na manifestação cultural.

Desse modo, ao recorrer a Brandão, Tim Ingold, Geertz e Charlot, sobre educação, cultura e saberes como elementos importantes de partilha, vivência e fortalecimento das relações em diferentes espaços sociais, chegamos à compreensão de que o ser humano ao se relacionar com seus pares e com o contexto em que vive, produz cultura e, por conseguinte, educação.

Compreendemos que reflexões sobre esses elementos nos possibilitaram ampliar o olhar aos muitos aspectos presentes nas infâncias amazônicas (como o saber, a vivência, o compartilhar), nos instigando a aprofundar nossa visão de forma sensível ao estudo proposto nesta pesquisa, e que essa também nos possibilite contribuir de forma significativa para uma melhor compreensão do papel da criança no contexto das manifestações culturais, destacando que "a infância é expectadora dos festejos, mas neles entra também como protagonista" (DEL PRIORE, 2000, p. 73), que as crianças-brincantes do Festibal sejam vistas como protagonista de suas histórias e produtoras de sua própria cultura.

SEÇÃO IV

FESTIVAL DAS TRIBOS INDÍGENAS: SABERES E VIVÊNCIAS QUE EMERGEM DA/NA CULTURA AMAZÔNICA

“Na cultura brasileira as festas refletem, dentre outros significados, momentos de conagração da comunidade, manifestos em seus objetivos, propósitos, ou ainda, na tradição de cada povo. Dentre as demais manifestações das culturas regionais brasileiras, as festas amazônicas permitem diferenciá-las, quer sejam pela indumentária dos brincantes ou pela sonoridade específica das composições, intensamente difundidas tanto no ambiente interno das “tribos” quanto nos meios de comunicação, no período dessas festas” (LIMA, 2020, p. 13).

O Brasil é um país de dimensões continentais e sua diversidade cultural equivale a amplitude de seu território: culinária, costumes, religiosidade, dança, música, tradições ímpares que compõem um imenso mosaico cultural brasileiro. Formado, primordialmente, pelas matrizes indígena, negra e europeia, nosso país tem em sua gênese uma pluralidade cultural.

Devido essa diversidade, resultante de um amplo e complexo processo de miscigenação, a cultura brasileira não pode ser entendida de maneira homogênea, pois ela é o resultado de diferentes amálgamas culturais que se expressam nas distintas regiões do território brasileiro. Identidades construídas nessa dimensão cultural, que no âmbito de Brasil, em específico na Amazônia, exigem um olhar histórico, visto que a integração social entre povos ao longo dos séculos se deu a partir de processos colonizadores. Ação que submete a diversidade a uma padronização cultural, partindo da premissa que existe uma cultura que deve ser universalmente reconhecida, em detrimento de outras.

Entende-se que no Brasil inexistente uma única formação identitária, mas vários saberes e identidades que formam inúmeras estruturas culturais. Formas diferentes e muitas vezes divergentes, no que diz respeito a: religião, alimentação, vestuário, modos de falar, modos de ser – que dão sentido a esse grupo à medida que seus pares vivenciam, subvertem e transformam as experiências no seu dia a dia, atualizando, alargando, estreitando, rompendo as fronteiras entre os múltiplos saberes decorrentes desses contextos socioculturais.

Assim, quando voltamos nosso olhar para o contexto da Amazônia, a formação de identidades apresenta seus próprios intrincamentos, pois o cotidiano dos povos

dessa região, bem como suas manifestações culturais são profundamente marcados pela relação com a natureza e a diversidade de saberes existentes na floresta. O ecossistema amazônico é tanto um “indutor” para as criações do imaginário, como é desafiador para nossas comunidades lidarem com inúmeras adversidades do clima, fauna, flora e profusão da maior bacia hidrográfica do planeta.

Temos todo tipo de ambientes naturais, como várzea, planaltos, terra firme, serras, planícies e montanhas, fenômenos das terras caídas e todo tipo de acidentes geológicos, uma flora com florestas densas, igapós e manguezais, com ciclos de enchentes e maré baixa, rios de água doce e salgada, turvas, límpidas e das mais variadas cores, com um complexo hídrico de igarapés e inúmeras cachoeiras, vegetais das mais variadas formas e espécies, uma fauna com animais que habitam rios, terra e céu, toda essa diversidade de forma o patrimônio natural da Amazônia que garante um panorama singular para o desenvolvimento das mais diversas culturas.

Outro fator nesse contexto amazônica que é uma característica marcante para os “povos da terra-floresta”, está na relação das populações locais e o meio ambiente, pois é o espaço de produção de subsistência para as comunidades, como a pesca, a extração de recursos naturais (açaí, castanha do Pará, buriti etc.), assim como a agricultura.

Essa relação que se tem com o meio ambiente é também importante porque é a partir dela que ocorrem as produções culturais nessa imensa região. Vale ressaltar que, a perspectiva amazônica a que me refiro, especificamente, neste trabalho, diz respeito ao contexto paraense. O que já significa imensa dimensão territorial e diversidade cultural riquíssima. Abrangendo por exemplo, o arquipélago Marajoara, formado por mais de 140 ilhas, ou a Região do Salgado e seus onze municípios, boa parte deles praianos, banhados pelas águas do oceano, ganhando a alcunha de “Amazônia Atlântica”. Desse modo, as manifestações culturais produzidas pelos povos amazônicas demonstram que não há um jeito único de se perceber a si mesmo e ao mundo, pelo contrário, essas manifestações são tesouros patrimoniais dos quais devemos nos orgulhar.

Para quem nasce e experiencia a vida nessa região também não é tão simples entender as distintas perspectivas que se pode ter desse lugar continental que é a Amazônia. A exemplo das várias manifestações culturais que compõem nossos cenários culturais, citamos a lenda da *Vitória-Régia*, do *Muiraquitã* e do *Curupira*,

Cobra Grande ou Boiúna, do Açaí, Mandioca e do rio Amazonas, mitopoéticas que fazem parte do dia a dia de inúmeras comunidades. A lenda do *Boto*, por exemplo, é assunto corriqueiro nas conversas à beira do rio em muitas cidades, vilas e povoados banhados pelas águas tropicais.

Não podemos esquecer das festas e festivais que acontecem no baixo Amazonas a compor a identidade cultural da região, entre elas está o festival dos botos *Tucuxi* e o *Boto Cor-de-Rosa* que se realiza desde 1997, a festa do *Çairé em Alter do Chão*; temos o “*Carnapauxis, a festa do Mascarado Fobó*” que foi iniciado oficialmente em 1997 e nesses 18 anos, o evento continua preservando a característica cultural das marchinhas carnavalescas, atraindo inúmeros visitantes à cidade de Óbidos no Oeste do Pará; o *Festival dos Bois de Parintins*, uma das festas populares brasileiras/Amazônica que acontece desde 1965, e simboliza uma disputa a céu aberto entre duas agremiações folclóricas, boi Garantido (vermelho) e a do boi Caprichoso (azul), que acontece no centro cultural de Parintins, mais conhecido como Bumbódromo; assim como o *Festival das Tribos Indígenas (Festribal)* realizado sempre no último fim de semana do mês de julho ou início de agosto na cidade de Juruti, que celebra em forma de espetáculo a cultura indígena como herança ancestral da cidade, e tem como palco das apresentações o Tribódromo, arena onde as tribos Muirapinima (vermelho e azul) e Munduruku (vermelho e amarelo) se enfrentam pela conquista do título. A festa retrata a cultura indígena em forma de música, artes cênicas, alegorias e danças.

Nessa contextualização de saberes e vivências que emergem da/na Amazônia nos apoiamos no entendimento de Thompson (1995), quando define cultura como:

Um padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças (THOMPSON, 1995, p. 176).

Entendo que a cultura, em seus variados aspectos, quando vivenciada na Festa das Tribos configura-se pelo fortalecimento psicossocial do indivíduo. Integrado a seu grupo, o participante do Festribal vivencia o sentido de pertencimento, uma experiência que se estende de pais para filhos no contexto da festa. Por esta perspectiva, compreendo que ao longo de toda a vida as pessoas passam por muitos aprendizados, práticas, saberes dos mais diferentes modos, mas é a partir da relação

de trocas entre os sujeitos que se caracterizam os grupos culturais, constituindo-se ao longo do tempo uma tradição que caracteriza a comunidade.

4.1- Na festa das tribos: celebrando as origens

Teixeira (2010), declara que celebrar de maneira festiva às "origens" não é simplesmente um retorno "lembrador do passado", mas a memória "participativa de um passado matricial que envolve, incorpora e identifica o presente de quem celebra" (TEIXEIRA, 2010, p. 31). Na compreensão do autor, celebrar festivamente nossas origens, é celebrar lembranças de um passado vivido na contemporaneidade.

Em 1993 nasceu o "Festival das tribos indígenas (Festribal)" como uma ramificação do "Festival Folclórico de Juruti", é uma maneira de celebrar as origens do lugar. O festival que apresentava cordões de pássaros, quadrilhas, bumba-meu-boi e carimbó, passou a apresentar uma dança com coreografia indígena por nome "Tribo Munduruku". Assim, o caminho percorrido por este grupo folclórico (Tribo Munduruku) nas apresentações do *Festribal*, apresenta e faz reverência às danças, costumes e saberes indígenas em uma viagem mítica pelo imaginário da tribo Munduruku que habitava a região.

Contudo, como não havia a categoria "grupo folclórico" no festival, em 1994 um grupo coreografado denominado "Vai ou Racha", que fazia concorrência ao grupo folclórico Munduruku, adotou o nome de "Tribo Muirapinima", e em 1995 começaram as disputas oficiais entre as duas equipes. *"Me sinto muito feliz, por toda essa festa, por tudo isso que nós criamos. As fantasia eram de madeiras, de papelão, usávamos penas de pato, de galo e agora o festival está essa dimensão grandiosa"* essas são as palavras de dona Carmem Barroso Pereira (retirada do You-tube, Dona Carmen faleceu em 2019), conhecida como a matriarca Munduruku, que se orgulhava de ter idealizado o ritual da tribo.

E em 17 de junho de 1995, foi criado o grupo folclórico Tribo Muirapinima, com objetivo de coletar fundos para a construção do piso das salas de aula da Escola Estadual Deputado Américo Pereira Lima, projeto que tinha como requisito à obtenção de nota da disciplina Redação e Expressão. Assim, o grupo folclórico se apresentou pela primeira vez no arraial da mencionada escola com um ritual intitulado "O feiticeiro".

O espetáculo ao longo do tempo começou a crescer em uma proporção que já não comportava as apresentações na escola ou na rua, sem ter um lugar apropriado para as apresentações, cinco anos após a primeira “disputa tribal” começa a construção do Centro Cultural Dep. José Priante, mas popularmente conhecido como *Tribódromo*, nome dado em alusão a disputa das tribos. No ano de 2000 começa a primeira etapa da construção da arena e em 2005 na administração do prefeito Manoel Henrique Gomes Costa, conclui-se às etapas importantes do anfiteatro em formato de canoa.

IMAGEM 10- Antes e depois da arena Tribódromo.



FONTE: Histórias de Juruti/Jesocarneiro.com.br/2022.

A primeira imagem refere-se a uma construção de estrutura simples, a parte sonora ficava nos postes ao redor da quadra e a cabine dos jurados era uma “barraca” nos fundos, essa imagem é datada do ano de 1999. Na foto seguinte vemos o anfiteatro do alto, mostrando as arquibancadas das respectivas tribos, identificadas pelas cores das associações folclóricas, com uma arena de 50x40 metros quadrados, local apropriado para os jurados e uma tribuna com capacidade para trezentas pessoas. Hoje, na parte inferior das arquibancadas funciona o polo da Universidade Aberta do Brasil – UAB, salas para a Defesa Civil e o Departamento de Comunicação da prefeitura e, em 2023, está funcionando algumas salas para atender crianças da Educação Infantil.

Na Festa das Tribos há ampla participação da comunidade local, o evento incentiva a expressão artística e a maioria do material utilizado nas fantasias e alegorias são da região. Quanto aos temas apresentados, os “folcloristas das tribos”¹⁰

¹⁰ Pesquisadores dos enredos trabalhados no ano corrente.

descrevem elementos da natureza sob o olhar de quem vivencia a realidade local, com elementos indígenas, da fauna e da flora e com:

Canções eivadas de simbolismo, que excedem uma simples perspectiva histórica ou religiosa, que fazem alusão a uma região primitiva ou colonial e, ao mesmo tempo, integra toda a comunidade ao inserir valores sociais (e culturais) comuns para a comunidade ribeirinha” (LIMA, 2020, p. 18).

Cheia de histórias e encantos, a cidade de Juruti difunde sua cultura e seus saberes através da manifestação cultural das tribos, que retrata a cultura indígena em forma de música, artes cênicas, alegorias e danças. Nesses quase trinta anos de “disputa tribal”, as associações folclóricas buscam desenvolver em suas quadras (identificadas como aldeia Muirá, tribo Muirapinima e Universo Munduruku, tribo Munduruku) temas ligados à cultura da região amazônica, em que o modo de vida do caboclo amazônida, do farinheiro, do pescador ribeirinho e a ludicidade dos rituais indígenas são contados e servem como inspiração para o espetáculo cênico que acontece nas três noites do evento.

As lendas, mitos e a história dos antepassados são recriados e apresentados de forma teatral, com alegorias gigantescas com movimento, trazendo realismo ao espetáculo que acontece em meio a fogos de artifício e muitos efeitos visuais.

IMAGEM 11- Alegorias confeccionadas por artesãos da região.



FONTE: Michelle Daniel/ Entretenimento/Cultura/2022.

Nos dias atuais o Festribal tem se reinventado, com músicas e enredos mais elaborados, assim como, as alegorias, fantasias e danças, se adaptaram ao aumento

no número de brincantes e turistas que chegam para prestigiar os ensaios e a apresentação nas noites do festival.

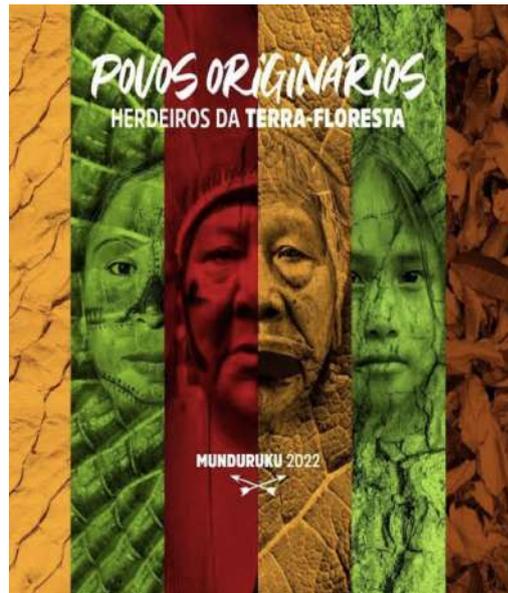
Os dias que antecedem a apresentação das tribos são intensos, são 30 dias de muitos ensaios que rendem noites emblemáticas que levam o espectador a viver com as tribos os “rituais”. Embora “concorrentes entre si” (LIMA 2020, p.18), as tribos têm o mesmo objetivo, levar alegria e encantamento aos que assistem desde os ensaios e optam por vestir a camisa nas cores das respectivas tribos.

4.2- O contexto tribal: Munduruku e Muirapinima

A 28ª edição do Festribal trouxe como tema principal o “Reencontro dos povos”, marcando o reencontro presencial do duelo tribal e a representação da cultura indígena entre as tribos Munduruku e Muirapinima, após dois anos sem acontecer o espetáculo por conta da Pandemia da Covid-19, as torcidas das respectivas tribos voltaram em 2022 ao Tribódromo para ajudar os grupos a alcançarem a pontuação do item “galera”. Os cantos apresentados no Festribal retratam o universo indígena das tribos competidoras, e são parte fundamental de todo o processo artístico, são os “cantos tribais” que vão conduzir e embalar todo o espetáculo.

A elaboração dos cantos começa no mês de setembro do ano anterior, é quando o conselho de artes das tribos se reúne para fazer o planejamento, definindo e pontuando questões importantes para lançar o edital e escolher os cantos, para assim, começar os trabalhos de pesquisa das letras, composição de harmonia e melodias. A preparação com meses de antecedência para o festival tem por objetivo prender a atenção dos espectadores e dos jurados, em um dos itens fundamentais da história a ser contada em forma de música.

IMAGEM 12- Cartaz da tribo Munduruku, 2022/ Canto tribal



FONTE: Site oficial da tribo (Facebook)2022.

CANTO TRIBAL: POVOS ORIGINÁRIOS, HERDEIROS DA TERRA-FLORESTA¹¹

Somos guardiões da floresta
 Da vida da terra
 Somos consciência
 Somos resistência
 Somos flechas
 Somos espíritos
 Somos natureza
 Contra o genocídio
 Desse chão

Somos herdeiros somos luta
 Somos terra

A chama da nova consciência
 Iluminando a terra mãe
 A celebrar

Somos a floresta
 Guardiões da vida
 Natureza viva
 Ao redor da fogueira
 Certeza do amanhã

Do coração sagrado da terra
 Nossos avós ensinaram uma grande lição
 Somos a floresta, protetores da vida

Natureza viva
 Floresta concebida
 Veio de Karu
 A certeza do amanhã

¹¹ Canto tribal da tribo Munduruku, 2022.

Munduruku luta
 Yanomami canta
 Munduruku resiste
 Juruna dança
 A celebrar

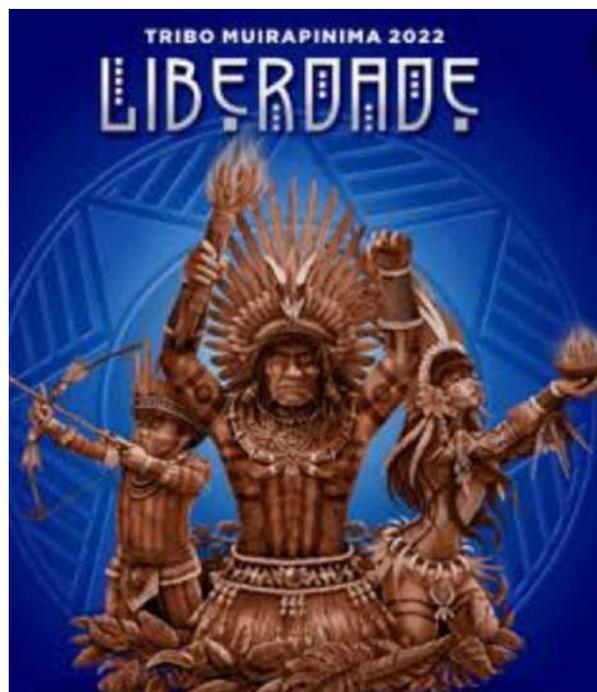
O Kariwa precisa entender
 Que as cifras não pagam a vida
 A Paz, a consciência
 E o bioma é a certeza do amanhã

E do futuro de nossos filhos
 Da humanidade

Somos guardiões da floresta
 Somos guardiões da vida
 Somos guardiões das flechas
 Da terra, da mata que foi concebida

Composição: Caetano Medeiros / Edvander Batista

IMAGEM 13- Cartaz da tribo Muirapinima/2022



FONTE: Site oficial das tribos (Facebook)/2022.

CANTO TRIBAL: CANTO DE LIBERDADE¹²

Liberdade!

Trago um canto de amor
 Armado de gente
 Forjado de luta
 Parido da Pátria Indígena

¹² Canto tribal da tribo Muirapinima, 2022

Herdeiro do meu chão Brasil
Somos a correnteza do rio
Levando os barrancos e desafios

Meu canto é?
Liberdade de existência!
É Liberdade feminina!
Liberdade da tradição!

Meu canto é?
Liberdade de crença!
Liberdade território!
Liberdade do meu chão!

Minha flecha rompe preconceitos!
Minha lança perfura o machismo!
Meu clã destrói a ganância!

Sou muirá!
Cultura, sangue, identidade!
Que rufem os tambores, da Liberdade

De azul é vermelho
Canta o povo guerreiro
Muirapinima ancestralidade!
Meu canto é de Liberdade! (bis)

Sou a flecha da Liberdade
Ôôô-ô-ô
Sou a lança
Meu nome é Liberdade!

(Composição: Alisson Lima / Andréa Alves / Daniel Costa)

4.2.1 - Tribo Munduruku

Após várias lutas travadas com outros povos, os índios Munduruku – que habitavam regiões próximas ao rio Madeira e também terras às margens do rio Tapajós – foram mudando de território e chegaram à região de Juruti Velho (lugar onde aconteceu a fundação do município de Juruti), isso se deu por volta de 1818. Povo de organização social baseada na existência de duas metades exogâmicas, que são identificadas como a metade vermelha e a metade branca e de descendência patrilinear, isto é, os filhos herdaram o clã do pai, sendo que a regra da moradia é matrilocal, a história desse povo que praticava a caça, pesca e a agricultura é lembrada e apresentada em forma de espetáculo no Festival das Tribos Indígenas exaltando a ancestralidade e a identidade amazônica. Posto isso, a familiaridade dos indígenas com a região, por habitarem por muito tempo o lugar, Juruti é considerada o berço da "Mundurukânia".

Nesse contexto, com o intuito de preservar a história e a memória desses primeiros habitantes que em 04 de julho de 1993 foi criado por três idealizadores (Carmen Barroso, Adecias Batista e Jim Jones Batista) o grupo Folclórico "Tribo Munduruku", que tinha por objetivo difundir os valores da cultura local, em forma de dança indígena, artes cênicas e rituais. O nome do grupo se deu respeitando os povos originários (Mundurukus) habitantes do lugar.

Em 2022, hoje denominada “associação folclórica”, levou para a arena a simbologia da vida, reforçando a importância da preservação ambiental e da memória ancestral. Que segundo o senhor Edvander Batista, um dos idealizadores da tribo Munduruku mirim, compositor e historiador, em entrevista para o *site Pará WebNews*, declarou que: “A edição de 2022 tem uma simbologia muito grande, será um reencontro de energia, da nossa conexão. Um evento muito forte para Juruti. Nessa atmosfera de reencontro a gente chama atenção das pessoas para a importância dos povos originários herdeiros da terra floresta. É um manifesto artístico social que vai transcender o folclore e levantar questões para que todas as pessoas possam escutar os clamores desses povos, pelo direito a território. São aproximadamente 300 pessoas realizando um grande espetáculo que vai emocionar a todos e festejar a identidade cultural do nosso município”.

IMAGEM 14- Tribo mirim, preparação para o Festibal



FONTE: Foto da pesquisa/2022.

A tribo Munduruku Mirim iniciou sua trajetória no mesmo ano que a tribo “adulta”, em 1993, sob a responsabilidade dos idealizadores Edvander Batista, Jim Jones Batista e Adecias Batista, nesse ano foi apresentado um espetáculo simples, com 50 crianças que atuaram tanto na tribo, como nos itens pajé, índia guerreira, guardiã tribal; com o tema “a ira dos deuses” a apresentação aconteceu na Escola Estadual de Ensino Fundamental Deputado Américo Pereira Lima e marcou a trajetória dessas crianças no contexto tribal. Em 1994, a coordenação do grupo folclórico mudou, e este passou a ser coordenado pelos professores Francisco Jorge dos Santos Carvalho e Lúcia Jaqueline S. Canto.

Por 20 anos o professor Jorge Carvalho coordenou a tribo mirim, ao me receber em sua casa, esse me contou os muitos desafios que enfrentou em quase trinta anos de espetáculo tribal mirim, 20 sob sua coordenação, e da importância do festival para a vida das crianças-brincantes, que aprendem sobre a cultura local e os muitos saberes adquiridos e partilhados por elas em toda a preparação do espetáculo. A espetacularidade da criança nesse contexto também foi destacada em nossa conversa.

O coordenador mostra as poucas fotos dessa época, em um quadro simples feito de EVA desgastado pelo tempo, ele guarda essas recordações da festa a qual por muito tempo dedicou sua vida. Mesmo hoje não fazendo mais parte da direção das tribos (adulta e mirim), o professor Jorge é um fanático torcedor da tribo vermelha e amarela e está sempre presente nos ensaios no “universo Munduruku” (nome dado ao espaço onde acontecem os ensaios da tribo).

IMAGEM 15- Professor Jorge Carvalho e seu quadro de recordações do Festribal



FONTE: Foto da pesquisa/2022.

Hoje a tribo Munduruku Mirim é coordenada pelo senhor José Tiago Silva de Souza, que no ano de 2022, junto com a equipe de coreógrafos, desenvolveu o tema do festival com 70 crianças-brincantes nos ensaios que aconteciam pela manhã, tarde e noite. Segundo o coordenador no mês de julho ele vivencia o festival em todas as formas “sou cria da Mundurukânia, e participar da coordenação pra mim é muito importante, me sinto feliz e pretendo desenvolver um bom trabalho com as crianças, gosto de estar aqui com as crianças, eu vivo o Festribal” destaca Tiago que também é dançarino da tribo coreografada.

4.2.2- Tribo Muirapinima

Muirapinima historicamente era a tribo que habitava as terras próximas ao Lago Juruti Velho (região onde Juruti foi fundada), conta a lenda que um “curumim” nasceu na aldeia Munduruku com traços diferentes (cabelo avermelhado e pele mais clara), não sendo aceito pelos membros da tribo, assim a família da criança se rebelou contra o cacique e com outros índios se refugiaram às margens do lago Juruti Velho, onde havia um bosque de “Muirapinimas” nome de uma árvore comum da região, por sua beleza e tipo de caule, classificada como “madeira de lei”, no período colonial. Em homenagem a essa árvore abundante no local, a tribo discordante se autodenomina Muirapinima e passa a ser inimiga da tribo Munduruku.

Os Muirapinimas eram de natureza pacífica e viviam da caça, pesca e extrativismo. Habitaram a região até 1850, contudo, por conta dos vários confrontos com os índios Iuritis, assim como, por conta da exploração de madeira pelos portugueses e espanhóis, os Muirapinima mudaram para Urupadi em Maués, município do Amazonas. O que se sabe é que ainda existem descendentes da etnia na região, às margens do Rio Catueré, mas a maioria emigrou para a região da Bolívia (dados obtidos da AFCRTM).

Nas apresentações da tribo Muirapinima nas noites de Festrival se faz referência ao legado indígena deixado por essa etnia, ressaltando sempre a importância dos povos indígenas impressa nos costumes, tradições e nas lendas. Esse “espetáculo tribal” envolvente e rico em ludicidade encanta adultos e crianças.

Pouco tempo depois de oficializarem a tribo Munduruku, surge em 17 de junho de 1995 o grupo folclórico *Tribo Muirapinima*, contudo, a disputa tribal só aconteceu a pedido da comissão do X Festival Folclórico de Juruti, que convidou o grupo folclórico e este aceitou participar do espetáculo. Assim, no dia 27 de julho de 1995, aconteceu a primeira disputa das tribos, agora oficializadas.

A idealização e a coordenação da tribo ficaram sob responsabilidade das professoras *Aurecília da Silva Andrade* e *Sebastiana Picanço da Silva*, e de um grupo de pessoas simpatizantes e interessadas, que buscavam incentivar a juventude local a criar e conhecer suas raízes. Segundo dados obtidos da Associação Folclórica Cultural e Recreativa Tribo Muirapinima, a tribo foi criada tendo por objetivo o “despertar da consciência crítica, o reconhecimento da descendência de um povo bravo, guerreiro, valorizando as raízes indígenas e defendendo seus direitos”.

A tribo trouxe para a arena tribal em 2022 um tema pedindo “Liberdade”, liberdade de existência, tradição, crença, território, que segundo o representante da tribo, o senhor Daniel Costa em entrevista ao Pará WebNews/2022, o espetáculo abordaria o tema “sob vários prismas, tendo como fundamento os costumes, lendas, rituais e crenças dos povos que originaram o nosso país” destaca o representante.

Somente em 2005 foi criado a tribo Muirapinima mirim que é parte importante da “Associação Folclórica, Cultural e Recreativa Tribo Muirapinima”, grupo em que as crianças e os adolescentes são inseridos no contexto do Festrival com o intuito de incentivar esses jovens a retratar através da sua dança a resistência da cultura amazônica, para não deixar morrer o legado e história dos povos originários.

Destacamos que, durante a pesquisa de campo, buscou-se por muitas vezes informações mais detalhadas sobre a tribo mirim, no entanto, os fundadores não quiseram participar da pesquisa, fato que foi respeitado pela pesquisadora, outras informações foram conseguidas com a coordenadora atual da tribo, a senhora Fernanda Kobayashi e sua equipe.

Em 2022 a tribo Muirapinima mirim elaborou um projeto por tema: *Guardiões da Resistência* que segundo os coordenadores tinha por finalidade “desenvolver, organizar e defender o folclore jurutiense, através de promoções, festejos e apresentações em festivais, participação em eventos culturais locais ou em outros municípios, buscando todas as formas possíveis de promover o intercâmbio cultural com outras entidades similares, proporcionando lazer e entretenimento aos seus associados e simpatizantes”.

Um ponto a ser destacado é que a tribo se preocupa com a inclusão de crianças com especificidades e PcD¹³ visual (cantor da tribo mirim), a criança *Vitor Diniz* (Vitinho, PcD visual) faz parte desse contexto tribal, autodidata, entoou os cantos tribais do Festival e em agosto de 2022, passou a ser levantador de toada¹⁴ da agremiação Caprichoso no Município de Parintins no Amazonas. Incluir a criança nesses contextos, muitas vezes “não autorizados” a elas, é “buscar e encontrar novas forças, sentidos, aliados e novos espaços para produções com crianças que têm muito a nos dizer sobre suas relações com as outras crianças (com ou sem deficiência), sobre como se veem e se interpretam nesse processo de vida em escola inclusiva (ou em manifestações culturais)” (SANTOS E FERNANDES, 2018, p.18, *grifo da autora*).

¹³ PcD: Pessoa com deficiência.

¹⁴ É o responsável por cantar as músicas do boi-bumbá no Festival Folclórico de Parintins.

IMAGEM 16- Criança PcD visual, inclusão no contexto tribal



FONTE: Site oficial da tribo/2022

Através do espetáculo ritmado e coreografado a tribo mirim buscou em 2022 retratar elementos característicos do imaginário amazônico, com o intuito de garantir a manutenção da cultura jurutiense, mostrando às crianças que elas podem ser os “guardiões da vida, de legados, de histórias, de ensinamentos, da natureza, dos nossos bens, de nossa cultura, guardiões que resistem a tudo”, como ressaltam os coordenadores do projeto da tribo.

4.3- A espetacularidade da criança no contexto das tribos

“A palavra espetacularidade assume uma dimensão de primeira grandeza, por se expressar em qualidade do que é espetacular; grandiosidade; ostentação [...] a palavra espetacular está diretamente associada ao que é apresentado para ser contemplado, admirado” (ALMEIDA, 2022, p. 45).

O termo espetacularidade admite uma dimensão de grandiosidade, algo para ser contemplado, vislumbrado, assim, é importante refletir sobre este conceito relacionado às manifestações culturais da Amazônia. Com a diversidade que temos na nossa região, não só em dimensão territorial, mas na variedade de manifestações culturais populares, a espetacularidade se constitui um importantíssimo aspecto a compor o modo como nós amazônidas referenciamos em nossas práticas artísticas a herança mítica de nossos ancestrais, a exemplo, o Festribal.

Dessa maneira, não podemos falar em espetacularidade sem entendermos alguns pontos dos fundamentos da “Etnocenologia” que segundo Santa Brígida (2007), a palavra é uma “vertente das etnociências” a qual “privilegia a inteligência do discurso indissociado da fonte que o gerou, abrindo um novo caminho para a análise dos fenômenos espetaculares” (SANTA BRÍGIDA, 2007, p. 199).

As Etnociências se propõem compreender as vivências e retratar os fenômenos naturais e tudo aquilo que os permeia, como crenças, rituais, mitos, valores, sentimentos, saberes. Apoiada a isso, a Etnocenologia destaca seus fundamentos no amplo universo das expressões humanas, aquelas que se diferenciam pelo caráter de ser “espetacular”.

Segundo Andrade; Santa Brígida (2022), tais parâmetros estão voltados para o movimento do corpo em sua totalidade, ou seja, o corpo é o fenômeno de interesse desse fundamento. Entretanto, a Etnocenologia não privilegia apenas a forma física, mas essa se expande a outras dimensões da vida do ser humano, onde o sentido do corpo é “para além do corpo de seu praticante em comportamento espetacular no seu espaço de atuação, alargando-o para o sentido do corpo biológico e interrelacional na constituição do corpo vivo, imaginário e social” (SANTA BRÍGIDA, 2007, p. 201).

Assim como o conceito de espetacularidade, o conceito de teatralidade também é discutido pela Etnocenologia, que nos leva ao entendimento de que ambos estão presentes em nosso dia a dia, ocorrem em nosso cotidiano e/ou no aspecto “extra cotidiano” do corpo humano, evidenciando que as ações humanas do cotidiano sem o objetivo específico de serem vistas se referem a teatralidade e, as ações humanas ampliadas, com o objetivo de serem vistas no espaço organizado para tais atos sociais extra cotidianos, remetem à espetacularidade. Nesse entendimento, recorreremos a Armindo Bião (2009), ao esclarecer que esses conceitos implicam:

O elemento lúdico que lubrifica as articulações do corpo social. São os jogos cotidianos e os rituais extra cotidianos que constituem essas articulações: teatralidade e espetacularidade. Para simplificar, exageramos as características do teatral são o que as refere ao espaço ordenado em função do olhar (do grego theatron); espetacularidade é o que caracteriza o que é olhado (do latim spectaculare). Quando fazemos teoria (theorien = ver de longe) e “olhamos” o mundo, todo o seu espaço é espaço teatral, e tudo o que aí se vê pode ser espetacular. Os micro eventos da vida cotidiana formam a teatralidade. Os macroeventos, que ultrapassam a rotina, são extracotidianos, e formam a espetacularidade (BIÃO, 2009, p. 162-163).

Contudo, não buscamos neste item, nos aprofundar nos estudos da Etnocenologia enquanto disciplina e método científico, pois, esse se dará em outro

momento acadêmico, o que abordamos a esse respeito brevemente é para entendermos que no espaço amazônico com suas culturas singulares, emergem saberes corporais e espetaculares, desenvolvidos em manifestações culturais, que segundo Loureiro (2002, p. 133) “são marcadas por grandes linhas de forças, como a natureza, as comunidades indígenas e suas culturas, as manifestações de arte popular, a arte plumária, as embarcações, as casas, os rios, as ruas”.

Convivendo durante a pesquisa no espaço tribal onde se encontram as crianças, sujeitos deste estudo, entendi que nesse lugar o termo “espetacular” é “associado ao que é apresentado para ser contemplado, admirado” (ALMEIDA, 2022, p. 45). A fala das crianças a seguir demonstram que esse conceito as envolve em muitos momentos da festa:

⇒ *Gosto de dançar, dos ensaios e do dia da apresentação, porque a cidade pára, para ver as apresentações, ver e admirar a gente dançando, parece que esse momento é único, eu amo o Festribal” (Hilary, 13 anos)*

⇒ *O que mais gosto no Festribal é a movimentação, muita gente vem ver a gente dançar, eu gosto e também porque meus colegas estão junto dançando e no dia da apresentação a gente faz a coisa ficar linda, é maravilhoso” (Cristielem, 12 anos)*

A imagem abaixo captura um dos muitos momentos em que os torcedores e simpatizantes das tribos contemplam e fazem torcida nos ensaios das crianças, essas ensaiam pela manhã, algumas horas à tarde e à noite fazem a “apresentação” como se estivessem na arena, mostram suas habilidades e tudo o que aprenderam nos ensaios durante o dia. Nas “noites dos itens” (as tribos fazem uma apresentação especial da índia guerreira, pajé, tuxaua), as crianças usam indumentárias relacionadas ao enredo que será apresentado na noite de espetáculo das tribos mirins no Tribódromo.

IMAGEM 17- Ensaio geral para o dia da apresentação no Tribódromo



FONTE: Foto da pesquisa/2022

A espetacularidade das crianças-brincantes nesse contexto é evidenciada em sua desenvoltura durante os ensaios, alguns intérpretes não conseguiam se expressar nas rodas de conversas e nas entrevistas, mas no momento dos ensaios, os vi se expressarem de forma lúdica e desenvolta, mostrando sua diligência nas danças e atentas ao comando do coreógrafo, procuravam fazer o que podiam de melhor, era um momento prazeroso para elas e assim “o corpo se mostra uma totalidade aberta” (ANDRADE; SANTA BRÍGIDA, 2022, p.190).

No entanto, mesmo elas exercendo um papel importante nesse espaço das tribos, tendo uma noite de apresentação só delas, os adultos ainda limitam suas participações, na maioria das vezes não respeitando suas opiniões ou suas escolhas (roupas, coreografia, tema da apresentação, cantos etc.), porém, observei que mesmo “limitadas”, elas conseguem mudar a ideia de que “nada sabem” e deixaram isso bem claro nos dias que as observei, em todos os momentos da festa elas demonstraram:

Que têm muito a nos ensinar, principalmente como ser protagonistas da sua própria história que se agrega às culturas por elas vivenciadas em determinados espaços geográficos; mesmo sendo criança em um universo adulto que pouco valoriza e respeita as culturas infantis, elas subvertem a lógica adultocêntrica e de maneira sábia colocam em prática seus modos de SER e ESTAR no mundo, ressignificando seus modos de vida e dando outros sentidos à cultura popular e (re) criando as culturas infantis (ANDRADE; SANTA BRÍGIDA, 2022, p.190)

Compreendo que a espetacularidade da criança nesse contexto não deve ser entendida apenas pelos seus gestos ou pelo seu modo de se vestir, de se expressar corporalmente, mas também pelas suas convicções, crenças, vivências e saberes.

SEÇÃO V

PROCESSOS EDUCATIVOS E OS SABERES IDENTIFICADOS NA FESTA DAS TRIBOS

“As crianças criam outras lógicas para viverem as infâncias, são capazes de (re)criarem outros mundos, da fantasia, da imaginação, do brincar, (dos saberes, das vivências) ...que dão sentido à vida” (ANDRADE; SANTA BRÍGIDA, 2022, p.185, grifo da autora)

A referida seção objetiva discorrer sobre os processos educativos desenvolvidos em diferentes espaços e, como os saberes identificados em meio ao mundo de lógicas, fantasias e imaginação criado e recriado pela criança, como em práticas cotidianas difundidas em manifestações culturais, são vivenciados e compartilhados no contexto tribal, pois como explica Andrade (2022,p.13) “compreender as crianças produzindo culturas é percebê-las na sua cotidianidade, na sua interação com o mundo, com os saberes, o que dá sentido de alguma forma aos seus aprendizados”. Para a autora compreender a criança no seu espaço de vivências é abrir possibilidades para entendê-las com suas peculiaridades, com suas histórias e modos de vida.

A criança é compreendida quando manifesta sua voz, quando apresenta seus saberes, valores, crenças, sua concepção de mundo e de si, são características constituídas e apresentadas por elas nas interações sociais e no partilhar com seus pares. Elas produzem e reproduzem narrativas que são refletidas em suas múltiplas linguagens, que contribuem para a cultura e constroem novos saberes, afirmando-as enquanto protagonistas no contexto cultural pleno de significados.

E quando nos reportamos a criança amazônica recorreremos ao entendimento de Alves (2007), que fala dos elementos do imaginário presentes na vida da criança:

Cercada de narradores que transmitem toda a poética da Amazônia, ouvindo histórias desde o nascimento, têm um repertório narrativo carregado de elementos típicos do imaginário mitopoético do amazônica. Elas estabelecem relações definidas, segundo seu contexto de origem, interagindo com uma pluralidade de linguagens, fazendo uso das relações sociais e culturais (ALVES, 2007, p.140).

As crianças jurutienses imersas no espaço tribal vivenciam sua cultura e aspectos do imaginário que as envolvem e motivam a participarem da festa, pois

nesse contexto, possuem vivências que lhes são próprias, que devem ser entendidas e valorizadas.

Na observação durante a pesquisa, em meio a muitas crianças, uma se aproxima e diz *“tia você viu como eu dancei? Minha mãe falou que era assim que a índia guerreira no tempo dos índios, dançava”*, ela criou sua forma de imaginar o mundo dos antepassados através da dança, no seu imaginário ela estava imitando a índia mais bonita da aldeia.

O imaginário amazônico é essencial nas criações do Festribal: indumentárias, músicas, coreografias, alegorias, temáticas, tudo nasce dessa teia que envolve o coletivo. Segundo Pitta (2017, p. 40) imaginar é “criar o mundo, é criar o universo, seja por meio das artes, das ciências, ou por meio dos pequenos atos, profundamente significativos, do cotidiano”.

As crianças-brincantes do Festribal vivem o imaginário através dos gestos de representar enquanto dançam, das coreografias elaboradas, muitas não entendem o significado dos gestos, mas entendem que o representar delas faz parte da cultura local, valorizam os gestos e para elas tudo é novidade, como pondera Pitta (2017) o valor:

De uma imagem se mede pela extensão de sua aura imaginária. Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. Ela é no psiquismo humano a experiência da abertura, a experiência da novidade (PITTA, 2017, p. 16).

A imaginação é identificada nas “infâncias culturais” apontadas em estudos com crianças no contexto amazônico, pois demonstram que elas vivem suas infâncias em meio a diferentes culturas, espaços, tradições, crenças, saberes, pois, estas diferentes realidades são “permeadas de significados que são importantes na construção de suas identidades, expressando as diversidades das relações socioculturais” (ANDRADE, 2022, p.14). Infâncias cheias de aprendizados, trocas de saberes compartilhados em manifestações populares na Amazônia, como o Festribal.

Nesse entendimento, observei que as crianças que dançam na Festa das Tribos compartilham saberes adquiridos no espaço da festa, troca de conhecimento que se encaminham para processos educativos.

É nessa conjuntura de educação não escolar, que analisaremos os processos educativos e saberes que nos levaram ao entendimento de que nesse espaço se educa e se partilha muitos aprendizados. A partir dessas considerações faremos a apreciação de alguns saberes observados e identificados no contexto tribal, que foram

apresentados e protagonizados pelas crianças-brincantes, os intérpretes dessa pesquisa. Seguimos com os Saberes identificados.

1. DA LUDICIDADE:

“A ludicidade é um fazer humano mais amplo, que se relaciona não apenas à presença das brincadeiras, mas também a um sentimento, atitude do sujeito envolvido na ação, que se refere a um prazer de celebração em função do envolvimento genuíno com a atividade, a sensação de plenitude que acompanha as coisas significativas e verdadeiras” (LUCKESI, 2000, p.52).

A ludicidade possibilita que as práticas de aprendizagem sejam adaptadas à maneira como as crianças interpretam o lugar que estão inseridas, se assim acontecer o conhecimento absorvido por elas, se dará de maneira leve e natural. E o processo lúdico de aprendizagem deve ser prazeroso para a criança, pois, é importante respeitar sua individualidade, de maneira que possam expressar seus sentimentos, emoções e desenvolver suas habilidades de socialização.

Na Festa das Tribos se busca retratar de maneira lúdica, através da dança, a resistência de elementos característicos da Amazônia para não deixar morrer o legado e a história dos povos originários. O lúdico faz parte do contexto das tribos, observado no ato de dançar dos brincantes, elemento fundamental na constituição da festa, esse saber está presente de forma marcante e intensa na manifestação cultural.

No entendimento de Carvalho (2014, p.07) a “ludicidade pode ser vivenciada como arte, e, por meio dela, também a vida pode ser vivida como arte”, no Festibal a criança vivencia esse saber em diferentes momentos no contexto da festa. Ao me reportar às crianças na roda de conversa, perguntei o que elas mais gostavam no Festibal, os 12 intérpretes foram unânimes em dizer:

⇒ *Gosto de me expor, de dançar, a dança faz parte de mim” (Joyce, 11 anos)*

⇒ *Gosto de dançar, de cantar as músicas” (Wesley, 8 anos)*

⇒ *Eu gosto muito do Festibal, é uma coisa que a gente espera por muito tempo, porque eu amo dançar é a coisa que eu mais gosto de fazer (Evelyn, 11 anos)*

⇒ *O Festibal significa para mim muita coisa, eu tenho um carinho grande, amo todas as danças, as coreografias elaboradas, de cantar, gosto muito da arte, mas o que mais gosto é de dançar (Ana Bella, 11 anos)*

Na fala dos pequenos notamos que a dança está presente em todo o contexto do Festribal por elas observado, elas incorporam e ressignificam o ato de dançar. Ao observá-las durante os ensaios (que aconteciam diariamente), estavam atentas ao comando dos coreógrafos, se sentiam responsáveis pela harmonia das tribos, percorriam toda a quadra cantando e fazendo várias expressões faciais (como se estivessem representando um personagem), com gritos fortes e emblemáticos (como se fosse o pajé da tribo) e com indumentárias coloridas, as crianças vivem o espetáculo na sua forma de representar.

Assim, a ludicidade está presente no comportamento das crianças que segundo Gomes (2007), expressa o modo de ser e de se apresentar de forma distinta do seu dia a dia, através da espetacularidade. Essa espetacularidade da criança está associada ao lúdico que compõe sua natureza. A ludicidade é uma forma prazerosa de aprender, as crianças-brincantes do Festribal fazem da dança algo divertido.

IMAGEM 18- Crianças brincando e se divertindo no intervalo dos ensaios



FONTE: Foto da pesquisa/2022

O lúdico é considerado um meio de comunicação e, por isso, estimula a criatividade, a expressão e a espontaneidade, pois trabalha a imaginação e auxilia na aprendizagem. Brincando a criança reconhece seu corpo e do outro, e a dança traz a expressão natural de cada indivíduo, o qual cria seu próprio mundo. Segundo Vygotsky (1984), é brincando (dançando) que a criança expressa seu estado cognitivo, visual, tátil, motor, seu modo de aprender entra em relação com o mundo e

com as pessoas do seu convívio. O autor atribui um papel relevante à ludicidade, pois essa contribui para a constituição do pensamento infantil.

Compreendemos, assim, que o lúdico faz parte do contexto da festa, quando as crianças narram que mesmo os ensaios sendo cansativos elas se divertem, como podemos observar nas seguintes narrativas:

⇒ *Os ensaios algumas vezes são cansativos, mas eu gosto porque brincamos também quando estamos dançando. (Ana Bella, 11 anos)*

⇒ *E na hora dos intervalos brincamos e conversamos bastante, nos divertimos dançando (Sofia, 9 anos)*

⇒ *Eu gosto de tudo no Festribal, acho os ensaios bem cansativos, mas eu gosto, brincamos de algumas brincadeiras na hora dos intervalos, mas o que mais gosto é do pula, pula e de dançar. (Joyce, 11 anos)*

O ato de dançar para a criança que dança no Festribal se estabelece como uma grande brincadeira, isso fica evidente em suas falas. O brincar para os intérpretes, nesse contexto, evidencia os saberes lúdicos presentes no festival. E são elementos que fortalecem as relações das crianças entre si e com os demais. Como pondera Silva (2017), percebe-se que:

As crianças, além de se inserirem nos rituais, elas se organizam no espaço de acordo com suas vontades de brincar [...]. Para as crianças, os rituais assumem o caráter de brincadeira, o que não quer dizer que elas não os vejam com seriedade e respeito (SILVA, 2017, p.130).

Ao observar as crianças percebi que as brincadeiras fluíam espontaneamente, elas se juntavam com quem tinham mais afinidade, conversavam e decidiam o que o grupo ia fazer; percebi que tinham uma seleção de brincadeiras, brincavam na maioria das vezes de “adoleta”, “pedra, papel e tesoura” e “dançavam”, não optavam por brincadeiras de “correr”, por exemplo, porque não podiam ficar muito cansadas, “*tia brincamos mais de coisas que não cansam a gente porque se não, não vamos dar conta de ensaiar depois*” (Brenda, 11 anos).

Elas se sentem responsáveis pelo desenvolvimento do espetáculo, e fazem isso parecer divertido, ao escolherem as brincadeiras seguindo a vontade da maioria, elas se socializam e constroem conhecimento, respeitando o modo de ser e de pensar de cada um.

A ludicidade proporciona à criança desenvolvimento pessoal que está associado a fatores sociais e culturais, assim, facilita o processo de: comunicação,

construção de conhecimento e ensino aprendizagem. Segundo Piaget (1978), a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança. De modo que, não é apenas uma forma de efusão que a criança se apropria para gastar energia, mas são meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual.

Nesse entendimento Luckesi (2002), afirma que a ludicidade é identificada no interior do indivíduo. A maneira como a criança vivencia o lúdico no seu cotidiano influencia de modo significativo seu desenvolvimento. Nesse sentido, o aprender e o compartilhar do que foi aprendido torna-se cada vez mais importante entre as trocas no universo infantil. O compartilhar da criança-brincante do Festribal é outro saber identificado no contexto das tribos.

2. DO COMPARTILHAR

“O compartilhar apresenta-se para a criança como um mundo intersubjetivo, onde ela sabe intuitivamente que sua intencionalidade de aprender ou ensinar é semelhante à intencionalidade da outra criança e, neste momento de vivência, é que se concretiza a intersubjetividade em ambas” (AIRES NETO, 2016, p.129).

Conceituando a intersubjetividade como uma condição da vida social que permite a partilha de sentidos, experiências e conhecimentos "entre sujeitos", me remeto ao contexto das tribos onde as vivências e os saberes são compartilhados intuitivamente. O convívio com as crianças me fez perceber que aos poucos somos introduzidos ao mundo cultural e nele passamos a participar e interferir na sua construção, é um processo que segundo Aires Neto (2016, p. 127) se dá “desde que nascemos e acontece numa vivência conjunta, na intersubjetividade dos protagonistas da construção deste mundo de cultura”.

Essa construção se dá no compartilhamento de saberes entre os sujeitos, no espaço das tribos se ensina e se aprende dentro de um processo educativo de troca de conhecimento. As crianças respeitam as opiniões uma das outras, aquelas que estão a mais tempo nas tribos ensinam as que participam pela primeira vez, aquelas com mais idade geralmente ficam na frente para ensinar os que estão errando os passos. Notei que por muitas vezes elas paravam os ensaios para ajudar quem precisava de mais atenção. Em suas falas notamos que se ensina e se aprende nesse lugar, um compartilhar de saberes educativos desenvolvidos e adquiridos nesse espaço. Seguimos identificando esse compartilhar nas falas dos intérpretes:

⇒ *Gosto de ensaiar com meus colegas, acho assim um incentivo, porque se não tivesse meus colegas acho que não seria aquela coisa emocionante, mais legal, eu me sinto muito feliz e acolhida dançando com meus colegas, gosto de aprender com eles (Brenda, 11 anos)*

⇒ *Eu amo ensaiar com meus colegas porque a gente fica brincando, eu fico aprendendo e a gente se diverte. (Wesley, 8 anos)*

⇒ *Eu gosto de ensaiar com meus amigos, é uma troca, sabe, agora com a pandemia fiquei quase dois anos sem ver eles, aí quando começou os ensaios eu tive oportunidade de conhecer outras pessoas e rever minhas amigas. (Evelyn, 11 anos)*

⇒ *Gosto dos ensaios e de me socializar com meus colegas, eu já aprendi muito com eles, tem passos que às vezes eu não consigo fazer e eles me ajudam, mas eu ensino também (Cristielem, 12 anos)*

O ensinar e o aprender além do contexto escolar podem acontecer em diversos espaços, como frisa Brandão (2007, p. 13) a “educação acontece em locais onde não há escola, já que por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber”. A troca e o compartilhamento de saberes no contexto tribal se dão de forma espontânea pelas crianças, isso acontece quando elas interagem com seus pares, quando interagem com seu grupo, com o desejo de aprender com o outro, como “seres aprendentes” (BRANDÃO, 2002, p.25), as crianças-brincantes do Festrival chegam com seus saberes e nessa troca com o outro, aprimoram os que já possuem.

Notei que a criança que tem mais tempo dançando na tribo tem tarefas, como ajudar na coreografia dos menores e lugar de destaque durante as apresentações, mas não é algo imposto, é algo que decidem entre eles, e isso é respeitado pelos coreógrafos e pelo grupo. O saber compartilhado está nos gestos e maneira como interagem.

As imagens abaixo mostram as crianças ajudando umas às outras nos ensaios, seguram nas mãos daqueles que precisam, a exemplo, da criança com cegueira/ PcD visual, toda noite uma criança se predispõem a conduzi-lo para o centro da quadra ou para o palco para que esse possa fazer sua apresentação; ou ainda, ajudam o colega a fazer uma coreografia mais elaborada, essa troca e compartilhamento de saberes para Aires Neto (2016, p. 128) “implica à criança buscar formas de compreender um determinado saber de outra criança, bem como, buscar formas de demonstrar seu saber e transmiti-lo”.

IMAGEM 19- Crianças nos ensaios, o ensinar e o aprender no contexto das tribo



FONTE: Fotos da pesquisa/2022

Assim, o “compartilhar educativo” como se refere Aires Neto (2016) está nos gestos e maneira como as crianças-brincantes interagem. Observei que o ato de compartilhar está para além de um modelo de educação escolar, nesse espaço das manifestações culturais, não existe uma forma separada de quem ensina ou de quem aprende, pois, quem “ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2001, p. 35). O ato de educar está presente em todo momento de nossas vidas, seja em contexto escolar ou naqueles onde os saberes que não estão na escola são transmitidos, pois:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 2007, p. 07).

E é por meio da educação que o ser humano indaga a si mesmo, refletindo sobre suas ações e atitudes, relacionando-se com o outro e com o mundo que o cerca, uma vez que:

Não há saber (de aprender) senão na relação com o saber (com o aprender). Toda relação com o saber (com o aprender) é também relação com o mundo, com os outros e consigo. Não existe saber (de aprender) se não está em jogo a relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo (CHARLOT, 2005, p. 58).

Nesse entendimento, levando para o contexto das tribos, a criança como ser singular, social e cultural, aprende na relação consigo, com o outro e com o mundo, e se educa por um movimento interno, decorrente do mundo externo. A criança humaniza-se e aprende na convivência com o outro e com os saberes compartilhados nessa interação. E a afetividade também faz parte desse processo.

3. DA AFETIVIDADE

“Entende-se afetividade como o conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos, e cujas relações e laços criados se refletem em atitudes e comportamentos” (MONTEIRO; FORTUNATO E PORTO, 2022, p. 5).

Os saberes da afetividade identificados no Festribal estão associados às relações sociais de convivência que as crianças-brincantes estabelecem com seus pares e com o meio em que estão inseridas. A relação de afeto que a criança nutre por todo o contexto da festa nos faz refletir sobre os laços de amizade e respeito desenvolvidos nesse espaço. A afetividade tem um papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, porque ela está presente em todas as áreas da vida e impulsiona o indivíduo a revelar os seus sentimentos em relação a outros seres e até mesmo a objetos.

Sabemos que a afetividade é sempre abordada no campo da psicologia, Henri Wallon (1879-1962) médico e psicólogo, trouxe importantes contribuições sobre o desenvolvimento infantil, destacando os comportamentos e pensamentos singulares que o caracterizam. Em seus estudos ele estabeleceu três campos funcionais que possibilitam o desenvolvimento da criança como uma “pessoa completa”, que são a dimensão afetiva, a cognitiva e a motora. Contudo, entendo que a evolução do ser humano não depende somente da capacidade intelectual, mas também do meio social e cultural que vai condicionar o crescimento do indivíduo.

Observei no Festribal que a afetividade também faz parte do contexto da criança, e que as relações e laços criados pelo afeto não são baseados somente em sentimentos, mas também em atitudes. Segue algumas falas em que as crianças demonstram afeto a “tribo do coração”

⇒ *Eu amo minha tribo. Me sinto feliz em representar minha comunidade tribal, fico muito feliz em ver e realizar essas coreografias que eu acho muito bonita, eu amo minha galera, é vibrante, eu acho muito bonito (Brenda, 11 anos)*

⇒ *Participo do Festribal porque primeiramente eu amo minha tribo e depois porque gosto muito, é uma cultura que eu gosto do fundo do meu coração e eu não pretendo abandonar. (Joyce, 11 anos)*

⇒ *O Festribal pra mim é uma comemoração das tribos, a tribo que amo muito (Ana Carine, 8 anos)*

⇒ *O Festribal significa pra mim uma cultura e muito afeto, porque todos que estão aqui amam a tribo (Cristielem, 12 anos)*

Entendo que nesse contexto cultural, a participação da criança na festa é praticamente baseada em laços afetivos, afeto pela tribo e pela comunidade. Analiso que a afetividade e a educação coexistem nesse meio e colaboram com o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem encontrados fora do contexto escolar. A criança quando gosta do lugar que está inserida, se sente confiante, acolhida e motivada a aprender e a ensinar mais sobre o lugar a que pertence. Monteiro (2004), ressalta que a aprendizagem, que acontece em qualquer espaço, passa pela emoção.

Por isso, se o sujeito não se sentir seguro e confiante, sua consciência vai estar tomada com a preocupação de se defender o tempo todo que não conseguirá deixar sua curiosidade e criatividade surgirem e com elas o desejo de aprender (MONTEIRO, 2004, p. 117).

A afetividade é importante para que o processo educativo ocorra, pois, o afeto é considerado a energia essencial para que o cognitivo possa operar, para isso ele precisa ser trabalhado dentro e fora do espaço escolar. Notei quando as crianças entravam na quadra para “mostrar” o que elas tinham ensaiado durante muitos dias, sua presença era intensa, cantavam e dançavam com paixão pelo lugar que pertenciam e o que naquele momento elas estavam representando.

IMAGEM 20- Criança na noite do Festribal, representando a tribo



FONTE: Site oficial da tribo Munduruku (Facebook)/2022.

No espaço das crianças-brincantes a afetividade é desenvolvida através da vivência com seus pares, não se restringe apenas ao contato físico na hora da dança, mas o afeto se estabelece na interação entre as partes e no contexto das tribos. Para Oliveira (2003), os processos afetivos são construídos ao longo de uma história pessoal e inserida numa condição histórico-cultural de um determinado grupo, e a afetividade funciona como base dos saberes e do aprendizado estabelecidos historicamente e compartilhados culturalmente.

Ao considerar esses saberes no contexto das tribos, esses nos levam a refletir que o afeto promove o sentimento de pertencimento e interpretação dos saberes desenvolvidos e adquiridos entre seres distintos. Que para Charlot (2000) se constitui em aprender para:

Viver com outros homens com quem o mundo é partilhado. Aprender para apropriar-se do mundo, de uma parte desse mundo, e para participar da construção de um mundo pré-existente. Aprender em uma história que é, ao mesmo tempo, profundamente minha, no que tem de única, mas que me escapa por toda a parte. Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros (CHARLOT, 2000, p. 53).

Assim, como a afetividade está ligada a emoções, a criança que vivencia o Festribal transmite seu afeto ao contexto tribal através de seus gestos, de seus

sentimentos, consegue transmitir suas emoções de forma prazerosa por meio de sua dança, de sua espetacularidade.

4. DA ESPETACULARIDADE

“A espetacularidade, mesmo sendo própria de cada sujeito social, só terá sentido quando relacionada ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social no qual está inserida” (ANDRADE; SANTA BRÍGIDA, 2022, p.180).

A festa das tribos se constitui em um espetáculo que ocorre anualmente que compreende a competição entre as tribos Munduruku e Muirapinima em um espaço em que se resume a singularidade e complexidade desse território habitado por muito tempo por diversos grupos humanos, etnias indígenas (tribos). O simbolismo decorrente desta herança ancestral é apresentado em forma de arte, onde o corpo se movimenta de maneira espetacular, reverberando e projetando a história dos grupos tribais através da dança.

A criança que dança no contexto tribal se destaca realizando coreografias emblemáticas que chamam a atenção dos espectadores pelo modo espetacular de como se apresentam. O corpo das crianças-brincantes “é um corpo lúdico, que atrai gritos, palmas e muitos olhares” (ANDRADE; SANTA BRÍGIDA, 2022, p.176), nesse momento elas transformam a vida, alçando seu fazer ao extracotidiano, o contexto do espetáculo altera e afeta não somente o corpo da criança-brincante, mas de todos aqueles que se envolvem com o Festribal.

Nesse pensar sobre o corpo e sua espetacularidade me aproprio das palavras de Silva (2003) e de Arenhart (2016), pois nesse espaço da festa o corpo é representado pela noção de “sujeito”. As autoras usam a expressão “sujeito-corpo” para traduzir os vários aspectos que constituem a vida das crianças, formando-as como sujeitos que se materializam e se expressam em seu corpo. No contexto das tribos observo o corpo da criança pelo entendimento de Silva (2003, p. 273) como uma “[...] superfície da natureza humana que se traduz na materialidade do ser social perante o mundo”.

O entendimento de Silva nos dá a ideia de propriedade do corpo em estabelecer relações com todas as possibilidades que o rodeiam, “é a forma de o homem ser-no-mundo” (GONÇALVES, 1994, p.102), é vislumbrar o corpo humano “numa unidade expressiva da existência” (FREITAS, 1999, p.52), é o indivíduo que pensa, sente e

age, ou seja, “todo individuo se percebe e se sente como corporeidade. É na corporeidade que o homem se faz presente” (SANTIN, 1987, p.50). Corporeidade entendida como “corpo + processos de humanização do sujeito”. Desse modo, olhar a criança no espaço da festa na dimensão de sua corporeidade é buscar entendê-las para:

Além da visão mecanicista e dualista do senso comum que comumente nos ensina que cada pessoa tem um corpo, como se fosse um suporte material a serviço da mente; a noção de corporeidade, bem como a de sujeito-corpo [...] ajudam e têm em comum a compreensão do corpo numa perspectiva mais complexa, pela qual este é produto e, ao mesmo tempo, gerador de processos biológicos, psicológicos, sociais, culturais etc. (ARENHART, 2016, p.100-101).

A criança-brincante mesmo sem compreender seu corpo em uma perspectiva mais complexa, de maneira intersubjetiva transmite saberes no diálogo corporal, constrói formas autônomas e próprias de significação na rotina com seus pares, em que a dança é a sua melhor forma de dialogar, de vivenciar a espetacularidade. As falas dos pequenos intérpretes indicam que a dança tem uma relação dialética do corpo consigo mesmo e com o contexto em que se está inserido o sujeito. As narrativas mostram como a dança é importante para a criança e de como a vivenciam enquanto algo prazeroso:

⇒ *Eu gosto muito de dançar, é o que sei fazer (Cristielem, 12 anos)*

⇒ *Gosto quando as pessoas ficam olhando eu dançar, vou dançar sempre aqui, porque eu gosto de dançar (Ana Carine, 8 anos)*

⇒ *Eu queria dançar como a índia guerreira. Vou continuar dançando porque é muito legal, gosto de dançar (Hilary, 13 anos)*

⇒ *O que eu mais gosto no Festibal é a dança, é divertido, amo dançar (Joyce, 11 anos)*

A espetacularidade da criança-brincante na Festa das Tribos está relacionada ao movimento corporal, durante a pesquisa observei que as crianças menores (chamadas de bombonzinho e/ou docinho) se encantavam com os mais velhos dançando, tentavam imitá-los e, por sua vez, as crianças maiores queriam “dançar igual” aos itens (como observado anteriormente, são os personagens principais da apresentação) das tribos adultas, no entendimento de Andrade; Santa Brígida as:

Crianças-brincantes estão sempre ávidas a conhecer e interagir com pessoas e objetos, desde que lhes chamem a atenção, não importando em que lugar, em que momento ou a quem pertença, elas vão buscar conhecer, sentir, ver, ouvir (ANDRADE; SANTA BRÍGIDA,2022, p.183).

As imagens a seguir mostram que o corpo é um” instrumento de aprendizagem e comunicação” (AIRES NETO, 2016, p. 114). De aprendizagem porque a criança começa a desenvolver e adquirir habilidades corporais no contato com seus pares e no contexto que estão inseridas em diálogo com seus semelhantes, de comunicação, pois o corpo se expressa, se comunica, de forma lúdica e espetacular.

IMAGEM 21- Crianças no ensaio geral, tribo coreografada



FONTE: Fotos da pesquisa/2022.

As fotografias trazem a espetacularidade das crianças evidenciada através dos seus gestos e nas coreografias mais elaboradas, com passos ritmados e ao som, muitas vezes ao vivo, dos cantos tribais, elas vão para as quadras desejosas em mostrar a expressão corporal desenvolvida e adquirida por elas nesse espaço. A espetacularidade implica na inclusão de um corpo em um mundo significativo, em que o corpo-sujeito dialoga consigo mesmo, com outros corpos e com o contexto ali experienciado.

A espetacularidade das crianças se apresenta nos "efeitos e gestos [...] envolvidos pelo padrão cultural que suscita as formas de sua sensibilidade, a gestualidade, as atividades perceptivas, e desenha assim o estilo de sua relação com o mundo" (LE BRETON, 2012, p. 8), confirmando assim, a “compreensão da espetacularidade como única de cada criança-brincante, ou melhor, a relação que os sujeitos estabelecem com o mundo é exclusiva, o que implica na maneira como a espetacularidade emerge em cada corpo” (ANDRADE; SANTA BRÍGIDA,2022, p.179).

Através das danças, gestos e sentimentos transmitidos em seus rituais, a espetacularidade pode ser lida na vida dos povos originários. Hoje o Festival das Tribos ressignifica através da dança características de seus ancestrais, utilizando em suas apresentações adereços e indumentárias que caracterizam os costumes, crenças e lendas do imaginário amazônico relacionado a herança indígena. Evidenciando que os saberes desses povos são importantes para perpetuação da ancestralidade que acompanha seus descendentes.

5. DA ANCESTRALIDADE

“O Brasil precisa olhar para a sua ancestralidade” (Daniel Munduruku, entrevista CNN, 2021).

Ao longo da história, os povos originários deixaram um importante legado cultural à população brasileira. Além dos costumes e das histórias que foram passados de geração a geração, há influências das culturas indígenas no idioma, na culinária, nas expressões corporais. A ancestralidade indígena é lembrada em muitas manifestações culturais, em que se busca perpetuar a memória, as tradições e os costumes dos povos da terra-floresta.

Entende-se nesse contexto das tribos que os saberes da ancestralidade (indígena) estão associados aos costumes, tradições, crenças, da vivência grupal e individual dos povos remanescentes, assim como, na ressignificação cultural e histórica de nossos ancestrais, o que fortalece os laços do presente, nos liga ao passado e remete ao futuro, tempos ligados e inter-relacionados, a dimensionar distintos aspectos da vida, pois:

Ancestralidade [...] encantamento[...] uma perspectiva filosófica [...] discorre desde nosso modo próprio de filosofar, de construir reflexões críticas desde nossas experiências, nossas vivências em um solo tecido pela relação ancestral [...] que construiu esse país. É compreender essas epistemologias [...] desde a percepção comunitária [...] organização, resistência, valorização, promoção e celebração da vida [...] (FREIRE, 2021, p. 265).

Assim, por meio do espetáculo se rememora a organização e resistência dos povos originários, como também, se busca valorizar sua cultura ancestral. Minha identificação desse saber se deu na conversa com as crianças, em suas narrativas sobre a festa e o que ela representa, um dos aspectos era vivenciar os “saberes de

nossos ancestrais”. Nas falas dos pequenos intérpretes observamos a ideia que eles têm sobre representar esses saberes através da dança.

⇒ *Esse evento das tribos resgata a origem dos nossos antepassados (Evelyn, 11 anos)*

⇒ *O Festibal é uma cultura nossa, dos nossos ancestrais, os índios que moravam aqui são nossa cultura, fico feliz de representar eles. (Ana Bella, 11 anos)*

⇒ *Eu entendo que o Festibal é importante, porque fala da cultura daqui, conta a história dos antigos que moravam, dos índios e pra mim é importante representar isso por meio da dança, eu fico orgulhosa. (Cristielem, 12 anos)*

O rememorar da ancestralidade nos conecta com algo profundo diretamente ligado à nossa identidade, na medida em que procuramos compreender nossa história, quem somos, de onde viemos. Segundo Machado (2014), a ancestralidade nos acompanha em todos os lugares e encontra-se:

No culto à tradição, assim como na possibilidade de continuidade do seu espaço e seu tempo histórico, tempo esse que é o dos ancestrais, seja no passado, seja no presente e até mesmo no futuro, pois o tempo da ancestralidade é o tempo do passado, do presente e de um futuro próximo. [...] que sustenta os princípios históricos produzidos por seu povo, num movimento dinâmico, trazendo novidades dos antepassados para o mundo contemporâneo (MACHADO, 2014, p.57).

Para a autora a ancestralidade é como um guia para nossas vidas, é a lógica que organiza nossos pensamentos e nos permite refletir (re) criar e vivenciar nossos conceitos e práticas, “[...] posto que conhecer, aprender a sabedoria dos antigos é atualizar, continuamente, o conhecimento” (MACHADO, 2014, p.58).

Dessa maneira, ao observar as crianças nos ensaios, notei que os itens, tuxaua, pajé, índia guerreira, porta estandarte, não ensaiavam com os demais brincantes, eles tinham horários específicos para preparação, assim como uma noite dedicadas a eles nos espaços das tribos, as crianças tinham uma coreografia específica que por meio de seus gestos relembavam os rituais dos povos ancestrais.

A imagem a seguir mostra o pajé da tribo mirim fazendo seu “ritual”, invocando os deuses, ao fazer sua pajelança.

IMAGEM 22- Ritual do pajé, encenando a ancestralidade dos povos indígenas



FONTE: Foto da Pesquisa/2022.

A criança interpreta esses rituais como se estivesse nas aldeias, com os pajés. É uma encenação tão importante para elas que a apresentação do pajé e do tuxaua é muito esperada na noite da apresentação, em sua interpretação a criança descreve o ambiente da aldeia, em gestos, expressões faciais e narrativas (texto narrado, pelo apresentador oficial da tribo), se sentem pertencentes aquele mundo por elas idealizado. As crianças gostam de estar nesse espaço e de representar seus antepassados porque tem orgulho de suas origens, na afirmação de Daniel Munduruku sobre se sentir pertencente a um lugar ele diz:

Nós gostamos de ser o que somos porque somos parte de um povo e temos orgulho de nossa gente, de nossa história, de nossos antepassados. E queremos contar aos nossos filhos tudo o que aprendemos, e queremos que eles contem para os filhos e para os filhos de seus filhos. Só assim continuaremos vivos... e livres... (Munduruku, 2002, p. 22-23).

Nesse entendimento, a pertença a esse contexto é reiterada pelas crianças por meio de suas narrativas e seus gestos. As crianças-brincantes da Festa das Tribos vivem suas infâncias entrelaçadas a tradição cultural e aos saberes desenvolvidos,

adquiridos e compartilhados por meio da ludicidade, na convivência afetiva com o outro, culminando na espetacularidade dos corpos que ressignificam seu lugar de pertencimento ligado à ancestralidade indígena.

Dessa maneira, evidenciando o cotidiano das crianças-brincantes do Festribal, apresento de maneira sistematizada no quadro abaixo, os saberes identificados no contexto da festa e de como esses são vivenciados e compartilhados, bem como, o tipo de educação que estão relatados em linhas gerais nesse estudo.

Quadro 6- Sistematização dos saberes identificados no Festival das tribos indígenas de Juruti/PA

Saberes Identificados	Como o Saber é compartilhado	Processos e Práticas Educativas	Tipo de Educação que o Saber está associado
DA LUDICIDADE	<ul style="list-style-type: none"> - Oralidade; - Observação; - Treinamento; - Repetição. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dança (pela repetição dos passos); - Brincadeira; - Coreografias. 	Educação pela <i>Ludicidade</i> , pela dança
DO COMPARTILHAR	<ul style="list-style-type: none"> - Oralidade; - Convivência; - Ouvir/escutar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ensinar e aprender com o outro; - Respeitar o espaço de convivência; - Saber ouvir a opinião do outro. 	Educação pelo <i>Compartilhar</i> , ensinar e aprender
DA AFETIVIDADE	<ul style="list-style-type: none"> - Oralidade; - Gestos; - Respeito. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimento de afeto demonstrado pela comunidade tribal; - Respeito pela cultura local; - Pertencimento ao contexto da festa. 	Educação pela <i>Afetividade</i> com o contexto que está inserido
DA ESPETACULARIDADE	<ul style="list-style-type: none"> - Observação; - Orientação coletiva; - Treino. 	<ul style="list-style-type: none"> - Expressões corporais; - Coreografias; - Indumentárias. 	Educação pela <i>Espetacularidade</i> , o corpo espetacular

DA ANCESTRALIDADE	<ul style="list-style-type: none"> - Respeito; - Orientação; - Oralidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Respeitar os saberes dos mais velhos; - Preservar a história cultural dos primeiros habitantes da região. 	Educação pela <i>Ancestralidade</i> indígena
--------------------------	--	--	--

FONTE: Elaboração da autora/2023.

As falas transcritas e as imagens que seguiram nessa seção evidenciam saberes e processos educativos protagonizados pelas crianças nas suas vivências com seus pares no espaço que estão inseridas. Identificamos trocas, partilha de conhecimento, as quais se entende como princípios para a realização da prática educativa, como pondera Brandão (2006), há formas distintas de educar e conotações de pluralidade a respeito da educação.

Nesse entendimento, retifico cinco saberes originários das vivências das crianças-brincantes que demonstram que processos educativos acontecem para além dos muros da escola, educação que o indivíduo leva para a vida.

Os saberes identificados são: da ludicidade, do compartilhar, da afetividade, da espetacularidade, da ancestralidade, os quais têm relação com outros tipos de educação como: Educação pela ludicidade, pela dança; Educação pelo Compartilhar, ensinar e aprender; Educação pela Afetividade com o contexto que está inserido; Educação pela Espetacularidade, o corpo espetacular; Educação pela ancestralidade indígena.

Os saberes protagonizados pelas crianças-brincantes do Festrival nas suas vivências compreendem práticas educativas entrelaçadas às suas relações sociais e culturais, que implicam formas diversas de aprender, pois “aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção de vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si e à que quer dar de si” (CHARLOT, 2000, p. 72).

Portanto, as crianças-brincantes do Festrival, intérpretes desta pesquisa, vivenciam, partilham e perpetuam um modo de ser, que nas noites jurutienses, enquanto dançam, expressam por meio do espetáculo, um fazer que encanta e educa.

SEGUIMOS COM A FESTA (CONSIDERAÇÕES)

“Eu entendo que o Festribal é muito importante é uma cultura, é uma brincadeira ótima que gosto e amo muito” (Brenda, 11 anos)

“O Festribal é importante para Juruti porque a cidade também precisa de uma alegria, é para alegrar mais o povo” (Joyce, 11 anos)

“O Festribal é importante porque faz as pessoas dançarem e amar a tribo” (Wesley, 8 anos)

“O Festribal é um evento do Muirapinima e do Mundurucus que resgata a origem dos nossos antepassados” (Evelyn, 11 anos)

“O Festribal é uma cultura nossa, os índios que moravam aqui são nossa cultura, minha vó é índia, minha bisavó também, boa parte da minha família é indígena” (Ana Bella, 11 anos)

“O Festribal é muito importante pra nós porque a cidade fica movimentada, vem pessoas de outros lugares trabalhar nas alegorias, tudo isso gera emprego para eles e isso é ótimo, é muito bom” (Hilary, 13 anos)

“O Festribal é importante porque é uma comemoração das tribos e é importante para os índios e com isso nossa cidade está evoluindo” (Ana Carine, 8 anos)

“O Festribal é importante porque representa muita coisa da nossa Juruti” (Sofia, 9 anos)

“O Festival é importante porque é algo bem legal pra nossa cidade, visto que a nossa cidade é pequena é legal ter algo que alegra a gente como o Festribal” (Luide, 10 anos)

“Sinceramente, não sei por que fazem o Festribal, só sei que é divertido” (Diego, 9 anos)

“Eu entendo que o Festribal é importante porque fala da cultura de Juruti” (Edmar, 7 anos)

“O Festribal é importante, porque fala da cultura daqui, conta a história dos antigos que moravam aqui e pra mim é importante representar isso através da dança, eu fico orgulhosa” (Cristielem, 12 anos)

Comecei esse caminhar tribal com o propósito de ouvir a voz da criança que dança no Festival das Tribos Indígenas da cidade de Juruti/PA, e entender como seus saberes são compartilhados em meio às vivências no contexto das tribos, contudo, esse caminhar não foi fácil, foi desafiador e instigante.

Desafiador porque adentrar o contexto das tribos e observar a festa não mais como uma espectadora, mas dessa vez como pesquisadora e, em um momento pandêmico, me trouxe inseguranças e incertezas, por muitas vezes pensei que a pesquisa não fosse acontecer, pois durante dois anos não se realizou o Festribal;

instigante, pois esse espaço me fez entender de maneira significativa que manifestações culturais contribuem para o desenvolvimento social e influenciam a visão que se tem do mundo e do contexto cultural em que o indivíduo está inserido.

O contato com as crianças me motivou para ir além do meu entendimento científico, me levou a ter uma visão ampla sobre cultura, entender que o círculo de ensinar e aprender nasce da interdependência humana e se eterniza nas relações afetivas, sociais e culturais.

Assim, essa pesquisa se constitui em um estudo “*Com e Sobre*” (ANDRADE, 2019, p. 101) as crianças-brincantes do Festribal, a criança que participa ativamente desse espaço cultural e evidencia seus saberes no entrelaçamento de experiências vividas com o outro e com o meio em que está inserida. Mas, para chegarmos ao entendimento desses saberes, fizemos um percurso metodológico o qual nos permitiu desenvolver e, algumas vezes, reelaborar os métodos adequados para encontrarmos respostas aos questionamentos delimitados neste estudo.

O começo da festa, da idealização a pesquisa...se deu por estar inserida no contexto da festa, por meio das narrativas e pelo olhar dos meus alunos, desejos passados que convivem comigo no presente e agregam lembranças de uma infância “impedida” (por motivos religiosos) de participar dessa manifestação cultural como criança-brincante.

Além do eixo motivacional percorrido nessa seção, também abordamos itens como: **a festa das tribos: espaço de manifestações de saberes** que nos fez compreender, utilizando alguns aportes teóricos, sobre o sentido e o significado dos saberes para a criança; delimitamos o objeto, objetivos e o estado do conhecimento que nos ajudaram a estabelecer critérios e desvelar aspectos importantes deste estudo.

Chegamos ao **movimento da pesquisa**, falando da metodologia e de como manteríamos o direcionamento da pesquisa em meio a momentos de incertezas e angústias, por conta da pandemia da Covid-19; escolhemos o método adequado para que pudéssemos seguir o movimento da pesquisa, com um olhar reflexivo escolhemos a etnometodologia que nos orientou no trabalho de campo a evidenciarmos a relação particular para cada contexto estudado; nesse planejar escolhemos técnicas que nos auxiliaram e favoreceram nossa compreensão dos objetivos desta investigação. Abordagens e técnicas importantes que permitiram desenvolver a pesquisa.

O percurso da investigação nos levou aos intérpretes deste estudo, as **crianças jurutienses**, especificamente, 12 crianças (seis de cada tribo) que participam ativamente do contexto das tribos, as crianças foram escolhidas por acessibilidade, consentimento dos responsáveis e desejo da própria criança, pois ela em nosso estudo é considerada como sujeito de direito, possuidora de um papel importante nas relações sociais e produtora de saberes; abordamos ainda nessa seção o perfil sócio-histórico e cultural das crianças-brincantes que possibilitou coletar dados para a elaboração do trabalho.

Seguimos e organizamos os **procedimentos dos dados coletados**, utilizando como instrumento metodológico a análise de conteúdo, pois, esta reconhece que o pesquisador, o objeto da pesquisa e seu contexto estão entrelaçados, assim partimos para a **produção dos dados**, o primeiro passo foi o **encontro com os intérpretes: o início da roda de conversa**, começamos o primeiro contato com as crianças; **seguimos para o próximo encontro: entrevistas individuais**, nesse encontro, mesmo com alguns contratempos, pude observar a criança em sua individualidade; falamos sobre o **Locus** da pesquisa, a **cidade de Juruti** e a história cultural e religiosa que advém desse lugar, importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Ainda nesse caminhar discorremos sobre a **educação em contexto não escolar; a cultura e seu emaranhado de significados; e dos saberes compartilhados**, como aporte teórico recorreremos ao entendimento de Brandão (2003 e 2007), Charlot (2000), Geertz (1989,2008) e Tim Ingold (2020) que possibilitaram ampliar o olhar aos muitos aspectos presentes nas infâncias.

Para harmonizar esse percurso dialogamos sobre a diversidade cultural que vivemos em nosso país e seus variados aspectos, para assim chegarmos à **origem da Festa das Tribos** e narrarmos o contexto educativo e cultural na criação das tribos; **o contexto tribal: Munduruku e Muirapinima** discorremos sobre as tribos e a importância delas para a preservação da história cultural do lugar. **A espetacularidade da criança no contexto das tribos** também foi um item desenvolvido na pesquisa para compreendermos que a espetacularidade da criança não deve ser entendida apenas nos seus gestos, mas também nas suas crenças, vivências e saberes.

Chegamos nesse caminhar a seção V falando sobre os **processos educativos e os saberes identificados na Festa das Tribos** onde identificamos os saberes protagonizados pelas crianças no espaço da festa como: da ludicidade e como ela se

apresenta no comportamento das crianças frente ao contexto tribal; do compartilhar, identificado na relação da criança com ela, com o outro e com o espaço em que se encontra; da afetividade, que no contexto das tribos está associada às relações sociais de convivência que as crianças estabelecem com seus pares; da espetacularidade, relacionada ao movimento corporal da criança; da ancestralidade associada às suas narrativas e seus gestos.

Também ponderamos nessa seção sobre a relação dos saberes com outros tipos de educação, como: Educação pela ludicidade, pela dança; Educação pelo Compartilhar, ensinar e aprender; Educação pela Afetividade com o contexto que está inserido; Educação pela Espetacularidade, o corpo espetacular; Educação pela ancestralidade indígena.

A pesquisa buscou analisar quais saberes e que processos educativos estão presentes no contexto das crianças-brincantes do Festrival e compreender como acontece esse processo educativo na vivência delas em relação ao espaço que estão inseridas. Como pesquisadora me propus a observar com mais atenção o dia a dia das crianças e, nesses dois anos de estudos e a convivência com as crianças na pesquisa de campo meu olhar e minha percepção sobre os processos educativos vividos por elas foi se modificando e também fui amadurecendo meus conceitos ao perceber a visão da criança sobre o contexto da festa.

Nesse percurso busquei responder à questão que norteou este estudo, ao apresentar os saberes identificados na vivência das crianças com seus pares e com o meio em que estão inseridas, os quais se relacionam e contribuem para a perpetuação de diferentes saberes e que suas narrativas juntamente com seus gestos destacam a sua cultura e os saberes que dela surgem. A educação que é o eixo desta pesquisa foi entendida em uma diversidade de saberes existentes no espaço da festa e que ela acontece em contextos não escolares e, em diferentes grupos sociais, que a escola é um importante espaço de educação, contudo, não é o único.

Observei que a espetacularidade no festival se sobrepõe ao aspecto social, fora do período da festa, não existem atividades educativas ou sociais que envolvam a comunidade tribal. Discorro sobre esse aspecto como incentivo para que as associações pensem e planejem seus espaços com o objetivo de permitir que a criança seja protagonista de seu aprendizado, assim como na arte e na vida, que ela entenda com propriedade a importância do Festrival e o que ele deixa de valor e aprendizado para a comunidade tribal.

Notei que o processo educativo que existe nesse contexto é o que as próprias crianças desenvolvem em sua vivência com seus pares, mas o processo educativo institucional, não existe. Que as associações criem projetos com elementos que determinem a interação entre os indivíduos, para que esses possam construir outras possibilidades enriquecedoras.

Vivenciar o contexto do festival foi importante para ampliar meu olhar sobre muitos aspectos existentes na festa, os percalços nesse caminhar me fizeram pensar em desistir do tema pesquisado. Mas, o convívio com as crianças me fez sentir motivada a prosseguir e escrever com “elas” a história cultural e educativa desse lugar.

Após longo percurso nessa trajetória tribal, posso dizer que vivenciei muitos aprendizados, nos aportes teóricos recebidos nas disciplinas do mestrado e nas orientações recebidas dos professores, em especial da minha orientadora, professora Nazaré Cristina Carvalho, que me incentivou a olhar além do contexto escolar formal, por respeitar meu tempo de escrita, que começou de forma bem tímida (primeiros passos da pós-graduação), hoje um pouco mais ágil, me incentiva a buscar mais como pesquisadora no fazer acadêmico.

Seguimos com a festa foi o termo utilizado para nos despedir desses dois anos, dos momentos de entendimento, orientação e produção da pesquisa. A festa segue com seu encanto e magia, abrindo possibilidades de estudo para outras pesquisas. E que as falas das crianças apresentadas no começo dessas considerações também sirvam de incentivo para novos estudos no contexto tribal e novos olhares para a criança e seus saberes em manifestações culturais.

Que a “*ensinança ancestral*”¹⁵ contada pela criança nesse estudo, contribua de alguma maneira para que suas vivências e seus saberes sejam entendidos e respeitados.

¹⁵ Ensinança Ancestral: Tema de música da tribo Muirapinima do ano de 2015

REFERÊNCIAS

AIRES NETO, Francisco. **Carnaval das crias do curro velho: Espaço Educativo de Produção de Saberes**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, 2016.

ALEIXO, Sônia Maria do Rosário. **Saberes e processos educativos em experiências de trabalho no contexto rural-ribeirinho Amazônico**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.

ALVES, Laura Maria Silva Araújo (Org.) **Educação infantil e estudos da infância na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2007.

ALMEIDA, Ivone M. X. A. VALENTE, Elizete T. **ENTRE ARARAS, COBRAS E JACARÉS: a participação de crianças na brincadeira de rua do Cordão da Bicharada no carnaval de Juaba-Cametá-PA**. In: ANDRADE, Simeí e SANTOS, Raquel (Org.) **Infâncias e Culturas Populares da Amazônia**. Curitiba: CRV, 2022.

ANDRADE, Simeí Santos. SANTA BRÍGIDA, Miguel. **ETNOCENOLOGIA E INFÂNCIA: a espetacularidade da criança-brincante na cena carnavalesca em Belém do Pará**. In: ANDRADE, Simeí e SANTOS, Raquel (Org.) **Infâncias e Culturas Populares da Amazônia**. Curitiba: CRV, 2022.

ANDRADE, Simeí Santos. ALVES, Laura Maria Silva Araújo. REIS, Magali dos. **O lugar social da criança ribeirinha da Amazônia Marajoara**. In: MACHADO, Maria Izabel (Org.). **A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano 2**. Editora Atena, 2018.

ANDRADE, Simeí Santos. **A infância da Amazônia Marajoara: Práticas culturais no cotidiano das crianças ribeirinhas**. Curitiba: CRV, 2019.

_____. S.S. **Carnaval e infância: a espetacularidade da criança-brincante da associação carnavalesca bole-bole em Belém/PA**. Relatório técnico de pesquisa (pós-doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciência das Artes, Programa de pós-Graduação em Artes, Belém, 2020.

_____. S.S. SANTOS, Raquel Amorim. **Infâncias e culturas populares na Amazônia**. Curitiba: CRV, 2022.

ARENHART, Denise. **Culturas infantis e desigualdades sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

ASCOM. **Tribo Muirapinima Mirim é composta por seis integrantes com idades entre 6 e 12 anos**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2018/07/18/tribo-muirapinima-mirim-intensifica-preparacao-para-dar-vida-aos-mitos-e-lendas-da-amazonia.ghtml>. Acesso em: 30 de mar. de 2022.

BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

BAKER, Patrícia Andréa Godinho. **Caminhos do Círio: saberes, culturas e vivências infantis no Círio de Nazaré**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 28^o ed., 1993.

_____, C.R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____, C. R. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.

_____, C.R. **Viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação**. In: SILVA, René Marc da Costa (Org). **Cultura popular e educação – Salto para o futuro**. Ministério da Educação. Brasília, 2008.

_____, C.R. **A Educação Como Cultura**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

_____, C.R. **A Educação Como Cultura**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2002. p.15/131.

BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Prefácio Michel Maffesoli. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. Trad. Heloisa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 2013. Ensaio Latino-americanos 1.

CARVALHO, Nazaré Cristina. **Saberes do cotidiano da criança ribeirinha**. Artigo, edição v.4n.8. Revista Cocar, 2010. Disponível em <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/50>. Acesso em: 29 de abr.de 2022.

_____, Nazaré Cristina. **Caleidoscópio do Imaginário Ribeirinho Amazônico**. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ., Juiz de Fora, v. 16, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: file:///C:/Users/ADRIANE/Downloads/2840-8717-2-PB.pdf. Acesso: 08 de janeiro de 2023.

COELHO, M. N. **Grandes Mineradoras e processos de territorialização na Amazônia Brasileira**. In: BICALHO, M. S. M.; GOMES, P. C. C. (org.). **Questões metodológicas e novas temáticas na pesquisa geográfica**. Rio de Janeiro: Publit, 2009.

COULON, Alan. **Etnometodologia**. Tradução de Efraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1995a.

_____, A. **Etnometodologia e educação**. São Paulo: Cortez, 2017.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2011.

_____, A. **A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças**. Educação, Sociedade e Cultura, Porto, Portugal, n.17, p.113-134, 2002.

CRUZ, Silvia H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

CHIZZOTTI, A. (2006). **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8a ed. São Paulo: Cortez.

_____, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 10ª ed. São Paulo, Cortez, 2009.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DIAS, Caio. **Muirapinima e Munduruku estão em busca do título de campeão 2018**. Disponível em: <https://www.deamazonia.com.br/?q=278-conteudo-87750-tribos-iniciam-neste-sabado-28-a-disputa-do-festribal-em-juruti>. Acesso em: 30 de mar. de 2022.

DIAS, João Aluizio Piranha. **A festa do Çairé e a resistência indígena: uma experiência ancestral dos Borari em Alter do Chão, Santarém, Pará**. 2019. Tese (Doutorado) do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia-PGSCA- Universidade Federal do Amazonas/UFAM, 2019.

DIAS, Thainá. Retorno: após dois anos, festival das tribos está de volta em Juruti. 2022. Disponível em: <https://www.oliberal.com/cultura/retorno-apos-dois-anos-festival-das-tribos-esta-de-volta-em-juruti-1.567350>.

ESTATÍSTICA MUNICIPAL – **Juruti, 2011**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/?lang...para%25257Cjuruti=> Acesso em: 06 de mar., de 2022.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Revista Educação & Sociedade, Campinas, n. 79, p. 257-272, ago. de 2002. Disponível em: https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270254174_ARQUIVO_Contribuicaoahistoriaoralparaostrabalhosdegenero,sexualidadeeeducacaoapresentadosnoGT23daAnped.pdf. Acesso: 29 de abr., de 2022.

FUJIYOSHI, Sílvia. **Juruti animada para os quatro dias de folia do festival das tribos**. 2019. Disponível em: <https://redepara.com.br/Noticia/200956/juruti-animada-para-os-quatro-dias-de-fofia-do-festival-das-tribos>. Acesso em 04 de abr. de 2022.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____, Paulo. **Educação e Mudança**. 14.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREITAS, G. G. de. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. 2.ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999. 96p.

GAMA, Eder de Castro. **Festival da Canção de Itacoatiara (FECANI): o local e o regional na perspectiva de um evento musical na Amazônia**. 2009. Dissertação (Mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia- Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Amazonas, 2009.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e de grupos**. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora S.A., 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A. S. (1995b). **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, 35(4), 65-71.

GOMES, Célia Conceição Sacramento. **O ritual e o lúdico nas tradições culturais: poéticas e performances**. In: BIÃO, Armindo (org.). **Anais do V Colóquio Internacional de Etnocologia**. Salvador: Fast Design Editora, 2007b. p.61-68.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação**. 9.ed. Campinas, SP: Papirus, 1994. 197p.

HEGENBERG, Leônidas. **Etapas da investigação científica**. Leis, Teorias, Método V. 2 Editora: E.P.U., 1976. p. 114.

HONORATO, A. et al. **A vídeo-gravação como registro, a devolutiva como procedimento: pensando sobre estratégias metodológicas na pesquisa com crianças**. in: Reunião anual da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em Educação, 29., 2006, Caxambu. Anais..., Caxambu: ANPED, 2006.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo 2021. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 08 de maio de 2022.

INGOLD, T. (2020). **Antropologia e/ou como educação**. Tradução de: Vitor Emanuel Santos Lima, Leonardo Tangel dos Reis. Vozes.

IKEDA, Alberto Tsuyoshi; PELLEGRINI FILHO, Américo. **Celebrações populares: do sagrado ao profano**. In: **Centro de estudos e pesquisas em educação e ação comunitária**. Terra Paulista: Histórias, artes, costumes, v. 3, **Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial; CENPEC, 2008, p.207.

JOSÉ FILHO, Pe. **Pesquisa: contornos no processo educativo**. In: JOSÉ FILHO, Pe. M; DALBÉRIO, O. **Desafios da pesquisa**. Franca: UNESP- FHDSS, p. 63-75, 2006.

JURUTI (PARÁ). In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jurutu>. Acesso em 02 de abr. de 2022.

KRAMER, Sônia (Org.). **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. **Infância, educação e direitos humanos**. 4. ed. São Paulo, Cortez, 2011, p. 93-151.

KRAMER; SANTOS. **Contribuições de Lev Vygotsky para a pesquisa com crianças**. In: MARCONDES, M. I.; OLIVEIRA, I. A.; TEIXEIRA, E. (Orgs.). **Abordagens teóricas e construções metodológicas na pesquisa em Educação**. Belém: EDUEPA, 2011.

LIMA, Nair Santos. **A festa das tribos: perspectivas comunicativas em um cenário de resistência**. RIF, Ponta Grossa/ PR Volume 18, Número 41, p.110-134, julho/dezembro 2020. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/6317/631766106009/html/>. Acesso em: 15 de out.de 2021. f. 1-20.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia Fuhrmam. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEITE, Miriam Moreira. **Imagem e educação**. In: SEMINÁRIO PEDAGOGIA DA IMAGEM NA PEDAGOGIA. Anais... Rio de Janeiro: UFF, 1996.

LÊNIN, W. **Cahiers philosophiques**. Paris: Sociales, 1965. p.28.

LOIZOS, P. **Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa**. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 137-155.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejusp, 1995.

_____, João de Jesus Paes. **Elementos de Estética**. 3.ed. ver. E ampl. Belém: EDUFPA, 2002.

LOPES, Luís Otávio do Canto. **Conflito Socioambiental e (Re)Organização Territorial: Mineradora ALCOA e Comunidades Ribeirinhas do Projeto Agroextrativistas Juruti Velho, Município de Juruti-Pará-Amazônia-Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. 270 p. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

LUCKESI, Cipriano. “**Ludopedagogia: partilhando uma experiência e uma proposta**”. In: Luckesi, C. **Ludopedagogia Ensaios**. Educação. Educação e Ludicidade. FAGED/UFBA, 2000.

_____. **Estados de consciência e atividades lúdicas**. In: PORTO, Bernadete. **Educação e ludicidade**. Ensaios 3. Salvador: UFBA, 2002, pp. 11-20.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia Africana para Descolonizar Olhares: Perspectivas para o Ensino das Relações Étnico-raciais**. # Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, Canoas, v. 3, n. 1, 2014.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **A criança abandonada na história de Portugal e do Brasil**. In: VENANCIO, Renato Pinto. (Org.). **Uma história social do abandono de crianças: de Portugal ao Brasil: séculos XVIII-XX**. São Paulo: Editora PUC Minas, 2010, p. 13-37.

MARCHI, João Alfredo Martins. “**FAZ ASSIM Ó**”: **como as crianças ensinam e o que as escolas podem aprender com elas**. 2017. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia de trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4^a ed. p.43 e 44.

MARTINS, José de Sousa. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELLO, Lúcia. **Etnometodologia e Educação**. In: **Apostila da disciplina Sociologia da Educação**. Curso de Especialização em Docência da Educação Superior. UEPA, 2007.

MEDEIROS NETO, Carlos Gomes de. **Saberes indígenas, culturas de movimento e interculturalidade: cenários na comunidade Catu/RN**. 2019. Dissertação

(Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação- Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN. Catu, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O Desafio do Conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. 2ª ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 1993.

_____. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1995.

_____. M.C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

_____. M.C.S. **O desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.9-29.

_____. M.C.S.(Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. M.C.S.**O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**.14. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2015.

MIRANDA, Júlia Cleide Teixeira de. **O ritual da Festa do Moqueado: educação, cultura e identidade na sociedade indígena Tembé-Tenetehara**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, 2016.

MORZONI, Mario. FERRAZ Cecilia, PINTO, Daniela Gomes. **Mapa de Juruti**. Indicadores de Juruti: monitoramento 2011.Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/15359>. Acesso: 12 de abr.de 2022.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. **A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa: um instrumento metodológico possível**. Revista Temas em Educação. [online], v. 23, n.1, p. 98-106, jan. -jun.2014. Disponível: <https://periodicos.ufpb.br>. Acesso: 11 de abr.de 2022.

MONTEIRO, Mara M. **Leitura e escrita: Uma análise dos problemas de aprendizagem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MONTEIRO, L.; FORTUNATO, I.; PORTO, M. R. S. **Afetividade e os saberes da prática docente: Uma análise de teses e dissertações**. Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ., Araraquara, v. 23, n. 00, e022017, 2022. e-ISSN: <https://doi.org/10.30715/doxa.v23i00.17463>.

MOTA, Marinte Lourenço. **A criança na fronteira amazônica: o viver no fio da navalha e o imaginário da infância**. 2016.Tese (Doutorado) do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia- PGSCA- Universidade Federal do Amazonas/UFAM, 2016.

MUNDURUKU, Daniel (2002). Kabá Darebu. **Ilustrações de Marie-Thérèse Kowalczyk**. São Paulo: Brinque e Book.

MUNDURUKS, Tribo. **Foto das crianças no dia de apresentação no Festribal**. Disponível em: <https://www.facebook.com/tribomunduruku/fotos>. Acesso em: 30 de mar. de 2022.

NORA, Pierre. “**Entre memória e história: a problemática dos lugares**”. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

OIMPACTO. **Foto da frente da cidade de Juruti**. Disponível em: <https://amazoniaacontece.blogspot.com/2014/04/juruti-se-prepara-para-comemorar-131.html>. Acesso 30 de mar. de 2022.

OLIBERAL. Festival está de volta com público nesta quinta-feira, 28, em Juruti, 2022. Disponível em: <https://parawebnews.com/festribal-esta-de-volta-com-publico-nesta-quinta-feira-28-em-juruti/>.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Ancestralidade na Encruzilhada**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **O problema da afetividade em Vygotsky**. In: LA TAILLE, Y. (Org.) **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992. p. 75-84.

PASTANA, Marlon Assis. **Cultura, saberes e educação: a festividade de São Tiago em Mazagão Velho na voz das crianças no Estado do Amapá**. 2017. Dissertação (Mestrado) do Programa de Pós-Graduação em educação- Universidade do Estado do Pará – UEPA, 2017.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

PITTA, Danielle P. Rocha; **Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2017.

POLLAK, Michael. “**Memória e identidade social**”. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

PME. **Plano Municipal de Educação**. 2015/2025. Disponível em: <file:///C:/Users/Santos/Downloads/PME%20DOCUMENTO%20BASE%20JURUTI.pdf>. Acesso 05 de maio de 2022.

PSATHAS, G. Alfred Schutz's. **influence on American sociologists an sociology**. Human Studies, v. 27, n. 1, p. 1-35, 2004.

PROCÓPIO, Maria Gorete Cruz. **Festa do Jacaré na Aldeia Indígena Assurini Trocará: espaço educativo e de manifestações de saberes**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, 2015.

PROJETO CONEXÃO LOCAL: **desenvolvimento sustentável de Juruti**, 2008.

PROJETO INDICADORES DE JURUTI: **para onde caminha o desenvolvimento do município**. Realização Fundação Getúlio Vargas, 2009.

PROJETO INDICADORES DE JURUTI: **para onde caminha o desenvolvimento do município**. Realização Fundação Getúlio Vargas, 2011.

PROJETO TECENDO A REDE. Disponível em: <http://www.childhood.org.br>. Acesso em: 21 de mar. de 2022.

QUINTEIRO, Jucirema. **Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção**. In: FARIA, Ana L. G. de; DEMARTINI, Zélia de B. F; PRADO, Patrícia D. (Orgs). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisas com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

RIBEIRO, Jaqueline de Fátima. **Infância e Terreiro: um estudo de vivências de crianças que frequentam o espaço de uma religião de matriz africana**. 2016. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em educação- Universidade Federal Fluminense- UFF. Niterói, 2016.

RADIER, Jean- Marie. **Etnocenologia**. In: BIÃO, Armindo e GREINER, Christine. In: **Etnocenologia: textos selecionados**. São Paulo: Annablume, 1998.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. ECKERT, Cornélia. **Etnografia: saberes e práticas**. In: PINTO, Celi Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (Orgs.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

SAÚDE. Ministério. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 6 de abr. de 2022.

SANTA BRÍGIDA, Miguel. **A Etnocenologia como desígnio de um novo caminho para a pesquisa acadêmica-Ampliação do odo e do lugar de olhara cena contemporânea**. In: BIÃO, Armindo (Org.). **Anais do V Colóquio Internacional de Etnocenologia**. Salvador: Fast Design Editora, 2007. P.199-203.

SANTOS, Élber Norton de Souza dos. **EM TORNO DA JUTICULTURA: Apontamentos sobre o sistema de aviamento na cadeia de produção da juta**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará, 2018.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. Coleção primeiros passos; 110. 16. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2001.

SANTOS, Tânia Regina Lobato dos; CUNHA, Paula dos Santos Fernandes. **Educação infantil e educação especial em tempos de educação inclusiva.** ISSNe 1980-4512 | v. 20, n. 38 p. 431-453 | jul.-dez 2018.

SANTIN, S. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade.** Ijuí, RS: Livraria UNIJUÍ Editora, 1987. 125p.

SARMENTO, M.J. **Sociologia da Infância: correntes e confluências.** In: SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. de. (Org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais.** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

SILVA, Maurício Roberto. **Trama Doce-Amarga: exploração do trabalho infantil e cultura lúdica.** São Paulo: HUCITEC; IJUÍ: Unijuí, 2003.

SILVA, Dilma Oliveira da. **Crianças que dançam, crianças que louvam: saberes e processos educativos presentes na Marujada de Tracuateua/PA.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém/PA 2017.

SILVA, João Marcio Palheta da, SILVA, Christian Nunes da. Juruti: **uma comunidade Amazônica atingida pela mineração.** Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-de-Juruti-Para-Bras03785874>. Acesso em: 02 de abr. de 2022.

SOUZA, Inéia Simas de. **FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS: um olhar sociocultural e educacional.** 2011. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Manaus, 2011.

TEIXEIRA. Elizabeth.; OLIVEIRA, Ivanilde. Apoluceno. **Cuidados éticos na Pesquisa.** In: MARCONDES, M.I; OLIVEIRA, I.A. DE; TEIXEIRA, E. (Org.) **Metodologias e Técnicas de pesquisa em educação.** Belém: EDUEPA, 2010.

TEIXEIRA, Joaquim de Sousa. **Festa e Identidade. Comunicação e Cultura.** No 10, p. 17-33, 2010. Disponível em: <http://comunicacaoecultura.com.pt/wp-content/uploads/01.-Joaquim-de-Sousa-Teixeira.pdf>. Acesso em: 26 set. 2022.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial.** São Paulo: Editora 34,2000.

THOMPSON. J. B. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

VARELA, Fernanda Nílvea Pompeu. **UMA FESTA DE PRETOS: ecos de resistência e poder no culto a São Benedito em Carapajó/Cametá-Pará.** 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará – UFPA- Campus Universitário de Cametá – Programa de Pós-Graduação em educação e cultura, Cametá, 2020.

VENAS, Raíza Moreira Martins. Tem criança na roda! Percepções da infância nas rodas de samba. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

VYGOTSKY, L. S. (1984). **A Formação Social da mente**. (6a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

_____. **Imaginação e Criação na Infância: ensaio psicológico**. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2007.

VOSGERAU, Dimeire. Sant'Anna. Ramos.; ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas**, Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014.

WALACE, Frank (SEMCOM). **Vista aérea da cidade de Juruti, 2014**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2014/04/juruti-completa-131-anos-nesta-quarta-feira-veja-programacao.html>. Acesso em 12 de abr. 2022.

ZUMTHOR, P. **Introdução a Poesia Oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lucia Diniz Porchat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Jarleane do Socorro Barbosa de Melo dos Santos, professora pedagoga da educação básica e discente do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, com ingresso no programa em Março/2021, tendo como previsão de término para Abril/2023, venho por meio deste, muito respeitosamente, solicitar autorização e firmar por escrito um acordo voluntário comum entre as partes – Pesquisadora, Pais e/ou Responsáveis e as Crianças, para que você possa autorizar sua criança a participar desse estudo com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos a que se submeterá, podendo sair da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo. Essa pesquisa é de minha responsabilidade e está sobre orientação da prof.^a. DR^a Nazaré Cristina Carvalho, Telefone: (91) 991884231, e-mail: n_cris@uol.com.br. Contudo, caso não aceite que sua criança participe desse estudo, não haverá nenhum problema, pois desistir é um direito seu e de sua criança e isso não acarretará nenhuma penalidade. Abaixo segue as informações.

1. Título da pesquisa: “FESTIVAL DAS TRIBOS INDÍGENAS (FESTRIBAL): Saberes e Vivências da criança jurutiense”.

2. Objetivo principal: Analisar os saberes vivenciados e compartilhados pelas crianças que dançam do Festival das Tribos Indígenas da cidade de Juruti/PA.

3. Justificativa: A proposta dessa pesquisa se entrelaça e se justifica a partir da minha trajetória acadêmica nesses 22 anos como educadora da Educação Básica em uma cidade onde a cultura indígena é apresentada e encenada por duas tribos, reunindo aspectos tradicionais e culturais do povo originário da região, suas indumentárias, adereços, rituais e alegorias procuram transmitir com fidelidade os costumes, crenças e lendas dos ancestrais amazônicos, com o objetivo de valorizar as raízes indígenas, defender suas vozes e seus direitos. Fiz magistério e em seguida pedagogia, a partir daí minhas pesquisas no meio acadêmico tinham um olhar para a criança e seu ambiente educativo. Contudo, para continuar esse processo em que a criança tem seu destaque, sinto a necessidade de compreender a participação delas em uma manifestação cultural chamada Festribal (festival das tribos indígenas) que acontece na cidade de Juruti/PA, considerando seus saberes através de seu olhar e de sua voz. Pois, não se pode falar de uma educação, que não considere os saberes e a cultura na qual a criança está inserida.

4. Procedimentos: Você será contatado no contexto dos ensaios, no local onde as crianças estão se preparando para a apresentação do Festribal, se preferir a pesquisadora poderá se direcionar a sua residência para obter as informações necessárias para a pesquisa, sem interferir na sua rotina diária.

5. Riscos: A presença e permanência da pesquisadora no contexto do “FESTRIBAL” poderá ocasionar algum desconforto e/ou constrangimento na realização das atividades diárias dos sujeitos, devido à presença de uma pessoa que não é do convívio da comunidade brincante, as crianças poderão ficar incomodadas, tímidas ou até mesmo receosas em compartilhar seus momentos lúdicos de forma

espontânea. Se essas situações ocorrerem, ressaltamos que todos os momentos serão dialogados com as crianças intérpretes dessa investigação e com os demais sujeitos da comunidade brincante, com o intuito de interferir o mínimo possível durante o período das visitas e permanência na comunidade brincante, garantindo o máximo de respeito pelas rotinas no campo da investigação. Para diminuir as possíveis inquietações e/ou inseguranças durante a pesquisa, asseguramos o retorno prévio dos registros das falas das crianças aos pais e/ou responsáveis, para que possa ser consentida a autorização dos dados coletados que estarão presentes no relatório da pesquisa, assim como na dissertação de mestrado.

6. Benefícios: Esse estudo visa o reconhecimento e a notoriedade do espetáculo tribal chamado “Festribal”, entendido pelo olhar da criança e de como os saberes que emergem dessa manifestação cultural são vivenciados e compartilhados por elas. Nessa perspectiva, propomos como benefício dessa pesquisa a aproximação da realidade no contexto cultural que refletem saberes existentes em manifestações culturais como o Festival das Tribos e assim contribuir para visibilizar os saberes vivenciados e compartilhados pelas “crianças-brincantes” do Festribal. E ainda, com esse estudo espera-se colaborar com a história desse lugar e desses sujeitos que vivenciam essa manifestação cultural em forma de apresentação no sentido de entender a participação ativa da criança no contexto em que ela está inserida.

7. Retirada do Consentimento: Em qualquer momento você terá a liberdade de retirar seu consentimento e deixar de participar do estudo, sem nenhum prejuízo.

8. Garantia do Sigilo: A pesquisadora garante a privacidade e a confidencialidade dos seus dados.

9. Formas de Ressarcimento das Despesas e/ou Indenização Decorrentes da Participação na Pesquisa: A participação na pesquisa não está condicionada a qualquer retorno de caráter financeiro ou compensatório pessoal relacionado à autorização concedida aos pais e/ou responsáveis, bem como às próprias crianças envolvidas na pesquisa, mas se ocorrer uma situação em que haja necessidade de cobrir despesas decorrentes da pesquisa ou danos causados pela pesquisa, os gastos serão de responsabilidade da pesquisadora.

10. A qualquer momento da pesquisa você poderá entrar em contato pelos meios disponibilizados neste termo, como telefone ou e-mail, tanto das pesquisadoras como do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

11. CEP (Comitê de Ética) é um órgão institucional constituído por profissionais de várias áreas da saúde, que são encontradas em instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas de acordo com sua integridade e dignidade. Este órgão tem como objetivo contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos (Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa envolvendo Seres Humanos –Res. CNS no 466/12). O Comitê de Ética é responsável pela avaliação e acompanhamento dos protocolos de pesquisa sobre normas éticas. Endereço do Comitê de Ética da UEPA: Tv. Perebebuí, 2623/Marco, Cep: 66087-670 – 1o Andar da Biblioteca, UEPA/CCBS – Campus II. Fone: 3131-1781 e e-mail: cepccbs@uepa.br.

12. Informações da pesquisadora: Jarleane do Socorro Barbosa de Melo dos Santos (pesquisadora responsável). Endereço: Antônio Barreto, 1240. Edifício Torre Unitá-Umarizal- Belém/PA.CEP: 66060-020. Contato: (91) 98145-9220. E-mail: jarleanepmj@yahoo.com.br / jarleanemsantos@gmail.com.

13. Este termo está impresso em 2 vias, sendo que uma fica com você e outra com o pesquisador, ambas devem ser rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, por você e pelo pesquisador, devendo as assinaturas estarem na mesma folha.

Declaro que obtive de forma ética a assinatura do participante da pesquisa e que segui rigorosamente tudo o que a resolução do CNS no 466/12 apresenta.

NAZARÉ CRISTINA CARVALHO
(Orientadora responsável)

JARLEANE DO SOCORRO BARBOSA DE MELO DOS SANTOS
(Pesquisadora Responsável)

14. Consentimento Pós-Infirmação:

Eu, _____, após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha participação é voluntária e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum para mim. Confirmando que recebi uma via deste termo de consentimento, e autorizo a realização do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos somente em meio científico.

Juruti (PA), ____/____/____

Assinatura do (a) responsável da criança

APÊNDICE B

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE (CRIANÇAS DE 7 A 12 ANOS – ELABORADO DE ACORDO COM AS RESOLUÇÕES 466/2012;510/2016 – CNS/CONEP)

CONVITE

Convidamos você criança a participar do projeto de pesquisa por título “FESTIVAL DAS TRIBOS INDÍGENAS(FESTRIBAL): Saberes e Vivências da criança jurutiense”.

AGORA VAMOS EXPLICAR SOBRE O ESTUDO PARA VOCÊ E O QUE VAMOS FALAR NESSA PESQUISA:

- ⇒ Queremos analisar os saberes vivenciados e compartilhados por vocês crianças que participam do Festribal.

O QUE VAI ACONTECER NESSA PESQUISA?

- ⇒ **1ª etapa: Observação participante:** Nessa etapa iremos observar e em alguns momentos conversaremos sobre os ensaios que antecedem o Festribal.
- ⇒ **2ª etapa: Roda de conversa e entrevista individual:** Vamos conversar um pouco sobre o que motivou vocês a dançarem no Festribal e qual a importância da festa para vocês.
- ⇒ **3ª etapa: Registro fotográfico:** Iremos registrar o envolvimento e a participação de vocês antes e durante os dias do Festribal.
- ⇒ **4ª etapa: Filmagem:** Iremos registrar os detalhes da participação de vocês nos ensaios e no dia do Festribal.
- **Obs.: Todas essas etapas levam algumas horas e até mesmo dias, mas nada que interfira na rotina dos ensaios e no dia a dia de vocês.**

POR QUANTO TEMPO VOU PARTICIPAR DESSE ESTUDO?

- ⇒ No momento da aceitação você vai participar até o final, que será no dia da apresentação. Contudo, se por acaso surgir a vontade de não participar mais da pesquisa, fiquem tranquilas, está tudo bem, é só nos dizer.
- ⇒ Se em algum momento falarmos algo que vocês não entendam, é só chamar que explicamos tudo de novo.
- ⇒ Se alguém ficar com vergonha ou nervosa e não quiser falar na frente dos outros coleguinhas, venha falar conosco que conversamos.

- ⇒ As crianças que quiserem participar da pesquisa, vão nos ajudar a entender melhor os saberes vivenciados e compartilhados por vocês no Festribal.
- ⇒ O que acha? Você quer participar da pesquisa e falar do amor que sente pela tribo do coração? E de como esse amor se transforma em aprendizado para quem participa da festa como criança-brincante e como espectador?

PARTICIPAR NO ESTUDO CUSTA ALGUMA COISA?

- ⇒ Não custa nada. A participação na pesquisa não está condicionada a qualquer retorno de caráter financeiro ou compensatório pessoal relacionado à autorização concedida aos pais e/ou responsáveis, bem como às próprias crianças envolvidas na pesquisa, mas se ocorrer uma situação em que haja necessidade de cobrir despesas decorrentes da pesquisa ou danos causados pela pesquisa, os gastos serão de responsabilidade da pesquisadora.

E SE EU TIVER DÚVIDAS SOBRE O ESTUDO?

- ⇒ Peça para seu responsável ligar para as pesquisadoras



Cristina Carvalho
(91) 99188-4231



Jarleane Santos
(91) 98145-9220

- ⇒ Caso aconteça algo durante a pesquisa que desagrade muito você, peça para seu responsável ligar para o Comitê de Ética, fone: (91) 3276-0829. Localizado na travessa: Perebebuí, nº 2623, bairro: Marco-Belém/Pará.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO

Eu sou: _____

Meu Responsável: _____

Assinatura da Criança

Polegar direito da criança

Assinatura da Pesquisadora



()



()

APÊNDICE C

PERFIL SÓCIO-HISTÓRICO E CULTURAL DA CRIANÇA-BRINCANTE

1- Qual o seu nome e idade?

2- Em que escola estuda? Em que série?

3- Com quem você mora? Em que bairro?

4- Qual sua religião?

APÊNDICE D

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA RODA DE CONVERSA E ENTREVISTA

1- A quanto tempo você dança no Festribal?

2- O que você mais gosta no Festribal?

3- Tem alguma coisa que você não gosta na festa?

4- Você gosta dos ensaios? Acha eles cansativos?

5- Vocês brincam de outras brincadeiras no intervalo dos ensaios?

6- Vocês já aprenderem ou ensinaram algo para alguém do grupo? O que?

7- Alguém incentiva vocês a dançarem na festa?

8- Qual item (personagens principais da festa) vocês mais gostam?

9- O que vocês aprendem sobre o Festival das tribos indígenas?

10- O que o Festribal significa para você?

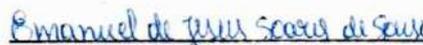
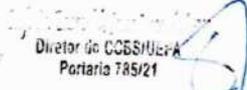
ANEXOS

ANEXO A



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa FESTIVAL DAS TRIBOS INDÍGENAS: Saberes e vivências da criança jurutiense			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 12			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7: Ciências humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: JARLEANE DO SOCORRO BARBOSA DE MELO DOS SANTOS			
6. CPF: 716.674.822-20	7. Endereço (Rua, n.º): ANTONIO BARRETO 1126-1535 UMARIZAL APTO 2501B BELEM PARA 66060020		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 91961459226	10. Outro Telefone:	11. Email: jarleanebsantos@gmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: <u>22</u> / <u>08</u> / <u>2022</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade do Estado do Pará - UEPA, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde		13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão:
15. Telefone: (91) 3276-0829	16. Outro Telefone:		
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável:	 Emanuel de Jesus Soares de Souza		CPF: <u>087494852-53</u>
Cargo/Função:	 Diretor do REBS/UEPA		
Data: <u>23</u> / <u>08</u> / <u>2022</u>	 Assinatura		
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica			

ANEXO B

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA TRIBO MUNDURUKUS

A Associação Folclórica Tribo Mundurukus da cidade de Juruti/Pá, na pessoa do seu presidente o Sr. Alex Guedes, autoriza a pesquisa por tema "FESTIVAL DAS TRIBOS INDÍGENAS: Saberes e Vivências da criança jurutiense", tendo como principal objetivo analisar os saberes existentes e compartilhados pela criança na manifestação cultural: Festribal. Outros objetivos consistem em: 1- Descrever os fatores que estimulam a participação da criança no Festribal; 2- Compreender quais significados tem o Festribal para a criança; 3- Identificar os saberes vivenciados e compartilhados pela criança em sua participação no festival das tribos.

Assim sendo, a pesquisadora Jarleane do Socorro Barbosa de Melo dos Santos, estudante de Pós- Graduação strictu sensu em Educação pela Universidade do Estado Pará – PPGED/UEPA, compromete-se a não causar qualquer prejuízo que possa atingir direta ou indiretamente as famílias e as crianças-brincantes que participam do contexto FESTRIBAL.

Juruti (PA), 26 / 07 / 2022



ALEX GUEDES

Presidente da Associação Folclórica Mundurukus

ANEXO C

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA TRIBO MUIRAPINIMA

A Associação Folclórica Tribo Muirapinima da cidade de Juruti/Pá, na pessoa do seu presidente o Srº. Sandro Silva, autoriza a pesquisa por tema "FESTIVAL DAS TRIBOS INDÍGENAS: Saberes e Vivências da criança jurutiense", tendo como principal objetivo analisar os saberes existentes e compartilhados na manifestação cultural: Festribal. Outros objetivos consistem em: 1- Descrever os fatores que estimulam a participação da criança no Festribal; 2- Compreender quais significados tem o Festribal para a criança; 3- Identificar os saberes vivenciados e compartilhados pela criança em sua participação no festival das tribos.

Assim sendo, a pesquisadora Jarleane do Socorro Barbosa de Melo dos Santos, estudante de Pós- Graduação strictu sensu em Educação pela Universidade do Estado Pará – PPGED/UEPA, compromete-se a não causar qualquer prejuízo que possa atingir direta ou indiretamente as famílias e as crianças-brincantes que participam do contexto FESTRIBAL.

Juruti (PA), 26/07/2022



SANDRO SILVA
Presidente da Associação Folclórica Muirapinima



**Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra s/n – Telégrafo
66113-200 – Belém-PA**

